



Instituto Politécnico de Tomar  
**Escola Superior de Tecnologia de Tomar**

**Marta Margarida Silva Santos**

**ESTUDO E INTERVENÇÃO DE  
CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE UMA  
PREGUICEIRA DA COLEÇÃO MOBILIÁRIO  
DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN**

Relatório de Estágio

Orientado por:

Rui Filipe Teixeira Xavier – Museu Calouste Gulbenkian  
Fernando dos Santos Antunes – Instituto Politécnico de Tomar

Relatório de Estágio apresentado ao  
Instituto Politécnico de Tomar  
para cumprimento dos requisitos necessários  
à obtenção do grau de  
Mestre em Conservação e Restauro

Este exemplar tem correções efetuadas após a prova pública de discussão.

*«Coleccionei durante tantos anos para meu próprio prazer e dei às minhas obras tanto de mim próprio, que não as considero coisas inanimadas. Muito pelo contrário, sempre me pareceu que correspondiam aos meus cuidados e ao meu afecto (...)»*

*Calouste Sarkis Gulbenkian*

*À Felisbela e ao António.*





## RESUMO

---

O trabalho que se apresenta é um relato do desenvolvimento de um estágio curricular realizado no âmbito do Mestrado em Conservação e Restauro, da especialidade de mobiliário, do Instituto Politécnico de Tomar. O estágio decorreu normalmente no Setor de Conservação e Restauro do Museu Calouste Gulbenkian, com o principal objetivo no estudo e intervenção de uma preguiceira Império, da coleção de mobiliário, adquirida pelo fundador Calouste Gulbenkian. O estudo procurou contextualizar o bem cultural, histórica e artisticamente, caracterizar os materiais e técnicas, bem como o seu estado de conservação, a fim de desenvolver uma metodologia de intervenção, previamente proposta e refletida, adaptada ao objeto.

O estado físico da preguiceira, à medida que foi descoberto, revelou desafios do ponto de vista da conservação e restauro. Por ser um móvel estofado com materiais têxteis e metálicos, foi necessária a colaboração de diferentes especialistas.

Não obstante o objetivo principal incidir sobre um objeto específico, no decorrer do estágio, foi possível acompanhar um pouco do dia-a-dia de uma instituição museológica, conhecendo melhor a organização do MCG e as atividades do Setor de Conservação e Restauro. Foi ainda possível participar no tratamento de outros objetos da coleção, do fundador e de arte moderna, encarando desafios e oportunidades. No âmbito das práticas preservação das coleções, inicialmente propostas, foi iniciado um levantamento do estado de conservação dos objetos em exposição permanente na Sala de Artes Decorativas Europeias, onde se encontram exemplares de mobiliário do século XVIII.

**Palavras-chave:** bens culturais; mobiliário; Império; conservação e restauro.



# ABSTRACT

---

The following report is based on the events that occurred under the progress of a curricular internship in the ambit of the Masters in Conservation and Restoration, specialized in furniture, by the Polytechnic Institute of Tomar. The internship befell in the Conservation and Restoration Sector of the Calouste Gulbenkian Museum, being its main goal the study and intervention of an Empire daybed, from the furniture collection of Calouste Gulbenkian, its founder. The study had the intent of the item's historical and artistic contextualization, characterization of the materials and techniques, as well as its state of conservation, in order to develop an intervention methodology, previously proposed and reflected, adapted to the object itself.

The condition state of the daybed, revealed during the study progression, rose challenges concerning its conservation and restoration. Being it an upholstered furniture, possessing textile and metallic materials, there was the necessity of involving various specialists.

Besides the main goal being focused on a specific item, the advancement of the internship allowed to experience the daily basis of a museology institution and to gain knowledge about the Calouste Gulbenkian Museum and the activities of the Conservation and Restoration Sector. Furthermore, it was possible to contribute to the treatment of other objects of the collection, of the founder and of modern art, facing diverse challenges and opportunities. Regarding the museum collection preservation practices, initially proposed, a gathering of the state of conservation was started, focused on the objects that were exposed permanently in the European Decorative Arts Room, being specimens of furniture from the 18th century among them.

**Keywords:** cultural items; furniture; Empire; conservation and restoration.



## AGRADECIMENTOS

---

Aos meus orientadores, por me proporcionaram as condições necessárias para a concretização deste estágio, pela partilha de conhecimento, pertinência de questões, incentivo e amizade.

Às colegas do Museu, Rita Gordo e Mafalda Fernandes, que bem me receberam e apoiaram.

Ao conjunto de técnicos, especialistas, docentes e investigadores que, de algum modo, contribuíram ao longo do processo de Estágio:

O Dr. Luís Pedro, pela partilha e acompanhamento dos tratamentos aos tecidos;

A Dr.<sup>a</sup> Clara Serra, pela disponibilidade e esclarecimentos sobre o objeto;

O Sr. Paulo Simões, pelas elucidações sobre estofados;

Ao Professor Miguel Moncada, pela colaboração dada;

À Doutora Isabel Tissot, pelas recomendações, sugestões e pela cooperação;

O Doutor Vítor Gaspar, pelo trabalho que teve a concretizar os exames pedidos e pela descrição dos resultados;

Ao Mestre Carlos Coelho, que nos recebeu na cidade de Abrantes, disponibilizando o seu contributo em laboratório.

Aos meus amigos, que me acompanharam nesta longa etapa prestando grande apoio, em especial ao Daniel Cabaceira, pela paciência, à Beatriz Pereira, ao Carlos Silva, à Catarina Cunha, à Miriam Figueiredo e ao Nuno Pereira.

Por fim, e não menos importante, à família e aos meus pais, a quem muito agradeço.



# Índice

Índice de figuras .....	v
Índice de tabelas .....	xiii
Lista de siglas e abreviaturas .....	xv
Lista de símbolos .....	xvii
<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>I. Setor de conservação e restauro do Museu .....</b>	<b>3</b>
1. Considerações prévias .....	3
2. Serviços e procedimentos internos .....	3
3. Acondicionamento e embalagem de obras de arte .....	5
<b>II. Estudo e intervenção de uma preguiceira do Museu Calouste Gulbenkian .....</b>	<b>7</b>
1. Identificação da obra .....	7
1.1. Descrição .....	7
1.2. Denominação .....	8
2. Contextualização histórico-artística .....	9
2.1. Considerações prévias .....	9
2.2. Contextualização histórica .....	10
2.3. O colecionador Calouste Gulbenkian .....	14
2.4. Enquadramento artístico .....	16
2.5. Preguiceiras francesas do estilo império .....	18
3. Caracterização material e técnica .....	19
3.1. Considerações prévias .....	19
3.2. Exames e análises laboratoriais .....	20
3.2.1. Identificação de liga metálica .....	20
3.2.2. Identificação de fibras têxteis e de enchimento .....	24
3.3. Materiais .....	28
3.4. Técnica .....	30
4. Estado de conservação .....	35
4.1. Estrutura em madeira .....	36
4.2. Têxteis e enchimento .....	38
4.3. Acessórios metálicos e decorativos .....	40

4.4.	Intervenções de restauro .....	42
4.5.	Inscrições encontradas .....	45
5.	Metodologia de intervenção .....	47
5.1.	Objetivos e diretrizes orientadoras.....	47
5.2.	Proposta de intervenção de conservação e restauro .....	48
5.2.1.	<i>Estrutura geral do móvel de assento</i> .....	48
5.2.2.	<i>Materiais têxteis – tecidos decorativos e forro</i> .....	54
5.2.3.	<i>Metais – acessórios decorativos</i> .....	55
5.2.4.	<i>Estofamento</i> .....	57
6.	Tratamentos efetuados.....	59
6.1.	Desmontagem da preguiceira .....	59
6.2.	Remoção de tecido do fundo e precintas não originais .....	60
6.3.	Remoção de elementos de fixação – pregos .....	61
6.4.	Limpeza mecânica .....	61
6.5.	Colagem de fissuras e fendas.....	62
6.6.	Correção de desvios do barramento interior.....	63
6.7.	Remoção de respigas fragmentadas e adesivos envelhecidos .....	64
6.8.	Substituição de peças de madeiras estruturais deterioradas .....	65
6.9.	Preenchimento de orifícios e lacunas .....	66
6.10.	Limpeza das molas e remoção de produtos de corrosão .....	67
6.11.	Limpeza e desgorduramento de superfícies exteriores .....	67
6.12.	Reintegração de desgastes da superfície fingida .....	68
6.13.	Tratamento de balmazes .....	69
6.14.	Teste de aplicação de resinas epóxicas em metal.....	70
7.	Recomendações para a preservação da preguiceira .....	71
<b>III.</b>	<b>Outros trabalhos desenvolvidos no âmbito da conservação e restauro.....</b>	<b>75</b>
1.	Limpeza mecânica por via húmida de cadeira em talha dourada.....	75
2.	Limpeza de objetos de um conjunto da artista plástica contemporânea Isabel Laginhas. ....	76
3.	Limpeza e montagem de um relógio em mármore e bronze dourado .....	79
4.	Acondicionamento de cadernos de um manuscrito com iluminuras.....	81
5.	Levantamento do estado de conservação de objetos de exposição permanente .....	81



<b>Considerações finais .....</b>	<b>85</b>
<b>Referências .....</b>	<b>89</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>93</b>
<b>Apêndice I – Lista de procedimentos do Museu Calouste Gulbenkian.....</b>	<b>95</b>
<b>Apêndice II – Móveis de repouso semelhantes.....</b>	<b>99</b>
<b>Apêndice III - Descrição dos tratamentos dos tecidos efetuados aos tecidos a cargo do Dr. Luís Pedro.....</b>	<b>101</b>
<b>Apêndice IV - Levantamento do estado de conservação da coleção de mobiliário em exposição na CF .....</b>	<b>107</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>117</b>
<b>Anexo I – Ficha de inventário da preguiceira .....</b>	<b>119</b>
<b>Anexo II – Documentação referente à proveniência da preguiceira.....</b>	<b>123</b>
<b>Anexo III – Exames e análises laboratoriais .....</b>	<b>127</b>
<b>Anexo IV – Registo de restauros .....</b>	<b>135</b>
<b>Anexo V – Registos gráficos da preguiceira.....</b>	<b>141</b>
<b>Anexo VI – Proposta de tratamento de conservação e restauro de têxteis .....</b>	<b>145</b>



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Objeto de estudo: móvel de repouso da coleção Calouste Gulbenkian (Arquivo MCG).....	7
Figura 2 - Madame Récamier, de Jacques-Louis David, 1800. Obtido de <a href="https://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/madame-recamier">https://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/madame-recamier</a> .....	8
Figura 3 - Descrição da preguiceira em catálogo, com a anotação “ <i>Vente Fleury</i> ” - venda Fleury (Arquivo FCG).....	11
Figura 4 - Sala do Palacete em Paris onde esteve exposta a preguiceira, visível ao centro (Arquivo MCG). .....	11
Figura 5 - Acondicionamento em caixa de bens culturais no Palacete de Paris (Arquivo MCG).....	12
Figura 6 - Registo do momento de transporte de móveis de assento (Arquivo MCG). .....	12
Figura 7 - Instalação “Ocultação/desocultação”, de 2009/2010 (Silva, 2009). .....	13
Figura 8 - Registo fotográfico da preguiceira após incorporar a instalação de 2009 (Arquivo MCG).....	13
Figura 9 – Instalação “Ocultação/desocultação”, de 2018 (Duarte, 2018). .....	14
Figura 10 – Desenho de ornamentos da manufatura de Joseph Beunat, de Paris (Beunat, 1816). .....	16
Figura 11 - Pormenores de <i>récamier</i> império (Aronson, 1951). .....	17
Figura 12 - Desenhos de decoração, por Thomas Hope (Hope, 1807). .....	17
Figura 13 – Vista exterior do espaldar.....	18
Figura 14 – Tentativa de observação macroscópica de amostras de madeira. ....	20
Figura 15 – Acessório decorativo examinado por $\mu$ -FRX.....	21
Figura 16 - Espectro relativo ao acessório decorativo, onde é possível observar-se os picos característicos das energias de transição $K\alpha$ e $K\beta$ dos elementos cobre e zinco (LFQR-X). .....	21
Figura 17 – Análise de leão alado com equipamento de $\mu$ -FRX portátil. ....	22

Figura 18 – Tabela de elementos metálicos constituintes dos acessórios. ....	22
Figura 19 - Amostra A1: fio laminado em espiral do tecido do exterior do espaldar. Ampliação de 40x (LFQR-X). ....	22
Figura 20 - Amostra A3: fio laminado em espiral do tecido do assento. Ampliação de 40x (LFQR-X). ....	22
Figura 21 - Amostra A4: fio laminado do tecido do assento. Ampliação de 40x (LFQR-X). ....	22
Figura 22 - Fibras de algodão, ampliação de 150x (Ilvessalo-Pfäffli, 1995). ....	25
Figura 23 - Amostra J – algodão – ampliação 100x (LFQR-X). ....	25
Figura 24 – Fibra de linho, ampliação de 200x (“Flax fiber,” s.d.). ....	25
Figura 25 - Amostra F – linho – ampliação 100x (LFQR-X). ....	25
Figura 26 – Fibra de cânhamo, com reagente de Herzberg, ampliação de 200x. A seta marca estrias transversais (Ilvessalo-Pfäffli, 1995). ....	26
Figura 27 – Amostra K – cânhamo – ampliação 100x (LFQR-X). ....	26
Figura 28 – Fibras de seda, ampliação 210x (Leene, 1972). ....	27
Figura 29 – Amostra A3 - seda – ampliação 100x (LFQR-X). ....	27
Figura 30 - Fibra de pelo de cavalo, ampliação de 42x (“846: Horse Hair (Equus caballus),” s.d.). ....	27
Figura 31 - Amostra D1 - crina de cavalo – ampliação 100x (LFQR-X). ....	27
Figura 32 – Peça de apoio ao estofo, espaldar. ....	28
Figura 33 – Barramento interior de apoio ao estofo, laterais. ....	28
Figura 34 – Peça de apoio ao estofo, anteparo dos pés. ....	28
Figura 35 – Pormenor das camadas de enchimento no anteparo dos pés. ....	29
Figura 36 – Esquema de ligação caixa e respiga. ....	30
Figura 37 – Medida de espessura da folha superficial de madeira, pelo fundo. ....	31
Figura 38 – Vista de precintas no exterior do espaldar. ....	31

Figura 39 – Base do estofamento da preguiceira.....	32
Figura 40 - Esquema padrão das camadas de estofamento da preguiceira. ....	33
Figura 41 - Tecido brocado, exterior do anteparo dos pés. ....	33
Figura 42 – Tecido do exterior do espaldar (verde) junto aos tecidos do anteparo dos pés.	34
Figura 43 – Perna do móvel de assento. ....	35
Figura 44 – Vista interior de perna do móvel de assento. ....	35
Figura 45 – Preguiceira antes da intervenção realizada durante o estágio. ....	36
Figura 46 - Orifícios e fissuras de peça de apoio ao estofamento. ....	37
Figura 47 - Desvio de barramento interior de apoio ao estofamento. ....	37
Figura 48 - Lacuna de madeira no joelho. ....	37
Figura 49 – Riscos, amolgadelas e desgaste pontual de superfície. ....	37
Figura 50 – Área oculta com tons originais do tecido brocado. ....	38
Figura 51 – Tecido brocado (assento) com manchas e desvanecimento das cores. ....	38
Figura 52 - Tecido brocado do espaldar. ....	39
Figura 53 - Tecido de forro do espaldar. ....	39
Figura 54 - Fios de prata e prata alterada (escurecida). ....	39
Figura 55 - Deterioração do tecido de fundo. ....	40
Figura 56 - Manchas causadas por água e sujidade, no tecido de fundo. ....	40
Figura 57 - Pregos de cabeça achatada oxidados e corroídos. ....	40
Figura 58 - Acessórios decorativos metálicos. ....	41
Figura 59 -Fratura com sinais de torção em acessório decorativo (verso). ....	41
Figura 60 - Fissuras no verso de acessório decorativo. ....	41
Figura 61 – Remendo colado sobre linhagem e peça de apoio ao estofamento. ....	43
Figura 62 - Precintas originais e de reforço. ....	43
Figura 63 - Vestígios de travessa. ....	44

Figura 64 - Fragmentos de travessa colada com pregos.....	44
Figura 65 - Caixa aberta destinada a respiga de travessa. ....	44
Figura 66 - Marcas cravadas "1" (assinaladas) e marca de produção "VII". ....	44
Figura 67 - Etiqueta de inventário original da coleção Gulbenkian.....	45
Figura 68 - Inscrição a caneta no verso do tecido decorativo do assento. ....	46
Figura 69 - Local assinalado do carimbo presente na linhagem do espaldar. ....	47
Figura 70 - Carimbo sobre a linhagem.....	47
Figura 71 – Desmontagem de perna da estrutura. ....	59
Figura 72 – Acessórios decorativos metálicos desmontados. ....	59
Figura 73 – Remoção da crina animal sobreposta ao tecido de forro. ....	60
Figura 74 – Remoção do tecido de forro.....	60
Figura 75 - Remoção de camadas de enchimento do espaldar.....	60
Figura 76 – Remoção de camadas de enchimento do assento, num bloco único.....	60
Figura 77 – Remoção de tachas de estofador no barramento de apoio ao estofo ....	61
Figura 78 – Remoção de precintas degradadas. ....	61
Figura 79 - Precintas antes da limpeza mecânica.....	62
Figura 80 - Precintas após limpeza por aspiração. ....	62
Figura 81 - Injeção de adesivo para colagem de fissuras. ....	62
Figura 82 - Colagem de fissuras e material destacado. ....	62
Figura 83 - Uso de utensílios de aperto nos tratamentos de colagem. ....	63
Figura 84 - Tratamento de colagem de fendas e fissuras na base de trave lateral. ....	63
Figura 85 - Desvio do barramento interior, próximo ao anteparo dos pés.....	63
Figura 86 - Correção de desvio do barramento interior por apertos mecânicos. ....	64
Figura 87 - Barramento interior após correção de desvio (e de preenchimentos de orifícios). .....	64

Figura 88 - Remoção de pregos dos vestígios de travessa. ....	64
Figura 89 - Amolecimento de adesivo com pacho de água morna.....	64
Figura 90 - Remoção de fragmentos de respiga. ....	65
Figura 91 - Remoção de fragmentos de respiga no interior da caixa. ....	65
Figura 92 - Peça de fixação do estofa bastante fragilizada. ....	66
Figura 93 - Reconstituição das peças de fixação do estofa no anteparo dos pés. ....	66
Figura 94 - Aplicação de pasta de preenchimento com espátula.....	66
Figura 95 - Preenchimentos de lacunas e orifícios de peça de fixação do estofa no espaldar. .....	67
Figura 96 - Preenchimentos de orifícios e lacunas em peças de fixação do estofa no topo do espaldar.....	67
Figura 97 - Remoção de produtos de corrosão com escova de arames em mini berbequim. .....	67
Figura 98 - Limpeza por via húmida. ....	68
Figura 99 - Teste de cor e comparação de tonalidade com a superfície do objeto.....	68
Figura 100 - Área de desgaste da superfície tonalizada, em remate do anteparo dos pés...	69
Figura 101 - Área reintegrada com velaturas aquosas, em remate do anteparo dos pés. ....	69
Figura 102 - Tratamento de balmazes, correção de espigão.....	69
Figura 103 - Limpeza do exterior das calotes.....	69
Figura 104 - Teste de resinas epoxídicas, após aplicação. ....	70
Figura 105 - Teste de resinas epoxídicas sem carga e com adição de micas iridescentes...	70
Figura 106 - Teste de aplicação de resinas epóxidas, após semanas de cura. ....	71
Figura 107 - Cadeira nº 1554 H do inventário da CF. ....	76
Figura 108 - Limpeza de cadeira entalhada e dourada. ....	76
Figura 109 – Objeto “A”. ....	77
Figura 110 - Objeto "B".....	77

Figura 111 - Conjunto de objetos da autoria de Isabel Laginhas. Em Roteiro do Museu do Centro de Arte Moderna, 1985.....	77
Figura 112 - Aplicação de ponta de borracha no varão de ferro. ....	77
Figura 113 – Costura interna. ....	77
Figura 114 – Introdução de rede para reforço da área perfurada. ....	78
Figura 115 - Consolidação da área rasgada.....	78
Figura 116 - Objetos em exposição na galeria da CM. ....	78
Figura 117 - Relógio em mármore e bronze, século XVIII (Arquivo MCG). ....	79
Figura 118 - Peças do relógio desmontado. ....	79
Figura 119 - Remoção de cavilhas degradadas. ....	80
Figura 120 - Limpeza do suporte de mármore. ....	80
Figura 121 - Limpeza por via húmida de bronze. ....	80
Figura 122 - Ornamento após limpeza (esquerda) e elemento antes de limpeza (à direita).80	
Figura 123 – Caderno de manuscrito, agrupado por clip. ....	81
Figura 124 - Acondicionamento de cadernos entre papel seda. ....	81
Figura 125 - Acondicionamento e embalagem dos tecidos, decorativos e de forro.....	101
Figura 126 - Lavagem de tecido decorativo do espaldar (C.F. Luís Pedro). ....	102
Figura 127 - Lavagem de tecido decorativo do assento (C.F. Luís Pedro). ....	102
Figura 128 - Lavagem do tecido de forro do assento (C.F. Luís Pedro). ....	102
Figura 129 - Movimentação de tecido decorativo do anteparo dos pés, durante limpeza por via húmida. ....	102
Figura 130 - Absorção de água com toalha turca e movimentação. ....	103
Figura 131 – Remoção de tule de proteção do tecido decorativo do assento (C.F. Luís Pedro). .....	103
Figura 132 - Planificação com alfinetes durante secagem de tecido decorativo.....	103
Figura 133 - Teste de tonalização de seda.....	104



Figura 134 - Tingimento de materiais novos de suporte. ....	104
Figura 135 - Consolidação de tecido de forro (C.F. Luís Pedro). ....	104
Figura 136 - Fios de baba de seda tingidos. ....	104
Figura 137 - Consolidação com ponto de conservação de Bolonha e suporte de reforço. ....	105
Figura 138 - Consolidação com ponto de conservação de Bolonha e suporte de reforço. ....	105
Figura 139 - Espectro $\mu$ -FRX da amostra A1, onde são visíveis os picos característicos das energias de transição dos elementos cobre e ferro. ....	127
Figura 140 - Espectro $\mu$ -FRX da amostra A3. Os picos das energias de transição com maior intensidade são atribuídos à prata, cobre, ouro, bromo (?) e cálcio (associado à lamina de vidro). ....	127
Figura 141 - Espectro $\mu$ -FRX da amostra A4. Os picos das energias de transição com maior intensidade são atribuídos à prata, cobre, bromo (?) e ao cálcio (associado à lamina de vidro). ....	128
Figura 142 - Espectro $\mu$ -FRX de lâmina de vidro, onde são visíveis os picos de silício, prata (da ampola fonte de raios X), cálcio, ferro e bromo (?). ....	128
Figura 143 – Local de recolha da amostra A1. ....	129
Figura 144 - Local de recolha da amostra A2. ....	129
Figura 145 - Local de recolha amostra A3. ....	129
Figura 146 - Local de recolha das amostras A4 (fio metálico e fibra têxtil. ....	129
Figura 147 - Local de recolha amostra B. ....	129
Figura 148 - Local de recolha amostra C. ....	129
Figura 149 - Local de recolha amostra D. ....	129
Figura 150 - Local de recolha amostra D1. ....	129
Figura 151 - Local de recolha amostra E. ....	130
Figura 152 - Local de recolha amostra F. ....	130
Figura 153 - Local de recolha amostra G. ....	130

Figura 154 - Local de recolha amostra H. ....	130
Figura 155 - Local de recolha amostra I. ....	130
Figura 156 - Local de recolha amostra J. ....	130
Figura 157 - Local de recolha amostra K. ....	130
Figura 158 - Local de recolha amostra L. ....	130

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Interpretação de resultados dos espectros de $\mu$ -FRX da análise de ligas metálicas - fios. ....	23
---	----



## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

μA – microampere

μ-FRX - Microfluorescência de raios X

CAM – Centro de Arte Moderna

CCI – Instituto Canadano de Conservação

CF – Coleção do Fundador

CM – Coleção Moderna

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

HR – Humidade Relativa

kV – Quilovolt

LFQR-X - Laboratório de Física e Química e Raio-X

MCG – Museu Calouste Gulbenkian

MO – Microscopia ótica

PVA – Acetato polivinílico

PVC - Policloreto de vinilo



## **LISTA DE SÍMBOLOS**

® - Marca comercial registada

™ - Marca comercial





## INTRODUÇÃO

Concretizado o estágio curricular que decorreu no Setor de Conservação e Restauro do Museu Calouste Gulbenkian, no âmbito do Mestrado em Conservação e Restauro, na especialidade de mobiliário, do Instituto Politécnico de Tomar, apresenta-se por ora, o relato do trabalho desenvolvido ao longo dos últimos meses. O trabalho desenvolvido durante o estágio abrange especialmente o estudo e a intervenção de um objeto de mobiliário da coleção do fundador do Museu, uma preguiceira francesa do século XIX, do período Império.

Na organização deste relatório, numa primeira parte, foi considerada uma mais valia o enquadramento do Setor de Conservação e Restauro dentro do Museu, previamente ao trabalho desenvolvido num objeto específico da coleção de mobiliário. A exposição dos serviços e procedimentos do museu, nos quais o Setor de Conservação e Restauro se envolve e tem responsabilidades, visa a compreensão da dinâmica do espaço em que decorreu o estágio e as diretrizes recomendadas pelo próprio Museu.

Sendo o estudo e intervenção da preguiceira o foco central do estágio realizado, a segunda parte deste relatório, serve para apresentar a informação reunida sobre o objeto. Começando com uma precisa identificação, onde é descrito o objeto e discutida a sua designação. A contextualização histórica procura conhecer o percurso da preguiceira numa linha cronológica, desde a sua venda e aquisição por parte do colecionador, que dá nome ao Museu, cuja existência é também abordada e relacionada com a coleção a que pertence o objeto. O enquadramento artístico relaciona o bem cultural com a época em que terá sido produzido, apresentando correspondências estilísticas e técnicas aos objetos Império. Neste seguimento, são também revelados alguns exemplares muito semelhantes comparativamente à preguiceira.

Ainda sobre o estudo, os materiais e técnicas que constituem a preguiceira são, em parte, identificados de acordo com os exames e análises laboratoriais e descritos conforme os avanços na intervenção.

Quanto à vertente da conservação e restauro, é revelada a condição dos vários componentes da preguiceira, que são, além da estrutura principal e polimento, os têxteis e os acessórios metálicos. Na caracterização do estado de conservação são também abordados os restauros

de que há registo e as alterações que foram descobertas na preguiceira, tal como, as marcas e inscrições.

Conhecido o estado de conservação do objeto previamente estudado, é proposta uma metodologia de intervenção com base em diretrizes recomendadas pela Fundação Calouste Gulbenkian, em regulamento protocolar, que se baseia no código de ética dos profissionais da conservação e restauro. A proposta como é apresentada, foi devidamente pensada e discutida, com a consciência de que a intervenção de um bem cultural deve ser adaptada à condição do próprio bem, não havendo uma metodologia padrão a seguir, sendo que, o objeto deve ser considerado na sua totalidade.

No decorrer da formulação da proposta e do início de alguns tratamentos, foram surgindo alguns desafios do ponto de vista da conservação e restauro, por se tratar de um móvel estofado, exigiu a colaboração e o trabalho de especialistas de outras áreas.

É neste contexto que são também documentados os tratamentos de conservação e restauro na preguiceira, não só para cumprimento dos requisitos académicos inerentes, mas porque assim o exige o artigo nº 10 das diretrizes profissionais do código de ética e as obrigações para com o bem cultural (*E.C.C.O. Professional Guidelines*, 2003).

Apesar de não ter sido concluída a intervenção na sua totalidade, são feitas algumas recomendações para a preservação da preguiceira, apelando a boas práticas de monitorização e controlo dos fatores de deterioração, bem como, na sua manutenção.

Numa terceira parte deste relatório, também resultante do estágio, são expostos outros trabalhos de conservação e restauro em objetos da coleção do fundador e da coleção moderna. Nas práticas de preservação para os espaços expositivos e das reservas, foram ainda possíveis o acondicionamento de um caderno manuscrito em reserva e a realização de um levantamento do estado de conservação de objetos em exposição permanente.

Foi com o desenvolvimento de todas estas fases de trabalho em ambiente de museu, que se pretendeu cumprir os objetivos do estágio curricular, aplicando os conhecimentos adquiridos durante a licenciatura e o primeiro ano do mestrado, procurando desenvolver competências de forma autónoma, ainda que, com orientação e supervisão.

# **I. SETOR DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO DO MUSEU**

## **1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS**

Antes da referência à exposição de qualquer trabalho realizado, relacionado com o objeto de estágio, é essencial conhecer o ambiente em que o mesmo decorreu, descrevendo o enquadramento do setor de conservação e restauro no museu.

O Museu Calouste Gulbenkian (MCG) pertencente à Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), é detentor de uma vasta coleção de obras de arte desde a antiguidade até aos tempos mais modernos. Os bens culturais adquiridos pelo colecionador Calouste Gulbenkian encontram-se agrupados no edifício principal do museu, na Coleção do Fundador (CF), seja em exposição permanente ou em reserva. No edifício da Coleção Moderna (CM)<sup>1</sup> estão reunidas as obras que têm vindo a ser adquiridas pela Fundação, desde o princípio à atualidade, seguindo um plano anual de aquisições de arte moderna, aceitando também doações deliberadas pelo Conselho de Administração da FCG. Além das duas coleções, o MCG participa em cedências temporárias de bens culturais, ou seja, empréstimos.

Como se trata de um museu com uma coleção tão eclética e numerosa, é fundamental a organização numa instituição como esta, para isso, a FCG tem diretrizes e protocolos que servem de guia para os vários colaboradores do MCG.

## **2. SERVIÇOS E PROCEDIMENTOS INTERNOS**

Os vários procedimentos estipulados no MCG destinam-se à organização dos seus diferentes setores e ao apoio das ações e tarefas executados pelos funcionários e colaboradores, incluindo da equipa de conservação e restauro. Os referidos procedimentos, listados no Apêndice I, têm atribuída uma referência identificativa associada a uma atividade, definindo simultaneamente o grau de envolvimento e responsabilidade desta equipa.

No sector da conservação e restauro, o responsável deste serviço e a sua equipa executam funções de acordo com os procedimentos relativos ao empréstimo temporário de obras à

---

<sup>1</sup> Antigo Centro de Arte Moderna, inaugurado em 1984.

fundação (P-M-01); à preservação das coleções(P-M-02); à conservação e ao restauro (P-M-03); e à verificação do projeto museográfico como responsável técnico (P-M-10). Claro que, além destes, os conservadores-restauradores estão também envolvidos em outras atividades, tais como a movimentação e incorporação de bens culturais ou as inspeções periódicas às obras de arte, em partilha de responsabilidades e parcerias.

Quanto às tarefas de conservação e restauro de bens culturais, as normas são claras ao referir que todas as intervenções deverão submeter-se aos códigos de ética e deontologia profissional. Códigos esses, em específico, convencionados pela E.C.C.O – *European Conferation of Conservator – Restorer’s Organizations* (E.C.C.O. *Professional Guidelines*, 2003) e pelo ICOM - *International Concil of Museums (Code of Ethics for Museums*, 2017). Antes disso, também os procedimentos de preservação dos bens culturais móveis, devem reger-se pela Lei Quadro dos Museus Portugueses (Decreto-Lei n.o 47/2004 de 19 de Agosto, do Ministério da Cultura, 2004), tal como consta nos documentos.

Como suplemento aos procedimentos, existem outros documentos padrão utilizados pelos conservadores-restauradores, como, as “fichas de instrução” e os “*condition report*”, também designados relatórios de condição ou relatórios de estado de conservação. As fichas de instrução procuram dar orientações mais precisas para: a monitorização e controlo ambiental, e calibração dos respetivos equipamentos; para o acondicionamento temporário de bens culturais; e a embalagem e manuseamento dos objetos. O preenchimento de “*condition report*” relata o estado de conservação, com espaço próprio para caracterizar o bem cultural, incluindo os próprios requisitos de exposição e de manipulação, embalagem e transporte. O protótipo de relatório, normalmente, é adaptável a várias categorias de objetos e deve ser efetuado antes e depois de cada empréstimo temporário de obras de arte, sendo um documento interno comprovativo, perante seguradoras ou outros responsáveis institucionais, no caso de empréstimos.

Outra ferramenta à disposição da equipa de conservação e restauro, o *In Arte*, é o sistema informático de apoio à gestão da coleção de bens culturais da FCG, também utilizado e atualizado pelos responsáveis das coleções (curadores) e pelos operadores de registo de dados (designados por “*registrar* da coleção”). No *In Arte*, estão anexadas as fichas de inventário dos bens culturais, da CF e CM, organizados por áreas/categorias, atribuídas a um determinado curador, ou também designado responsável de obra. A informação anexa a cada

objeto da coleção pode e deve ser inserida e atualizada, na aplicação *In Arte*, seja a sua localização, estado de conservação, registo documental e qualquer outra informação que seja relevante para o histórico de cada obra das coleções.

### 3. ACONDICIONAMENTO E EMBALAGEM DE OBRAS DE ARTE

Como foi explicado no capítulo anterior, muitos dos bens culturais móveis estão sujeitos a movimentações externas ao espaço da FCG, não só devido a empréstimos a outras instituições e museus, mas também a projetos dinamizados pelo MCG.

Um desses projetos é a “Gulbenkian Itinerante” que leva a vários pontos do país bens culturais da CF e da CM, promovendo a descentralização da Fundação. As itinerâncias são concretizadas através de acordos entre as várias entidades, tais como museus, galerias ou até autarquias, tal como nos empréstimos para exposições temporárias que ocorrem no estrangeiro.

Para tal, o processo de acondicionamento dos bens culturais em embalagem é fundamental para garantir o seu bom estado de conservação, evitando a ocorrência de danos durante a movimentação.

Durante o estágio foi possível acompanhar e observar a preparação e embalagem de um conjunto de bens da coleção para movimentação externa, a propósito de uma das exposições da Gulbenkian Itinerante. O processo foi executado por uma empresa externa especializada no transporte de bens culturais, a *Feirexpo*, e supervisionado por uma colega de conservação e restauro. Antes da embalagem, a conservadora-restauradora procedeu ao preenchimento do relatório de estado de conservação de cada objeto, com registo fotográfico no local.

No processo de embalagem, o método utilizado foi variando conforme a tipologia dos objetos. Quando se trata da CF, alguns objetos têm caixa própria de transporte feita à medida, porém, em objetos mais frágeis ou moldáveis é necessário colocar enchimento e sinalizar o local por onde deve ser manuseado o bem cultural. A embalagem das pinturas é realizada com a superfície pictórica virada para baixo, envolta em papel *tissue*, seguido de plástico de bolha com espuma de polietileno (com a face de polietileno para o interior) e ainda protegido por cartão e cantos de poliuretano.

O papel *tissue* e o plástico de bolhas foram, neste processo de embalagem, os materiais mais utilizados nas várias tipologias de objetos. Em quadros com vidro, objetos constantes da CM,

foi aplicada uma película adesiva que no caso de quebra mantêm os pedaços de vidros seguros, evitando danos no objeto reservado no interior da moldura.

Por fim, a mesma profissional que supervisionou o processo de embalagem, esteve presente no local de destino, aquando a receção e desembalagem dos bens culturais, acompanhada dos relatórios do estado de conservação dos mesmos.

## II. ESTUDO E INTERVENÇÃO DE UMA PREGUICEIRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA OBRA

O objeto em estudo é um bem cultural móvel, pertencente à FCG, da subcategoria do mobiliário civil e que se enquadra na tipologia de mobiliário de repouso ou de assento.

Proveniente de França remete ao período Império, no século XIX, pelos traços que apresenta e que serão caracterizados neste relatório. A *lit de repôts* (Fig. 1), designação francesa para o objeto, encontra-se em reserva da CF no MCG, cujo número de inventário é o 98.



Figura 1 – Objeto de estudo: móvel de repouso da coleção Calouste Gulbenkian (Arquivo MCG).

#### 1.1. Descrição

Móvel de repouso ou assento alongado com encostos desiguais, em que a altura do espaldar é aproximadamente o dobro do anteparo dos pés. As dimensões do objeto são compreendidas em 87 cm de altura, 183 cm de comprimento e 71 cm de largura.

De linhas sóbrias, elegantes e em madeira escurecida, é adornada com metais dourados representando leões alados, pescoços de cisnes, estrelas, palmetas e frisos decorativos. As quatro pernas que sustentam o assento são também decoradas com patas de leão, em cada pé, e acima do joelho grifos com asas abertas. O móvel é completo por um estofado guarnecido de tecido brocado com motivos florais.

## 1.2. Denominação

A designação francesa para este móvel de repouso, *lit de repôs*, compreende uma cama estreita individual e quando os dois encostos têm alturas diferentes é chamado de “*méridienne*” (Lovreglio, 2006). No vocabulário europeu de mobiliário do século XIX, *méridienne* é considerada uma cadeira alongada com suporte para as costas numa extremidade e meio apoio lateral (Payne, 1989). *Récamier* é também um móvel de assento semelhante, associada ao tipo de assento em que Madame Récamier está reclinada no retrato de Jacques-Louis David (Fig. 2), com duas extremidades de encosto da mesma altura (Payne, 1989).



Figura 2 - Madame Récamier, de Jacques-Louis David, 1800. Obtido de <https://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/madame-recamier>

O estrangeirismo comumente utilizado, *chaise longue*, também não se adequa à configuração do objeto de estudo, visto que sugere um tipo de assento também alongado apenas com costas numa das extremidades e por vezes com apoio de braços (Sousa, 2004).

A terminologia portuguesa adoptada no inventário do MCG, “preguiceira”, segundo as Normas de Inventário (Sousa, 2004) compreende um “*Leito ligeiro de recosto, para dormir*



*a sesta ou descansar de dia. De espaldar muitas vezes reclinável e sem resguardo aos pés, apresenta para apoio do corpo um estrado, ou plano horizontal, geralmente em palhinha ou couro. Pode ser acrescentado com descanso de braços*”. Através da descrição transcrita, surgem algumas incoerências na nomenclatura, tais como a ausência de anteparo dos pés. Além de preguiceira são ainda sinónimos leito de dia, espreguiceiro, espreguiçadeira, camilha e cama de campanha. Pela mesma literatura *duchesse* ou duquesa é um “*Móvel de assento alongado com encostos de alturas diferentes nas 2 extremidades; (...)*”. Apesar desta descrição ser a mais próxima do objeto de mobiliário em estudo, *duchesse* não consta no dicionário português, enquanto que duquesa apresenta diferentes interpretações. No idioma francês, *duchesse* é um termo para *chaise longue* (Campbell, 2006).

Ao tentar uma designação adequada à configuração do objeto, a obra portuguesa “*Leitos e camilhas portuguesas*” (Nascimento, 1950) refere a camilha como uma «*cama ligeira de recosto para dormir a sesta ou descansar, assim como o espreguiceiro ou espreguiçadeira de couro*», expondo ainda que o mesmo termo servia para designar as camas ou berços nas cerimónias de batizados. O próprio autor entende que os documentos existentes são confusos quando se trata de móveis de repouso o que se mantém nos tempos de hoje.

Havendo pouca unanimidade na nomenclatura e compreendendo a configuração do objeto tal como é, considera-se neste relatório a denominação *lit de repôs* sendo mais adequada, dada a sua origem, não desacreditando o termo utilizado no MCG – preguiceira – também adotado neste relatório.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-ARTÍSTICA

### 2.1. Considerações prévias

Para iniciar o estudo da preguiceira, no início do estágio, as informações disponíveis encontram-se na ficha de inventário (consultar Anexo I), retirada da plataforma *In Arte*.

Resumidamente, o objeto surge inventariado com informações incompletas, sabendo-se apenas, além da breve descrição, que se trataria de um objeto Império, século XIX, procedente de França, as entidades envolvidas na aquisição e que seria proveniente do Castelo de Fleury.

Quanto ao percurso da preguiceira, no campo das localizações, o primeiro registo no inventário surge em 2004, referindo que a mesma se encontraria nas *Reservas de Mobiliário e Artes Decorativas do Museu* e que este seria o local habitual. Só em 2018 surgem novos registos de deslocações, em março para uma exposição temporária no Centro de Arte Moderna e em outubro para a Reserva 4, para intervenção de restauro.

No espaço dedicado ao estado do objeto, uma nota de 2012 relata um incidente que provocou danos na preguiceira, induzindo que a mesma esteve exposta numa outra exposição no Centro de Arte Moderna (CAM), a qual não está registada na mesma ficha de inventário.

## 2.2. Contextualização histórica

Desconhecida a produção e a história primitiva do objeto, os primeiros registos conhecidos, surgem através de correspondência enviada por *Duveen Brothers Inc.* a Calouste Sarkis Gulbenkian, a formalizar a compra da preguiceira. As duas cartas referidas (consultar Anexo II), disponibilizadas pelo arquivo geral da FCG, revelam que a compra da *empire bed* do lote nº 119, foi realizada no dia 7 de dezembro de 1927 na venda do Castelo de Fleury, na Galeria Georges Petit, pela quantia de 71.700,00 Francos.

Também através do Arquivo, foi cedido um excerto de uma página (Fig. 3) com a descrição da preguiceira (*lit de repôts*), as dimensões e a indicação de uma representação numa outra página. No entanto, não era conhecida a referência literária ou catálogo de onde esse excerto teria sido retirado. Através dos dados já adquiridos, foi possível descobrir um catálogo de venda de mobiliário antigo do Château de Fleury-en-Bière (Galerie Georges Petit, 1927), do mesmo mês e ano da aquisição, sendo possível confirmar este castelo<sup>2</sup> como hipótese de proveniência. Hipótese essa, confirmada através da consulta da mesma página, que continha o mesmo excerto e ainda, pela representação em anexo referenciada nesse excerto que é exatamente a preguiceira deste estudo (Anexo II).

---

<sup>2</sup> Nos arredores de Paris existem dois Castelos de Fleury: Fleury-en-Bière e Fleury-La-Forêt.

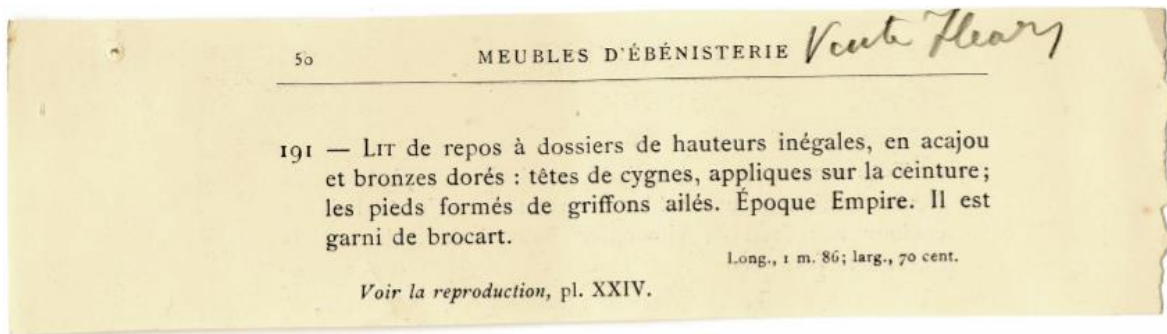


Figura 3 – Descrição da preguiceira em catálogo, com a anotação “*Vente Fleury*” - venda Fleury (Arquivo FCG).

Ao ser adquirida por Calouste Gulbenkian, a preguiceira passa a integrar o núcleo do Palacete da *Avenue d'Iéna*, em Paris, residência que o colecionador adquire<sup>3</sup> para reunir as suas obras de arte sob o mesmo teto. Ao consultar o arquivo fotográfico do museu foi possível saber que a preguiceira estaria exposta no *salon rond* (Fig. 4), uma das salas do Palacete, entre a lareira e uma das entradas para a sala.



Figura 4 - Sala do Palacete em Paris onde esteve exposta a preguiceira, visível ao centro (Arquivo MCG).

A preguiceira permaneceu no palacete aos cuidados de uma curadora contratada por Calouste Gulbenkian até à sua transferência para Lisboa, cidade onde o colecionador decide permanecer, ao refugiar-se da segunda guerra mundial. Possivelmente, o transporte para Portugal deverá ter ocorrido entre 1958 e 1959<sup>4</sup>, para o Palácio dos Marqueses de Pombal, em Oeiras. Sobre este transporte em específico não foi possível obter mais informações, no

<sup>3</sup> Aquisição do palacete em 1923, procedendo a obras de remodelação até 1927.

<sup>4</sup> A transferência da coleção de arte de França para Portugal foi feita entre 1958 e 1960, mas como esta peça foi alvo de restauro em 1959, a transferência desta em específico deverá ter sido no ano anterior

entanto, sabe-se que o transporte foi realizado por via terrestre (comboio) e por via aérea. Através do arquivo fotográfico da transferência dos objetos da coleção Calouste Gulbenkian, é possível conferir que havia uma grande preocupação, além do registo do momento, com o acondicionamento em embalagem (Fig. 5), principalmente ao observar várias tipologias de mobiliário embalado (Fig. 6).



Figura 5 - Acondicionamento em caixa de bens culturais no Palacete de Paris (Arquivo MCG).



Figura 6 - Registo do momento de transporte de móveis de assento (Arquivo MCG).

Já em Portugal, no palácio de Oeiras, segundo a atual curadora da coleção de mobiliário, Dr.<sup>a</sup> Clara Serra, a preguiceira nunca teria sido exposta, no entanto, existem registos de que foi alvo de intervenções de restauro. A primeira, em 1959, a cargo de Maria José Taxinha da Oficina de Restauro de Tecidos<sup>5</sup>, a pedido do Serviço de Belas Artes do Museu<sup>6</sup>. Em julho de 1962, foi novamente intervencionada por Denise André, da *Maison André*, vinda propositadamente de Paris para o restauro deste e de outros objetos de mobiliário. Estes restauros serão convenientemente abordados no ponto 4.4 deste relatório.

Para descartar qualquer dúvida e a propósito das sabidas inundações que afetaram muitas obras da coleção do MCG, em 1967, a preguiceira não foi danificada nesse incidente.

Inaugurado o Museu Calouste Gulbenkian, em 1969, já depois do falecimento do colecionador e criação da Fundação com o seu nome, a preguiceira terá sido depositada em reserva em conjunto com outros objetos da coleção de mobiliário.

Passados 50 anos, a preguiceira foi colocada numa exposição temporária<sup>7</sup> no CAM, desde outubro de 2009 a janeiro de 2010 (Fig. 7), incorporada num projeto de Ana Vieira<sup>8</sup>,

---

<sup>5</sup> Oficina anexa ao Museu Nacional de Arte Antiga, instalada no Instituto de Restauro (Mendonça, 1962).

<sup>6</sup> Extinto serviço distributivo da FCG.

<sup>7</sup> Exposição “Anos 70 Atravessar Fronteiras”.

<sup>8</sup> Artista plástica portuguesa (1940-2016).

intitulado “ocultação/desocultação”. Nesta incorporação a preguiceira estaria oculta por um lençol branco, notando-se alguns dos contornos da mesma. Foi nesta exposição de 2009 que o objeto terá sido danificado pelo contacto com água principalmente na área do anteparo dos pés (fig. 8), facto que passou despercebido, visto que estaria coberta por um lençol em zona expositiva com pouca iluminação. Segundo a memória dos técnicos da museografia do CAM, a água poderá ter surgido de uma junta de dilatação no teto falso da galeria, tendo em conta que, o incidente ocorreu durante os meses de maior precipitação e que o edifício terá alguns problemas devido aos jardins suspensos, assim, esta poderá ser a conjectura mais plausível.

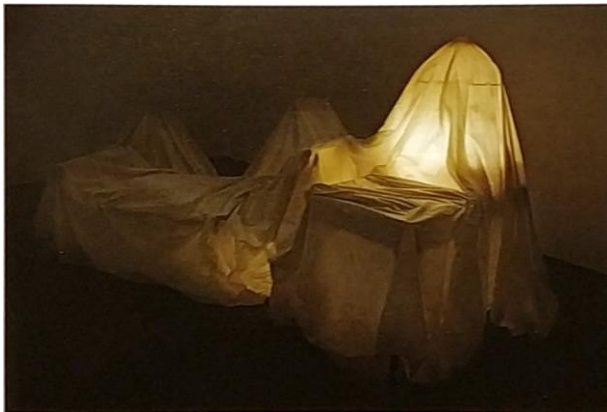


Figura 7 - Instalação “Ocultação/desocultação”, de 2009/2010 (Silva, 2009).



Figura 8 - Registo fotográfico da preguiceira após incorporar a instalação de 2009 (Arquivo MCG).

Sucedidos os danos na preguiceira, em 2010, a mesma deverá ter sido colocada numa outra reserva, onde foram desmontados os acessórios decorativos metálicos e removidos os tecidos, para posterior intervenção de conservação e restauro. Assim permaneceu a preguiceira até 2018, quando em março, foi necessário montar novamente as pernas e os pés à estrutura, para incorporar o mesmo projeto de Ana Vieira (Fig. 9) que esteve em exposição<sup>9</sup>, na galeria principal da FCG, de abril a setembro do referido ano.

<sup>9</sup> Exposição “Pós-Pop. Fora do Lugar-Comum”.



Figura 9 – Instalação “Ocultação/desocultação”, de 2018 (Duarte, 2018).

Terminada a exposição, a preguiceira foi de novo colocada em reserva, continuando parcialmente desmontada até à data de início deste estágio curricular.

### 2.3. O colecionador Calouste Gulbenkian

A vida de Calouste Sarkis Gulbenkian, comprador do objeto de mobiliário intervencionado neste estágio e fundador do Museu onde está atualmente inserido, tem vindo a ser bastante indagada. Por ser um homem à frente do seu tempo, não só nos negócios, mas também como filantropo e colecionador, tem assim despertado interesse dentro e fora da Fundação, ao inspirar tanto os colaboradores como conhecedores da sua existência.

São algumas as obras literárias que retratam a vida e obra do colecionador arménio, sobre o seu gosto pela arte e pela natureza e, mais recentemente, foi até publicada a sua mais recente biografia autorizada (Conlin, 2019).

Objetivamente, este trabalho não procura fazer mais um estudo da vida de Calouste Gulbenkian, mas sim contextualizar o seu percurso com a aquisição de objetos Império e a sua vinda para Portugal, ou seja, aspetos que remetem indiretamente ao contexto temporal da preguiceira desde a sua aquisição.

Ora, sobre Calouste nascido em Istambul, em 1869, no seio de uma abastada família arménia, é sabido que foi um homem do mundo, entre Istambul, Londres e Paris, aumentou a fortuna que herdou do seu pai, Sarkis. Ao envolver-se com as companhias petrolíferas, consegue em

1928, 5 % do capital de uma grande companhia petrolífera, o que o tornou conhecido em todo o mundo da indústria como o “senhor cinco por cento” (Conlin, 2019).

A par do benefício dos negócios, interessou-se pelo colecionismo, sobretudo de arte. Neste campo, acumula ao longo da sua vida mais de 6000 objetos, desde a Antiguidade até ao início do século XX. Com os melhores peritos e comerciantes especializados, procurou informar-se e alcançou uma coleção muito eclética, única no mundo (Tchamkerten, 2010).

Quanto ao Mobiliário que foi colecionando, quem visita a galeria de artes decorativas do museu pode pensar que Gulbenkian se interessou apenas por Mobiliário francês do século XVIII, o que não é verdade. O colecionador desenvolveu um gosto por mobiliário e objetos do estilo Império, mesmo antes de adquirir o Palacete de Paris onde começou por reunir a sua coleção de arte, em 1927. Ainda no início da década de 1900, Calouste adquire uma secretária império, um dos primeiros objetos de mobiliário da coleção, mais tarde, em 1913, adquire outra secretária muito semelhante, formando um par (Dias, 2006). Na sala onde esteve exposta a preguiceira, *salon rond*, no Palacete da *Avenue d'Iéna*, encontravam-se também as secretárias já referidas, bem como outros objetos Império.

Atualmente, na reserva do museu existe um núcleo de objetos Império, de grande qualidade apesar de ocultos, no entanto, por motivos expositivos e estilísticos não se enquadram na exposição de artes decorativas do século XVIII da CF.

Muito próximo do colecionador e da coleção, Marcelle Monteil Chanut trabalhou para Calouste Gulbenkian como curadora, desde a aquisição do Palacete da *Avenue d'Iéna*, contratada para instalar as suas coleções e para elaborar um inventário (“Documento do Mês - C. S. Gulbenkian par Marcelle Chanut,” 2019). Mesmo depois da morte de Gulbenkian, Madame Chanut supervisionou a transferência das coleções de arte para Portugal, onde por testamento foi sediada a Fundação.

Por fim, o “senhor cinco por cento” chega a Lisboa, em 1942. Apesar de ainda regressar algumas vezes a Paris, em 1956 elabora em testamento a constituição da Fundação Calouste Gulbenkian, a sediar em Lisboa. Morre aos 86 anos e anos mais tarde é então criada a Fundação com os fins designados por Gulbenkian, da beneficência, da arte, educação e da ciência.



## 2.4. Enquadramento artístico

O período de enquadramento artístico da preguiceira, provavelmente, remete ao início do século XIX, período em que se desenvolveu o estilo Império, no qual serão semelhantes algumas características.

O estilo império, embora se considere apenas do período de Napoleão Bonaparte como imperador, na verdade teve raízes ainda no reinado de Luís XVI e desenvolveu-se hesitantemente durante os períodos do Diretório e do Consulado até ao Império, entre 1804 e 1815. A primeira década do século XIX coincide com a predominância francesa na Europa e Napoleão, para reafirmar o seu poder e magnificência, procura a reorganização estética e do mecenato oficial (Sassone, A. B.; et al., 2000). Para isso, percebe a necessidade de recompor os palácios reais, de Tuileries, Fontainebleau, Versailles, Meudon e Compiègne, com o estilo da época e é desta forma que a arquitetura de interiores e o mobiliário ganham maior expressão (Barrielle, 1986).

No sistema produtivo do mobiliário, e ainda no Consulado, assiste-se à introdução de desenhadores e arquitetos para responder às exigências de criatividade (Fig. 10) e à qualidade da arte oficial de Napoleão. Desta forma, os artífices dos diversos ofícios trabalharam lado a lado, dedicando-se inteiramente à produção e rentabilidade (Coutinho, 1999).

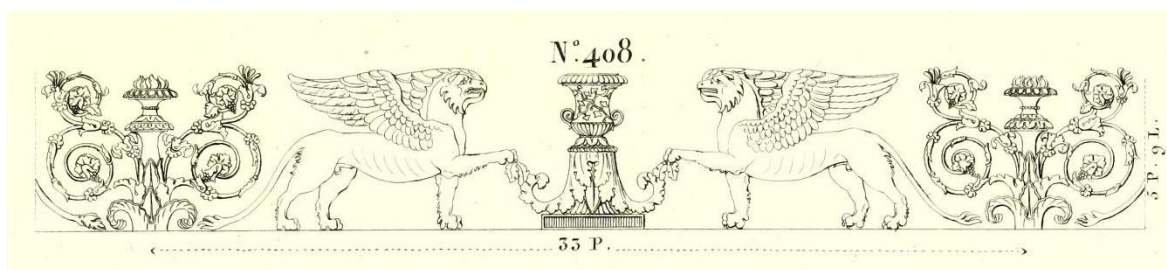


Figura 10 – Desenho de ornamentos da manufatura de Joseph Beunat, de Paris (Beunat, 1816).

A decoração Império baseia-se nas formas imperiais da antiguidade clássica e do Egito, seguindo uma simplicidade elegante. No mobiliário, atinge uma majestade clássica com tendência para as linhas geométricas, a crescente utilização de folha de madeira leva ao aumento de superfícies planas e ao refinamento das arestas (Barrielle, 1986). Inicialmente, o uso de mogno maciço ou folheado era considerado uma característica do mobiliário de luxo, porém, devido ao bloqueio continental e a proibição de importação, o mogno tornou-



se muito raro (Sassone, 1985). Com a falta de mogno e de outras espécies exóticas, a partir de 1806 a produção de mobiliário foi adaptada às espécies indígenas, de madeira clara, como faia, carvalho, nogueira (por vezes tonalizada a imitar o mogno) e árvores de fruto (Barrielle, 1986).

As formas decorativas vão variando entre elementos arquiteturais e motivos antropomórficos, com atributos dos guerreiros, animais (cisnes, águias, patas de leão) (Fig. 11) e criaturas míticas (esfinges, grifos ou quimeras aladas). Estes motivos decorativos tal como os suportes ou pés em forma de patas e cabeças de leão (Fig. 12), são normalmente em montagens de bronze (Barrielle, 1986), sendo os mais preciosos com douramento por mercúrio (Sassone, 1985). As montagens douradas podem também figurar grinaldas e festões, coroas, ramos de louro e os emblemas napoleónicos, representados pela águia imperial, pela abelha e pela letra N (Aronson, 1951).

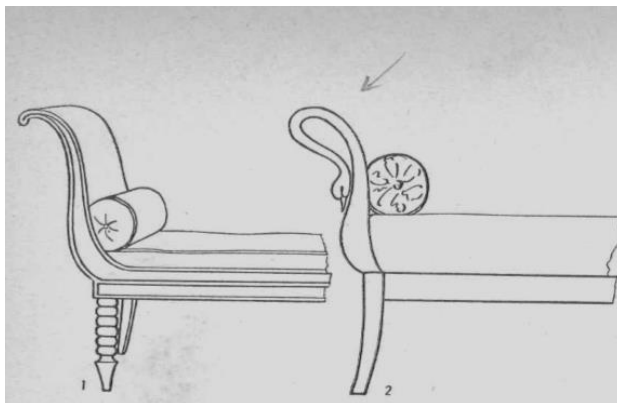


Figura 11 - Pormenores de *récamier* império (Aronson, 1951).

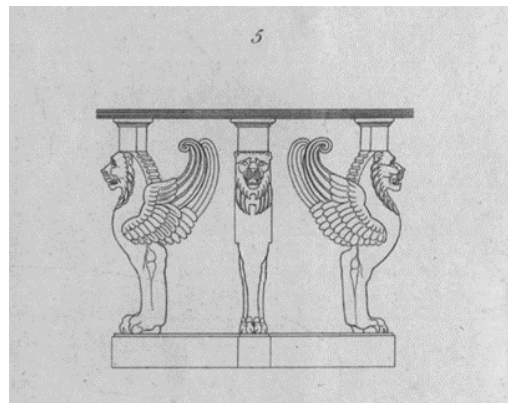


Figura 12 - Desenhos de decoração, por Thomas Hope (Hope, 1807).

No mobiliário do século XIX, surge outro tipo de *chaise longue*, do tipo *récamier* e a *méridienne*. No entanto, as camas do tipo “anjo” (*lit d’ange*) são as preferidas enquanto que as camas características do período imperial, são em forma de barco – *lit en bateau* - com opulentas cabeceiras da mesma altura (Aronson, 1951).

Durante o Império, também as sedas tiveram grande expressão. Napoleão efetua uma grande despesa com a aquisição de oitenta quilómetros de seda, entre 1811 e 1813, têxteis esses que foram utilizados ao longo do século, sendo que muitos nunca chegaram a ser utilizados (“Tissus d’ameublement,” s.d.).

A preguiceira do MCG, ou *lit de repôs*, possivelmente terá sido produzida no fim do Império, podendo mesmo tratar-se de Império tardio, isto porque, numa observação rigorosa, é

possível constatar que as superfícies de madeira (Fig. 13) estão pintadas de forma a copiar a espécie mogno ou madeiras mais escuras, normalmente de origens mais exóticas.



Figura 13 – Vista exterior do espaldar.

Numa outra perspetiva, os elementos decorativos não figuram os ornamentos mais comuns do mobiliário do estilo Império (como por exemplo, águias, esfinges, coroas e ramos de louro), o que pode significar que a preguiceira não estaria destinada aos palácios reais. Outro motivo pelo qual se pode considerar um objeto do final do Império, são os seus metais decorativos. Enquanto que em pleno Império era utilizado o bronze, de preferência dourado, na preguiceira apurou-se que os metais são de latão, material mais comum no período seguinte, a Restauração (Sassone, 1985). Por fim, também o grande investimento em sedas, reforça a hipótese de a preguiceira ser posterior a 1811 ou 1813, de uma produção tardia.

## 2.5. Preguiceiras francesas do estilo império

Para melhor compreender este tipo de móvel de repouso, efetuou-se uma pesquisa sobre objetos muito semelhantes produzidos no século XIX, com características formais e ornamentais relativamente semelhantes. Foram considerados seis dos móveis de repouso encontrados, por terem características muito idênticas, à exceção dos tecidos que revestem o estofado, pela frequência de renovação do estofado e do seu revestimento devido ao estado de conservação ao longo dos anos (consultar Apêndice II).

Os objetos de mobiliário sinalizados foram sobretudo explorados em páginas de leiloeiras, como a “*Sothebys*” e a “*Istdibs*”. Na comparação entre os vários objetos, as diferenças repetiam-se na ausência de volume do enchimento, do estofado, sobretudo no espaldar e no

anteparo. Uma característica que pode revelar que num re-estofamento, as molas e parte do estofaço pode ter sido removida. Contudo, as dissemelhanças descritas em Apêndice são baseadas unicamente na observação das imagens e informações disponibilizadas nas respetivas páginas online, considerando que se trata de leiloeiras.

No entanto, e pelas informações disponibilizadas, é referido que um dos móveis de repouso é assinado por François Honoré Georges Jacob-Desmaller, cuja assinatura, “IACOB” (“Lot 1355: Recamiere ‘aux cygnes,’ 2016). Apesar da veracidade da assinatura não ter sido confirmada, Jacob-Desmaller foi responsável por uma importante empresa de produção de mobiliário. Na empresa, beneficiava da contribuição de bronzistas, como Thomire, e de arquitetos desenhadores, como Percier ou Poyet. O trabalho de Jacob-Desmaller, alcançou outros países da Europa, nos quais se fez notar a presença do estilo império, como na Inglaterra, Alemanha ou Itália (Barrielle, 1986).

A preguiceira do MCG, mesmo que tardia, pode ter sido adaptada aos desenhos dirigidos por Jacob, caso tenham mesmo existido sobre este tipo de objeto de mobiliário.

### 3. CARACTERIZAÇÃO MATERIAL E TÉCNICA

#### 3.1. Considerações prévias

Precedentemente a qualquer estudo analítico sobre a preguiceira, a ficha de inventário define a estrutura de madeira sendo de mogno e os ornamentos metálicos de bronze cinzelado e dourado. Este estudo pretende conhecer os materiais e técnicas utilizadas na produção da preguiceira, considerando os dados adquiridos como questionáveis, dado que, existem técnicas de produção e uso de materiais que nem sempre são as tradicionalmente utilizadas na época.

A preguiceira do MCG é composta por diversos materiais, orgânicos e inorgânicos. Pela diversidade de materiais procurou-se, sempre que possível, o reconhecimento de cada um.

No que concerne aos materiais orgânicos, foi feita uma tentativa de identificação de espécies de madeira através da observação microscópica de lâminas finas (Hoadley, 1990), recolhidas aquando a desmontagem da preguiceira. Este método experimental procurou evitar a recolha de amostras com dimensão significativa, para proceder a uma análise xilológica. No entanto,

o método no qual as lâminas de madeira são humedecidas (Fig. 14) e observadas ao microscópio ótico, não foi conclusivo, pois as imagens não concederam informação útil. Provavelmente as amostras deveriam ter sido obtidas com uma maior agilidade durante o corte com bisturi, porém, para não correr o risco de repetir o erro e o desperdício de material, não foram repetidos os testes e consequentemente identificadas as espécies.

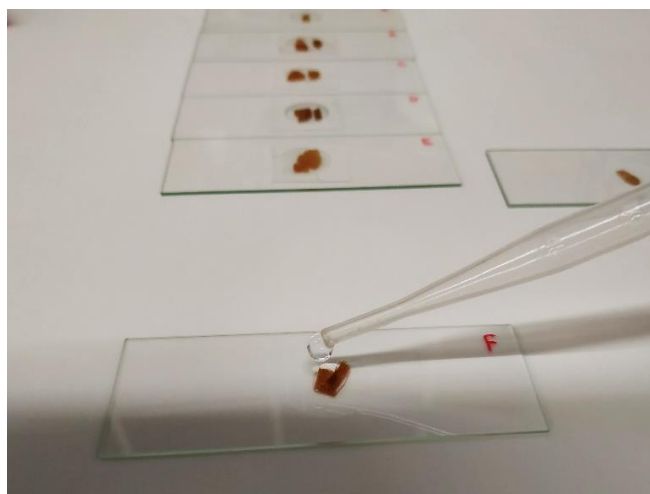


Figura 14 – Tentativa de observação macroscópica de amostras de madeira.

Para a identificação material e técnica conciliou-se o enquadramento histórico do período império com a observação e discussão *in situ*, confrontando as hipóteses com a ciência aplicada. As análises laboratoriais foram realizadas no Laboratório de Física e Química e Raio-X (LFQR-X), pelo técnico superior Doutor Vítor Gaspar.

### 3.2. Exames e análises laboratoriais

#### 3.2.1. Identificação de liga metálica

A identificação da liga metálica dos elementos decorativos e dos fios metálicos presentes nos tecidos, foi realizada através da Microfluorescência de raios X ( $\mu$ -FRX), um exame de carácter elementar, não invasivo, que pode ser efetuado *in situ*.

Para deteção de elementos químicos metálicos foi utilizado um espectrómetro de fluorescência de raios X com um detetor *Amptek® XR-100CR*. A ampola fonte de raios X da marca *OXFORD INSTRUMENTS®*, em ânodo de prata, operou com uma diferença de potencial de 28 kV (quilovolt), com intensidade de corrente de 25  $\mu$ A (microampere) e com tempo de aquisição de cada espectro de 180 segundos.

Os exames de ponto com  $\mu$ -FRX foram realizados num acessório decorativo (Fig. 15) e em fios metálicos recolhidos dos tecidos que revestem o estofa da preguiceira. O acessório previamente assumido como bronze<sup>10</sup> dourado, é na verdade uma liga de latão, visto que, no espectro do exame realizado (Fig. 16), foram observados picos relativos à detecção de cobre (Cu) e zinco (Zn).



Figura 15 – Acessório decorativo examinado por  $\mu$ -FRX.

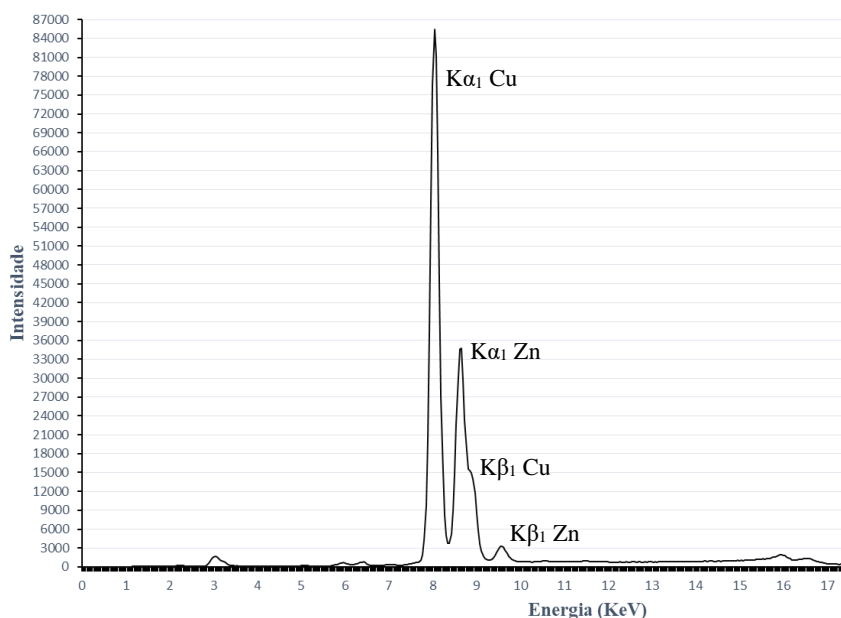


Figura 16 - Espectro relativo ao acessório decorativo, onde é possível observar-se os picos característicos das energias de transição  $K\alpha$  e  $K\beta$  dos elementos cobre e zinco (LFQR-X).

Numa tentativa de compreender o porquê de o latão parecer dourado, realizou-se um segundo exame de  $\mu$ -FRX, desta vez portátil, em acessórios decorativos mais representativos. Foi utilizado um equipamento da marca Bruker®, com um detetor *Titan Detector Shield™* e ampola fonte de raios X, em ânodo de ródio. Com uma potência máxima de 50 kV e intensidade máxima de corrente de 100  $\mu$ A, o tempo de aquisição de espectros foi de 31 segundos. Depois de repetido em vários pontos e acessórios (Fig. 17), o exame revelou os mesmos resultados, ou seja, o elemento cobre e zinco. Desta vez, o equipamento  $\mu$ -FRX, permitiu também quantificar os elementos em percentagem, detetando o cobre com uma média de 70,95 % e o zinco com 27,57 %. Por motivos informáticos, não foi possível a obtenção dos espectros ou de outras informações disponibilizadas diretamente através do aparelho. Contudo, o registo feito no momento, quer por via documental e fotográfica (Fig. 18) é igualmente relevante para este estudo.

<sup>10</sup> Liga de bronze é constituída por cobre e estanho.



Figura 17 – Análise de leão alado com equipamento de  $\mu$ -FRX portátil.

El	Min	%	Máx	+/- [%]
Cu	68.50	70.95	71.50	0.33
Zn	26.00	27.57	33.00	0.19
S		0.53		0.02
Nb		0.31		0.02
P		0.29		0.03
Hg		0.11		0.01
Pb	0.00	< LOD	0.07	0.07
Co		0.06		0.02
Mo		0.06		0.01

Buttons: Cfg. Média, Calcular Média, Espectro, Editar info, Voltar

Figura 18 – Tabela de elementos metálicos constituintes dos acessórios.

No revestimento têxtil foram recolhidas três amostras de fio metálico: A1, do tecido do exterior do espaldar (Fig. 19), e as amostras A3 e A4, do tecido do assento, de um fio dourado (Fig. 20) e um enegrecido (Fig. 21), respetivamente. As amostras foram previamente observadas através de microscopia ótica (MO), com ampliações de 40x e 100x, em luz refletida.



Figura 19 - Amostra A1: fio laminado em espiral do tecido do exterior do espaldar. Ampliação de 40x (LFQR-X).



Figura 20 - Amostra A3: fio laminado em espiral do tecido do assento. Ampliação de 40x (LFQR-X).



Figura 21 - Amostra A4: fio laminado do tecido do assento. Ampliação de 40x (LFQR-X).

Previamente à análise  $\mu$ -FRX, as amostras foram observadas ao microscópio ótico. É importante referir que a análise foi realizada através de um tubo de raios X com ânodo de prata o que influencia a deteção de prata constituinte em amostra, dando resultados pouco claros e questionáveis. Todavia, os resultados da  $\mu$ -FRX são apresentados na tabela 1, onde constam identificados os picos das energias de transição, com a respetiva intensidade e atribuição. Os espectros podem ser consultados no Anexo III.

Tabela 1 - Interpretação de resultados dos espectros de  $\mu$ -FRX da análise de ligas metálicas - fios.

Tecido exterior - espaldar		Tecido - assento			
Amostra A1		Amostra A3		Amostra A4	
Energia / Contagens	Atribuição	Energia / Contagens	Atribuição	Energia / Contagens	Atribuição
1.75 / 451	Si $K\alpha_1$	1.75 / 409	Si $K\alpha$	1.75 / 1048	Si $K\alpha$
2.98 / 2678	Ag $L\alpha$	2.98 / 4514	Ag $L\alpha$	2.33 / 294	S $K\alpha$
3.67 / 2564	Ca $K\alpha$	3.67 / 1624	Ca $K\alpha$	2.63 / 740	Cl $K\alpha$
4.02 / 498	Ca $K\beta$	4.02 / 411	Ca $K\beta$	2.98 / 6445	Ag $L\alpha$
6.40 / 564	Fe $K\alpha$	6.36 / 880	Fe $K\alpha$	3.71 / 5132	Ca $K\alpha$
8.02 / 19731	Cu $K\alpha$	8.02 / 1553	Cu $K\alpha$	4.02 / 910	Ca $K\beta$
8.87 / 3406	Cu $K\beta_1$	9.71 / 1301	Au $L\alpha$	6.40 / 696	Fe $K\alpha$
		11.40 / 1224	Au $L\beta$	8.02 / 1683	Cu $K\alpha$
		11.87 / 2692	Br $K\alpha$	8.87 / 724	Cu $K\beta$
		13.17 / 1269	Br $K\beta$	11.83 / 1812	Br $K\alpha$
		21.95 / 999	Ag $K\alpha$	13.25 / 853	Br $K\beta$
				21.98 / 1135	Ag $K\alpha$

Observando a tabela anterior, com base na interpretação dos gráficos, a amostra A1 evidencia uma maior intensidade de cobre (Cu), enquanto que nas amostras A3 e A4 foi detetada prata (Ag) com maior intensidade nas transições da série L e picos relativos à série K. Apesar da presença de prata não ser clara devido ao ânodo utilizado (também de prata), a intensidade na transição da série L das amostras A3 e A4 é muito superior que no pico correspondente à transição  $L\alpha$  da amostra A1. A presença do elemento cobre nas amostras A3 e A4, corresponde à constituição da liga de prata, enquanto que, a deteção do elemento ferro (Fe) deverá ser residual, possivelmente associado aos espigões dos balmazes. Contudo, as amostras encontram-se em reserva e podem ainda ser submetidas a outra análise de  $\mu$ -FRX com um ânodo diferente, para confirmação destes resultados.

Esta análise, para além da vantagem da identificação material, foi também proveitosa para compreender a técnica e as alterações do material. Os espectros resultantes da análise aos fios metálicos do tecido do assento, ambos de prata, detetaram outros elementos químicos. A deteção dos elementos prata e ouro, em A3, é indicativa de que o fio é de prata dourada. Na amostra A4 foram ainda detetados os elementos cloro (Cl) e enxofre (S), possivelmente

associados aos produtos de oxidação da prata, responsáveis pelo seu enegrecimento (Guerra; et al., 2013), em forma de cloretos ou sulfuretos de prata, respetivamente.

Outros elementos químicos, tais como o cálcio (Ca) e o silício (Si), foram detetados pelo equipamento de  $\mu$ -FRX. Estes elementos químicos dizem respeito à composição da lâmina de vidro onde as amostras foram fixas. Os picos das energias de transição próximas a 11.87 e 13.25 KeV, suscitam dúvidas de atribuição, pelo que podem ser associadas ao elemento bromo (Br), que também foi detetado num exame realizado a uma lâmina de vidro (consultar Anexo III). Porém, o facto de o bromo estar intensificado na amostra A3 não foi compreendido, levantando dúvidas sobre os resultados obtidos.

### *3.2.2. Identificação de fibras têxteis e de enchimento*

Para um estudo material mais preciso da preguiceira, foram recolhidas amostras de fibras com o objetivo de determinar os vários materiais que compõem a estrutura do estofa, desde os tecidos, camadas de enchimento e fundo (os locais de recolha das amostras podem ser consultados no Anexo III). A amostragem pretendeu também distinguir tecidos bastante idênticos, por exemplo, de linho e de algodão, pois o estado de conservação nem sempre permitiu diferenciar tais materiais.

A análise das fibras foi realizada com o reagente de Herzberg e a visualização das amostras feita através da MO, em luz transmitida, com ampliações de 40x e 100x. O reagente de Herzberg, por ser quimicamente reativo, torna-se útil na identificação de amostras através da observação da reação ou cor resultante e por acentuarem a morfologia das fibras. Apesar de ter sido desenvolvido para a identificação de fibras de papel, este reagente tem também aplicação na análise de fibras têxteis, visto que, muitas das fibras vegetais utilizadas contêm celulose e lignina. A percentagem destas duas substâncias numa amostra, influenciam a mancha de cor causada pelo reagente. Ou seja, fibras com elevada celulose, tornam-se avermelhadas, enquanto que, com maior percentagem de lignina ficam amarelas, apesar destas reações de cor serem apenas temporárias durante a observação (Stoner & Rushfield, 2013).

Com as fotografias obtidas através do equipamento, foi possível comparar a morfologia das fibras e células com a literatura consultada (Leene, 1972). As fibras identificadas através da análise, correspondem a fibras vegetais e animais, tanto nos tecidos decorativos e nas



camadas de estofa. Neste capítulo serão abordadas as características que determinam os tipos de fibras encontrados e os exemplos representativos dos mesmos.

Na tipologia de fibras vegetais, foram identificadas algumas amostras de algodão, de linho, juta, cânhamo e sisal. Um dos materiais mais encontrado, o algodão, é caracterizado pelas fibras unicelulares, longas, que ao microscópio surgem por vezes ligeiramente torcidas, de forma mais ou menos vincada (Fig. 22 e 23). Além das características morfológicas, com o reagente de Herzberg, as fibras de algodão mudam para rosa a vermelho, por serem naturalmente ricas em celulose.



Figura 22 - Fibras de algodão, ampliação de 150x (Ilvessalo-Pfäffli, 1995).

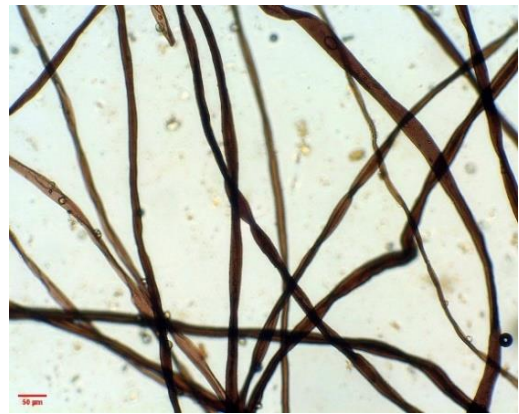


Figura 23 - Amostra J – algodão – ampliação 100x (LFQR-X).

O linho, por sua vez, apresenta fibras multicelulares por vezes distribuídas num feixe e as células alinhadas topo a topo, ligam-se através de nós que tornam a fibra mais larga nessa zona (Fig. 24 e 25). Quando não se trata de fibras branqueadas, o reagente colora de verde cinza avermelhado (Stoner, J. H. & Rushfield, 2013).

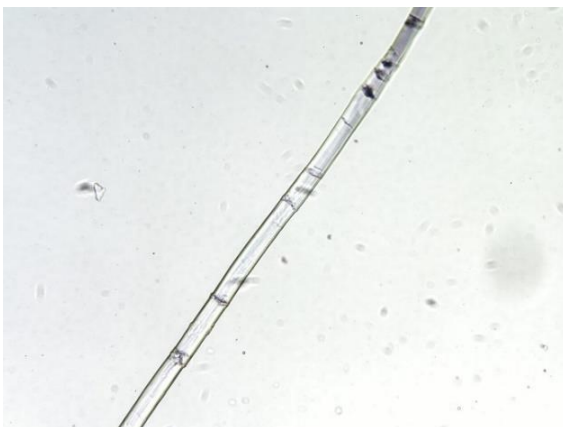


Figura 24 – Fibra de linho, ampliação de 200x (“Flax fiber,” s.d.).

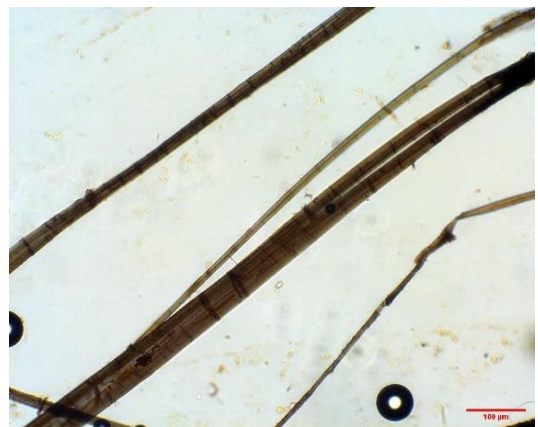


Figura 25 - Amostra F – linho – ampliação 100x (LFQR-X).

Semelhante às fibras de linho, o cânhamo, caracteriza-se também pelas fibras multicelulares, com estrias transversais que não se estendem obrigatoriamente ao longo da largura da fibra (Fig. 26 e 27). O cânhamo, quando não processado, também obtém a coloração de verde cinza avermelhado, em maior expressão do que o linho, uma vez que, o teor de celulose do cânhamo é naturalmente mais reduzido (Stoner & Rushfield, 2013).



Figura 26 – Fibra de cânhamo, com reagente de Herzberg, ampliação de 200x. A seta marca estrias transversais (Ilvessalo-Pfäffli, 1995).



Figura 27 – Amostra K – cânhamo – ampliação 100x (LFQR-X).

A fibra de juta, com largura irregular, tem linhas transversais ou paredes celulares de diferentes ângulos. Através do reagente pode colorar de amarelo até verde azeitona, devido ao alto teor de lignina presente na sua fibra. Apesar de dificultado o exercício de comparação com representações de fibras da mesma espécie, as microfotografias desta amostra, tal como das restantes, encontram-se no Anexo III.

Como enchimento vegetal, as fibras de sisal são muito resistentes, suaves, de extremidades arredondadas e transverso poligonal. No entanto, a imagem da amostra H, é pouco representativa da espécie suposta como sisal.

Na tipologia de fibra animal, foram encontrados materiais de diferentes tipos: a fibra obtida através da secreção glandular do bicho-da-seda, ou seja, a própria seda; e de pelo animal, a crina de cavalo. A seda distingue-se pela sua fibra ser bastante fina e brilhante, com uma superfície lisa que reflete grande parte da luz que nela incide. No caso desta fibra proteica,

o método do reagente de Herzberg é também eficaz na identificação analítica, pois a proteínas mancham de amarelo (Fig. 28 e 29).



Figura 28 – Fibras de seda, ampliação 210x (Leene, 1972).



Figura 29 – Amostra A3 - seda – ampliação 100x (LFQR-X).

A crina de cavalo do tipo domesticado (*equus caballus*) apresenta fibras com forma cilíndrica, de translúcida a castanha. Da juba do cavalo, este tipo de fibras pode ser distinguido em três tipos principais, consoante o tamanho da medula para a largura do cabelo. O tipo de cabelo mais comum apresenta uma medula mais larga, que ocupa cerca de 75 % da largura do cabelo, em cabelos mais finos a medula ocupa menos largura (Fig. 30) e em alguns cabelos, a medula chega a ser inexistente, porém com pequenas áreas ovais centradas (“846: Horse Hair (*Equus caballus*),” s.d.). Na análise às amostras de crina, foi possível identificar dois destes tipos, com uma grande medula e com medula inexistente (Fig. 31).

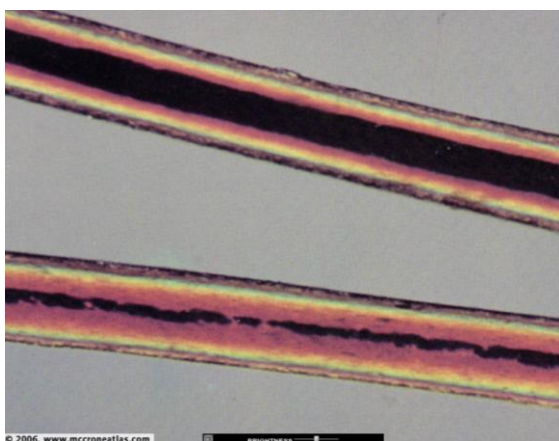


Figura 30 - Fibra de pelo de cavalo, ampliação de 42x (“846: Horse Hair (*Equus caballus*),” s.d.).

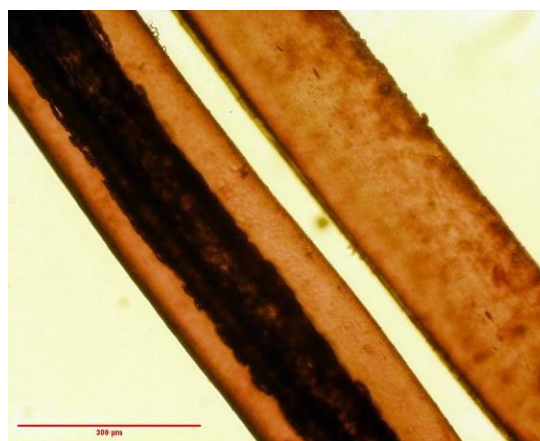


Figura 31 - Amostra D1 - crina de cavalo – ampliação 100x (LFQR-X).

### 3.3. Materiais

A constituição material de um objeto de mobiliário com estofado, como a preguiceira, costuma ser bastante diversificada, desde a estrutura principal, de madeira, aos acessórios decorativos, em metal, e o estofado revestido por materiais têxteis.

Na preguiceira, através da observação, foram detetadas pelo menos três espécies de madeiras: das traves laterais (sendo incógnita a identificação da folha de madeira), espaldar e anteparo; outra espécie nas barras laterais interiores de sustentação do estofado; e uma pequena peça sobre a trave do anteparo dos pés. A madeira das traves laterais, espaldar (Fig. 32) e anteparo, pelo brilho e consistência que apresenta, assemelha-se a espécies folhosas, possivelmente de árvores de fruto, como cerejeira ou faia (?). O barramento interior (Fig. 33), evidencia uma espécie de madeira mais macia, com características semelhantes ao pinho sobretudo na cor e na textura, pois a superfície apresenta marcas do labor. A pequena barra de sustento do estofado no anteparo (Fig. 34), por sua vez, apresenta características semelhantes ao castanho, sobretudo na porosidade, mas também pela cor e dureza.

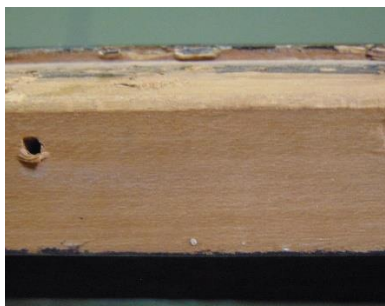


Figura 32 – Peça de apoio ao estofado, espaldar.



Figura 33 – Barramento interior de apoio ao estofado, laterais.



Figura 34 – Peça de apoio ao estofado, anteparo dos pés.

As espécies de madeira referidas são apenas sugestões baseadas na observação e comparação com espécies em xiloteca. Além do mais, a observação foi limitada pelas direções de corte possíveis de alcançar e pela alteração ou escurecimento de algumas superfícies.

Os materiais têxteis que resguardam o enchimento são organizados por dois conjuntos de tecidos: os de revestimento exterior e os de forro do enchimento, que são simplesmente em algodão. O conjunto de tecidos exteriores e decorativos são compostos por fios de algodão, fios de seda, fios de prata e prata dourada, à exceção do tecido externo ao espaldar, onde foram detetados apenas fios de algodão e de cobre.



O estofo, aparentemente mais complexo, tem várias camadas de enchimento que variam conforme a área estofada: espaldar, assento e anteparo dos pés (Fig. 35). Começando pela base do estofo, esta é normalmente sustentada por precintas em juta (fixas por tachas de estofador - pregos em aço macio, de cabeça achatada), onde estão fixadas molas aparentemente em aço com banho de cobre, interligadas com fios de cânhamo. Sobre as molas encontram-se várias camadas de enchimento que podem variar ligeiramente conforme a área de estofo, contudo é possível identificar um padrão material nos três diferentes blocos estofados. Esse padrão é caracterizado por: uma camada de juta (com um ponto mais largo que o das precintas), também chamada de linhagem por estofadores; sobre esta, uma camada de fios de sisal, também conhecida por crina vegetal; novamente uma camada de juta (que envolve a crina vegetal); crina de cavalo; e sobreposta a esta, um substrato de algodão e um tecido de linho. Sobre o último tecido de linho são então colocados o forro de algodão e o tecido decorativo.



Figura 35 – Pormenor das camadas de enchimento no anteparo dos pés.

Descrevendo por área estofada, o anteparo dos pés ao contrário das outras áreas não tem molas, sendo que no exterior, o tecido decorativo se encontra sem forro e apenas sobre linhagem, estando logo depois a crina vegetal. No assento, registou-se uma segunda camada de crina sobre o tecido de forro (que poderá ser um acréscimo) e por baixo do assento foi identificado um tecido de algodão, este a revestir as precintas pelo exterior. No exterior do espaldar o tecido decorativo é aplicado sobre as precintas, ou seja, sem o tecido de forro tal como no anteparo dos pés.

A aplicação do tecido de forro foi realizada também com tachas de estofador, pequenos pregos de cabeça achatada, tal como as precintas, enquanto que o tecido decorativo foi fixo por balmazes com calote em latão e espigão em aço.

Os acessórios metálicos, primeiramente presumidos como bronze dourado, foram através da  $\mu$ -FRX identificados como ligas de cobre e zinco, ou seja, latão. As percentagens registadas pelo equipamento  $\mu$ -FRX portátil (ver ponto 3.2.1), indicam latões do tipo *Alfa* em que a percentagem de cobre é superior a 65 e a de zinco inferior a 35 %, o que faz com que sejam mais dourados que outros tipos de latão (“Brass,” s.d.). Outras referências associam ligas metálicas com 70 a 80 % de cobre e 20 a 30 % de zinco a latão amarelo (Davis, 2001), utilizado em aplicações decorativas.

### 3.4. Técnica

Tal como existe uma grande diversidade de materiais, existem também técnicas aplicadas à produção da preguiceira. A estrutura de madeira apresenta diferentes métodos de construção, onde os blocos constituintes se unem através de uniões respiga e caixa (Fig. 36), em que a respiga é cerca de 1/3 da largura da área a unir. Nas ligações das traves laterais à estrutura do espaldar ou anteparo, verificou-se que a altura da respiga é 2/3 da altura total da barra. Possivelmente, a união terá sido reforçada com algum adesivo de origem animal, sendo uma ligação colada. Os barramentos interiores de apoio ao estofa estão unidos às traves laterais exteriores por pregos e as extremidades, terminadas em diagonal, assentam sobre as traves do espaldar e anteparo. As peças de apoio ao estofa, dos encostos, unem-se à estrutura principal de madeira através de parafusos, dois quando na vertical e três nas peças horizontais.

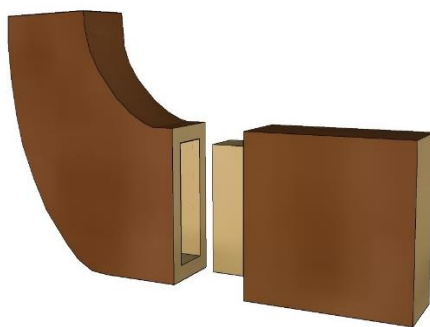


Figura 36 – Esquema de ligação caixa e respiga.

Para simulação de madeira de mogno ou outra espécie exótica, a superfície de madeira foi escurecida com velaturas, provavelmente aquosas, de vários tons de forma a imitar também os veios da madeira, prática utilizada no período império devido ao bloqueio continental<sup>11</sup>. Além do fingimento da superfície, as traves laterais e das extremidades são revestidas de folha de madeira, igualmente tonalizada, com 2 mm de espessura (Fig. 37).

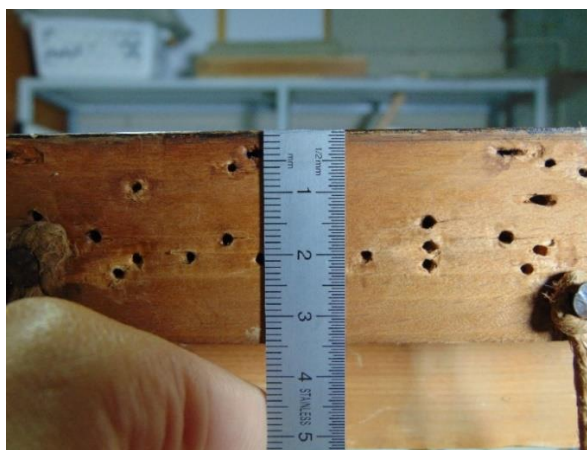


Figura 37 – Medida de espessura da folha superficial de madeira, pelo fundo.

Os materiais e técnicas de enchimento, são sobretudo sustentados pelas precintas. No assento da preguiceira cada precinta tem cerca de 10 cm de largura, organizadas numa espécie de teia e trama entrelaçadas, com cinco tiras ao comprido (entre o espaldar e anteparo) e doze que unem as traves laterais. As precintas presentes no espaldar são ligeiramente mais pequenas e em menos quantidade, ou seja, três na vertical e quatro precintas horizontais (Fig. 38).



Figura 38 – Vista de precintas no exterior do espaldar.

<sup>11</sup> Ver subcapítulo 2.4. Enquadramento artístico.

As molas que sustentam o estofo são do tipo helicoidal, uma inovação do século XIX (Rivers & Umney, 2003), no assento estão agrupadas num alinhamento de quatro molas entre as traves laterais por oito molas entre as extremidades, totalizando a soma de 32 molas no assento (Fig. 39). No espaldar, em menos quantidade, encontram-se três colunas com duas molas alinhadas, num total de seis. As molas são cosidas com fios de cânhamo às precintas e para que não estiquem mais do que o pretendido, são presas por fios mais espessos, ficando à mesma altura.



Figura 39 – Base do estofamento da preguiceira.

Sobre as molas, encontra-se costurada a linhagem com fios mais finos do que os utilizados para nivelar as anteriores. A linhagem serve também para envolver a crina vegetal (sisal), e através da costura entre as duas matérias são feitas as arestas do enchimento que modelam o estofo. Sobre estas, a camada de crina de cavalo é revestida com um tecido de algodão e outro de linho para que os cabelos não trespassem para a superfície. As últimas camadas referidas são também unidas à linhagem e crina vegetal, nas extremidades as costuras servem também para modelar o encosto, criando uma curvatura ao centro.

No assento, as camadas de enchimento são fixas com uma grelha de cinco fios paralelos (do anteparo dos pés ao espaldar) a uma distância entre 12,5 cm e 15 cm. Esses fios paralelos encontram-se em forma de pontos largos, em que aproximadamente 24 cm de fio estão sobre as camadas e 2 cm de fio passa no interior.

A revestir o enchimento e ainda oculto, encontram-se tecidos de algodão, tingido, com motivos florais que serve como forro final ao tecido decorativo e é cravado com pregos de cabeça achatada sobre o barramento de apoio ao estofo. Para melhor compreensão das



camadas de enchimento e de estofo, apresenta-se de seguida um esquema padrão que representa os materiais encontrados na preguiceira (Fig. 40).

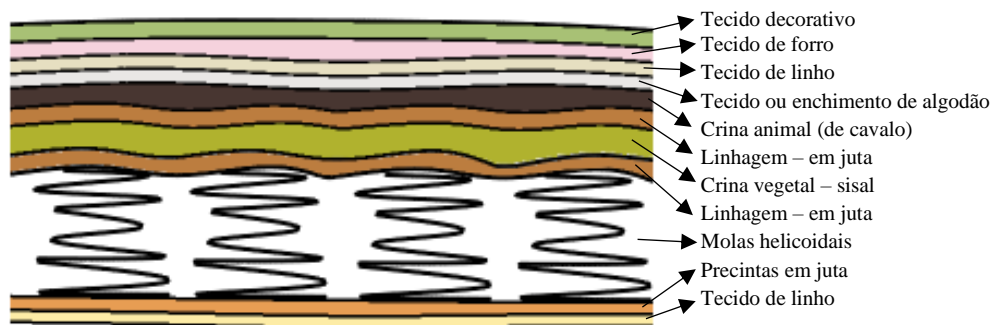


Figura 40 - Esquema padrão das camadas de estofo da preguiceira.

O revestimento têxtil (Fig. 41) apresenta os materiais característicos de um tecido brocado, sendo ricamente trabalhado, produzido com fios de seda podendo também conter fios de ouro ou prata inseridos em parte do desenho da trama (Ward, 2008).



Figura 41 - Tecido brocado, exterior do anteparo dos pés.

No caso da preguiceira, como já referido, foram identificados fios com liga de prata e de prata dourada. Este tipo de fio pode ser obtido por batimento do metal até este achatarse, ou através da aplicação de folhas de metal sobre um substrato como membrana ou papel. A técnica que utiliza um substrato de membrana, por ser natural não é detetada pelo equipamento  $\mu$ -FRX, porém quando há desgaste ou erosão o substrato fica visível, o que não foi observado (Ward, 2008). Apesar de não ser perceptível nas fotografias de MO a coloração típica do ouro na amostra de prata dourada, é característico dos fios obtidos através de lâminas batidas, em que apenas um dos lados é dourado (Landi, 1998). Desta forma, considera-se que os fios metálicos aplicados poderão ter sido obtidos na forma de lâminas batidas.

Na observação do tecido brocado e da análise aos fios metálicos verificou-se ainda que os fios de prata não foram apenas utilizados de forma isolada, inseridos na trama, mas também enrolados num núcleo de fibra normalmente em seda ou linho (Landi, 1998). No tecido exterior ao espaldar (Fig. 42), contrariamente ao tecido do assento, encontraram-se materiais de menor qualidade como fios de cobre enrolados em fibras de algodão.



Figura 42 – Tecido do exterior do espaldar (verde) junto aos tecidos do anteparo dos pés.

O latão destinado aos acessórios decorativos, possivelmente terá sido fundido em moldes e cinzelado a frio. A produção destes acessórios através de moldes, torna-se mais credível não só pela repetição equivalente dos elementos para esta preguiceira, mas também para os móveis de repouso recolhidos em Apêndice II. Ao contrário do suposto na ficha de inventário do objeto, sobre os acessórios serem dourados, não foi detetada a presença de ouro em nenhum dos acessórios analisados por  $\mu$ -FRX. A justificação encontrada para o latão ser dourado deve-se, tal como explicado nos capítulos anteriores, à proporção de cobre e zinco constituintes.

No assentamento da estrutura do assento e extremidades, cada uma das pernas da preguiceira (Fig. 43) é composta por três elementos: a estrutura base que é em madeira, com uma curva e contracurva mais volumosa ao centro, o “joelho”; um leão alado em latão; e o pé, também em latão, que representa a pata de um leão. O encaixe dos três elementos à preguiceira é sempre efetuado primeiramente através do leão alado, através de parafusos e só de seguida poderá encaixar a perna já com o pé metálico aparafusado (Fig. 44). Isto porque, a perna em madeira quando encaixada e aparafusada no leão alado, não permite o acesso aos parafusos

aplicados na base da estrutura do assento. Os cisnes em latão, por sua vez, encaixam nos remates das extremidades de encosto, também recorrendo a parafusos.



Figura 43 – Perna do móvel de assento.



Figura 44 – Vista interior de perna do móvel de assento.

A preguiceira apresenta ainda marcas de numeração romana cravada na madeira e cinzelada nos acessórios decorativos, estas marcas deverão remeter à produção e montagem do objeto, pois apresentam correspondência local.

Quanto ao método utilizado como acabamento da superfície de madeira sugere-se, com base na observação, um meio polimento de verniz e acabado a cera. O primeiro, com goma-laca aplicado “à francesa”, mantém-se com algum brilho característico deste tipo de polimento. O polimento francês foi um método inovador logo no início do século XIX (Edwards, 2000), porém, a preguiceira poderá ter sido terminada ou mantida com ceras naturais o que torna a superfície ligeiramente mais baça. Trata-se apenas de sugestões debatidas que deverão, se possível, ser confirmadas através de métodos analíticos.

#### 4. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Para proceder a formulação de uma metodologia de intervenção adaptada à preguiceira, é imprescindível conhecer o seu estado de conservação, enunciando os danos, patologias e intervenções a que esteve sujeita. Os danos que ocorreram em 2010 a propósito do contacto direto com água, enquanto integrava uma exposição temporária, ditaram a necessidade de intervenção.

Desde então, os tecidos decorativos e alguns tecidos de forro foram retirados, visto que se encontravam molhados e manchados, segundo o relatório provisório<sup>12</sup> da intervenção realizada após a exposição de Ana Vieira.

Foi por essa altura que também os acessórios metálicos foram desmontados do móvel de assento, tendo sido possivelmente limpos, pois no relatório provisório são observáveis fotografias dos acessórios decorativos com produtos da corrosão do cobre, de cor verde. No entanto, esses procedimentos não se encontram descritos.

Até à data de início deste estágio curricular, a preguiceira permaneceu com os tecidos reservados de parte e com os acessórios decorativos desmontados, à exceção dos que incorporam as pernas do móvel (Fig. 45).



Figura 45 – Preguiceira antes da intervenção realizada durante o estágio.

#### 4.1. Estrutura em madeira

Por estrutura de madeira entende-se toda a obra, seja estrutural ou superficial, em madeira. Numa primeira observação do estado de conservação, ao nível da estrutura, foram detetadas fissuras nas áreas de fixação dos têxteis (Fig. 46), bem como inúmeros orifícios da aplicação das tachas de estofador. No barramento interior do verso da preguiceira, próximo ao anteparo, ao que era possível observar, notava-se um desvio e degradação de parte do apoio ao estofado (Fig. 47), sendo uma abertura exposta a sujidades.

---

<sup>12</sup> Relatório provisório realizado no âmbito de um estágio profissional no setor de conservação e restauro do MCG.





Figura 46 - Orifícios e fissuras de peça de apoio ao estofado.



Figura 47 - Desvio de barramento interior de apoio ao estofado.

No joelho de uma das pernas que sustenta a preguiceira foi também notada uma lacuna superficial (Fig. 48). Na trave lateral do verso, sobre a fixação da asa de um leão, observou-se o destacamento de uma pequena área de folha de madeira. Ao longo da superfície foram notados danos como depressões, riscos, desgaste do acabamento e da tonalização da madeira, em áreas suscetíveis à ação mecânica resultante do uso do objeto (Fig. 49) e sujidade, principalmente, nas áreas próximas às camadas de estofado.



Figura 48 - Lacuna de madeira no joelho.



Figura 49 – Riscos, amolgadelas e desgaste pontual de superfície.

De forma evidente, o estado de conservação da estrutura de madeira, é influenciado pelo estado de outros componentes, como os têxteis, as camadas de estofado e ainda pelos acessórios decorativos e estruturais metálicos. Como é exemplo a preguiceira de fixação dos têxteis e estofado à estrutura, que resultou no escurecimento e deterioração da madeira devido à oxidação e corrosão do metal.

## 4.2. Têxteis e enchimento

Os tecidos decorativos da preguiceira apresentavam danos de tal forma significativos, que representavam um mau estado de conservação. Danos esses provavelmente instigados pelo incidente com água, sem que alguém do antigo CAM se tivesse apercebido em tempo útil.

As fibras muito alteradas, haviam perdido parcialmente a sua resistência e as cores encontravam-se esmaecidas. Os tons originais do tecido decorativo são apenas perceptíveis nas áreas ocultas quando aplicado na preguiceira (Fig. 50). O tecido do assento, apresenta manchas provocadas pela água, principalmente na área próxima ao anteparo dos pés (Fig. 51). Os tecidos decorativos expõem ainda alterações na sua estrutura, com perda de material, sobretudo nos remates, onde surgem fios soltos.



Figura 50 – Área oculta com tons originais do tecido brocado.

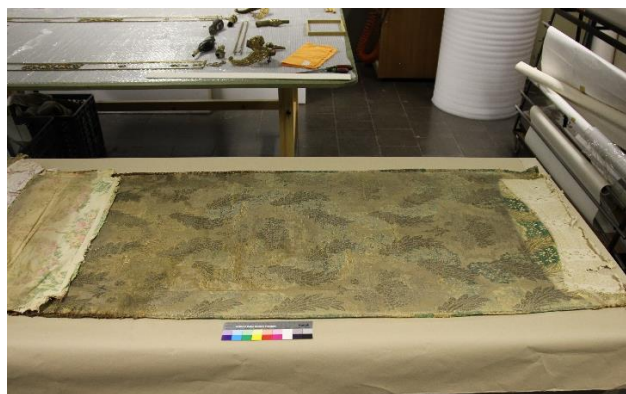


Figura 51 – Tecido brocado (assento) com manchas e desvanecimento das cores.

O tecido que reveste o exterior do espaldar, mostra formas decorativas, cores e materiais muito diferentes dos restantes tecidos decorativos, o que poderá indicar que o tecido brocado não terá sido suficiente. O mesmo tecido encontra-se colado sobre um outro suporte tendo, ainda assim, vários rasgões.

Nas duas qualidades de revestimento, decorativo e do forro (Fig. 52 e 53), eram evidentes intensos depósitos de sujidade superficial, na forma de partículas de pó. No caso do forro, a sujidade deverá ter sido a causa do escurecimento do tecido.



Figura 52 - Tecido brocado do espaldar.



Figura 53 - Tecido de forro do espaldar.

Também os têxteis foram deteriorados pelos elementos metálicos de fixação, a pregaria, que devido à ação da água depositada durante algum tempo, levou ao estado de corrosão que se refletiu pelas manchas de óxidos nos tecidos. Tal como os fios metálicos, sobretudo os mais próximos às áreas de fixação dos balmazes, onde são evidentes os produtos de corrosão que danificaram os tecidos. É também perceptível que os fios de prata não dourada são mais suscetíveis ao escurecimento do metal (Fig. 54), facto este, confirmado pela análise  $\mu$ -FRX onde foram detetados sulfuretos e cloretos, responsáveis pela alteração da prata.

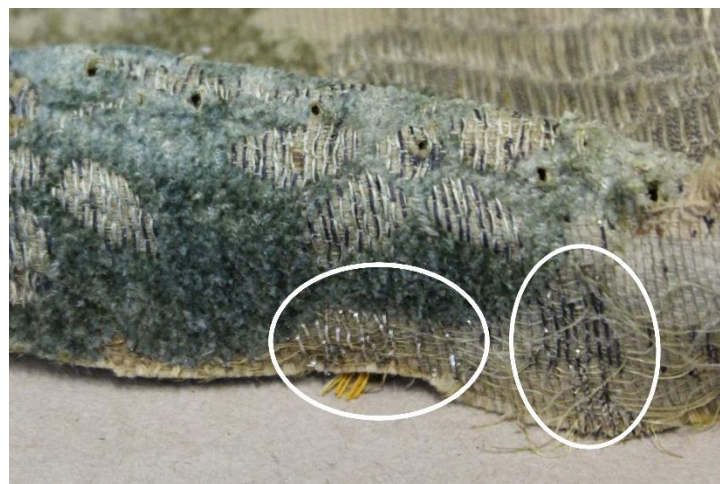


Figura 54 - Fios de prata e prata alterada (escurecida).

O tecido de fundo bastante deteriorado, encontra-se muito frágil e quebradiço, em certos pontos não cumpre a sua função de ocultar o estofo, seja pelo peso ou pela força das molas (Fig. 55). Neste tecido que resguarda as precintas que sustentam o estofo, são visíveis as manchas resultantes do incidente com água (Fig. 56). As colorações dessas manchas indicam também que haverá imensa sujidade nas camadas de estofo.





Figura 55 - Deterioração do tecido de fundo.



Figura 56 - Manchas causadas por água e sujeira, no tecido de fundo.

### 4.3. Acessórios metálicos e decorativos

Como já foi referido anteriormente, a oxidação da pregaria e os respetivos produtos de corrosão, acabaram por afetar o estado de conservação dos tecidos e da estrutura de madeira. Esse estado de alteração do metal é visível nas áreas de fixação dos tecidos (Fig. 57), sobretudo próxima ao anteparo dos pés, onde teve maior influência o incidente com água.



Figura 57 - Pregos de cabeça achatada oxidados e corroídos.

Desde 2010, os acessórios decorativos, encontravam-se armazenados dentro de sacos com fechos zip (Fig. 58), *Minigrip*®, e com etiquetas coladas a indicar o local de onde haviam sido removidos.





Figura 58 - Acessórios decorativos metálicos.

Os acessórios decorativos, por sua vez, apresentam fraturas em alguns elementos das traves laterais. As áreas de fratura são variadas, com elementos que encaixam relativamente bem e elementos com efeito aparente de torção e distensão do metal (Fig. 59), em alguns casos com possível falta de material. As fraturas poderão ser resultado de tensões exercidas em algum momento de remoção dos acessórios da preguiceira, onde estariam fixos por pregos, possivelmente anterior a 2010. Contudo, as tensões não deveriam ser permanentes, pois existem furos a mais nos locais destinados aos acessórios. Em alguns casos, as fraturas também poderão ter resultado de defeitos de produção, pois são observáveis pequenas fissuras em alguns dos elementos (Fig. 60).



Figura 59 -Fratura com sinais de torção em acessório decorativo (verso).



Figura 60 - Fissuras no verso de acessório decorativo.

Também nas traves laterais e topo dos encostos (espaldar e anteparo dos pés), os frisos decorativos apresentam alguma deformação. Por fim, no geral dos acessórios decorativos, são visíveis pequenas incrustações de sujeira e pequenos resíduos de corrosão do cobre.

#### 4.4. Intervenções de restauro

Faz parte do contexto histórico deste objeto de mobiliário, a preguiceira, intervenções de conservação e restauro conhecidas através de registos reservados pelo arquivo da FCG.

O primeiro registo data de 1959, já em Portugal, realizado pela Oficina de Restauro de Tecidos, do Museu Nacional de Arte Antiga, a cargo de Maria José Taxinha. Os tratamentos são descritos inicialmente num orçamento recebido pelo Serviço de Belas-Artes e Museu, destinado aos trabalhos de limpeza e “desinfecção” de 68 objetos de mobiliário, presentes no Palácio de Oeiras. Cerca de um mês depois, foi enviado à fundação um relatório assinado por Maria José Taxinha a dar conta do estado de conservação e o tratamento a realizar em cada objeto, nele incluía o “*Inv. 98 – Chaise longue. – Brocado necessita de reparação*”, ou seja, a preguiceira.

Dias depois, em resposta ao pedido por Maria José de Mendonça, do Serviço de Belas-Artes e Museu, foi enviada uma descrição sumária dos trabalhos de limpeza e desinfecção. A intervenção de Maria José Taxinha incidiu na limpeza dos estofos com escovas de cerdas macias, tendo sido aplicado *Globol*<sup>13</sup> diretamente na tapeçaria e os forros pulverizados com D.D.T.<sup>14</sup>. Sobre as madeiras é referida uma limpeza com pincéis. Em específico sobre a preguiceira é difícil saber ao certo o realizado, se o tecido decorativo foi ou não retirado para a limpeza do forro. Contudo, a referência ao estado de conservação do tecido brocado indica que alguns dos danos não serão recentes.

O segundo registo de intervenções ocorreu em 1962, por uma casa francesa (fundada em 1859) de restauro de bens culturais, a *Maison André*, tendo sido Denise André a responsável. No relatório resultante dos trabalhos executados aos móveis da coleção, no Palácio de Oeiras apenas é referida a recolocação dos pés e de um pescoço de cisne na madeira.

Durante o desenvolvimento da intervenção no período de estágio, foram observadas várias alterações possivelmente resultantes de restauros antigos. É exemplo, um remendo

---

<sup>13</sup> Globol (PDB ou 1,4-Diclorobenzeno), produto de limpeza utilizado como pesticida e desinfetante, substância perigosa à saúde e ao ambiente.

<sup>14</sup> D. D. T. – sigla para diclorodifeniltricloroetano, inseticida utilizado em objetos de museu, altamente tóxico. Atualmente o seu uso é restrito apenas ao controlo de doenças.

encontrado no exterior do anteparo dos pés, com o objetivo de fixar a linhagem à estrutura de madeira. O remendo aparentemente de tecido de linho terá sido colado (Fig. 61).



Figura 61 – Remendo colado sobre linhagem e peça de apoio ao estofado.

Quanto às camadas de enchimento, a existência de um segundo nível de crina animal no assento, sob o tecido de forro, pode indicar um acréscimo para que o tecido brocado se ajustasse. No entanto, tal aumento poderá ter sido realizado aquando da produção e não necessariamente num restauro.

No fundo da preguiceira, para o sustento das molas, foram encontrados dois níveis de aplicação de precintas: o original, em que cada precinta tem uma risca vermelha entre duas azuis e onde permaneciam as molas cosidas; e um segundo, apenas com duas riscas vermelhas em cada precinta, entre o tecido do fundo e as precintas originais, apenas pregado nas traves. O segundo nível de precintas entrelaçadas poderá ter sido aplicado com intenção de suportar as originais (Fig. 62), atualmente em estado avançado de desagregação, elevando também as molas.



Figura 62 - Precintas originais e de reforço.

Outra modificação registada durante os trabalhos, foi a existência de caixas abertas no interior das traves laterais, algumas ainda com respiga colada e partida no interior (Fig. 63, 64 e 65). O alinhamento de três caixas em cada barra lateral, indica que terão existido três travessas encaixadas e coladas com cola animal<sup>15</sup>, possivelmente cola de ossos<sup>16</sup>. O fragmento de uma das travessas tem ainda grandes pregos de cabeça estriada.



Figura 63 - Vestígios de travessa.

Figura 64 - Fragmentos de travessa colada com pregos.

Figura 65 - Caixa aberta destinada a respiga de travessa.

Nas imagens anteriores são perceptíveis algarismos árabes, “1”, “2” e “3”, encontrados incisos na mesma trave do verso, certamente, feitos com punções numeradores. É de recordar que as marcas de produção encontradas na estrutura de madeira e acessórios decorativos são expressas em numeração romana. No entanto, também oculto pelo tecido de fundo e precintas, foi novamente observada numeração árabe, “1” e “2”, nos cantos laterais também do verso, repetindo-se nas traves das extremidades (Fig. 66). A repetição poderá indicar que parte do verso terá sido retirada e por isso terão sido incisos os algarismos, de forma a indicar a posição original da trave, para ser recolocada.



Figura 66 - Marcas cravadas "1" (assinaladas) e marca de produção "VII".

<sup>15</sup> Cola animal - cola proteica constituída por pele, ossos e cartilagens de diferentes tipos de animais. Existem cola de peixe, de ossos (grude) e a cola da pele de coelho.

<sup>16</sup> Cola de ossos ou grude, é adesivo relativamente estável, produzido a partir de ossos de animais.



Também nas madeiras, a espécie de castanheiro (?) presente apenas no anteparo dos pés levanta dúvidas sobre a sua originalidade, porém poderá apenas denotar as dificuldades de utilização de madeiras após o bloqueio continental.

Por fim, verificou-se que os balmazes, guardados em sacos zip, são de diferentes tipos, pelo diâmetro e altura das calotes e dos tamanhos dos espigões. Estas diferenças alinhadas com o relato da existência de outros furos durante a remoção do tecido brocado em 2010, aumentam as probabilidades da remoção do estofado, em 1959 ou em data anterior a esta.

Da intervenção realizada em 2010, apenas foram disponibilizados registos relativos à desmontagem dos acessórios metálicos e tecidos. Através da documentação fotográfica, sabe-se que os metais foram limpos com algum produto (possivelmente com água, detergente e ácido cítrico ou acético) e secos em estufa.

#### 4.5. Inscrições encontradas

Ao longo dos trabalhos que foram decorrendo na preguiceira, foram também observados vários tipos de inscrições e etiquetas, para além das marcas incisas a punção e a formão já referidas no ponto anterior.

Ainda no tecido de fundo existe a marca de inventário original da coleção Gulbenkian, uma etiqueta colada e escrita a caneta, com a informação “*Epoque I<sup>re</sup> Empire At. Duveen, Vte. du Château de Fleury. Galerie G. Petit 7 décembre 1927 n° C. 98*” (Fig. 67).



Figura 67 - Etiqueta de inventário original da coleção Gulbenkian.

No verso do tecido brocado do assento consta uma inscrição, também a caneta e diretamente sobre as fibras. À primeira vista, a inscrição aparenta um número de quatro algarismos

“1712”, porém numa observação mais cuidada o suposto terceiro algarismo deverá ser uma barra (/), quando comparado com o primeiro “1”. No último algarismo é notado alguma hesitação ou correção para o que aparenta ser um “2”. Posto isto, a leitura da inscrição deverá ser feita como “17/2”, tal como pode ser visto na figura 68.



Figura 68 - Inscrição a caneta no verso do tecido decorativo do assento.

Apesar de terem sido feitas várias tentativas de contacto, com várias entidades e instituições francesas, na expectativa de respostas sobre esta inscrição, apenas são colocadas suposições e possibilidades de interpretação. Numa comparação da inscrição do tecido brocado com a caligrafia da etiqueta do tecido de fundo, notam-se grandes diferenças, sobretudo nos algarismos 7 e 2. Racionalmente, a inscrição não deverá estar relacionada com o inventário da preguiceira, por se encontrar em local inacessível. Possivelmente, tratar-se-á de alguma referência específica ao tecido, esteja ela relacionada com a identificação, confeção, medidas ou destino. De qualquer forma, esta poderá ser uma referência anterior à aplicação do tecido na preguiceira.

No canto superior esquerdo do espaldar (Fig. 69), foi encontrada outra inscrição sobre a linhagem (tecido de juta), desta vez carimbada. Os carimbos “M 52” e “B 44” (Fig. 70) provavelmente também não serão referentes à produção da preguiceira, pois este tipo de tecido, também conhecido por serapilheira era frequentemente reaproveitado pelos estofadores.



Figura 69 - Local assinalado do carimbo presente na linhagem do espaldar.



Figura 70 - Carimbo sobre a linhagem.

## 5. METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO

### 5.1. Objetivos e diretrizes orientadoras

Para intervir num bem cultural, no contexto da conservação e restauro, é necessário compreender os objetivos pretendidos para traçar uma metodologia adequada ao objeto. Neste sentido o conservador-restaurador deve seguir as diretrizes que regem a profissão, que são definidas no código de ética (*E.C.C.O. Professional Guidelines (II)*, 2003), documento que é indicado num procedimento da FCG referente à conservação e restauro de bens culturais.

O código de ética procura o respeito pelo valor estético, histórico e pela integridade física dos bens culturais. De acordo com este princípio pretende-se manter a autenticidade da preguiceira, mantendo o seu aspeto e respeitando o seu percurso histórico, desde a produção à atualidade, assumindo marcas do seu uso.

Sobre os materiais ou produtos a aplicar, as diretrizes apontam à compatibilidade para com o bem cultural e o meio ambiente, sendo que, a própria intervenção não deverá interferir com o estudo e tratamento futuros do objeto, por isso e tanto quanto possível, os materiais deverão ser reversíveis (*E.C.C.O. Professional Guidelines (II)*, 2003). Em termos de reversibilidade talvez o termo mais correto a aplicar é o da removibilidade, já que, dificilmente se poderão reverter alguns tratamentos (como a desinfestação, consolidação ou limpeza), por isso, um produto ou material deve ser removível sem qualquer dano para o objeto após a sua aplicação.

No caso da preguiceira, a diversidade material e técnica, onde existem materiais orgânicos e inorgânicos, têxteis, madeiras e ligas metálicas, podem ultrapassar as competências de um só profissional. É também em concordância com o código de ética da ECCO que o conservador-restaurador deverá poder colaborar, num espírito de interdisciplinaridade com outros profissionais e especialistas, zelando pela melhor abordagem ao bem cultural, durante o estudo e intervenção, participando numa partilha e discussão recíproca de informação científica e técnica.

A preguiceira será sempre considerada no seu todo, na metodologia a seguir, porém, como se trata de um estágio da especialidade de mobiliário, o foco será nas madeiras, estrutura geral e na articulação dos trabalhos das restantes especialidades – da conservação e restauro de têxteis, do estofador e da conservação e restauro de ligas metálicas. Para o tratamento dos tecidos foi designado um profissional da especialidade, dos materiais têxteis, com o qual foi iniciada uma discussão e partilha sobre a metodologia de intervenção. Em colaboração com o técnico especialista de têxteis deverá ser feita a orientação de uma terceira participação, a do estofador. Neste contexto, é já revelada a necessidade de revisão total do estofado como objetivo neste trabalho de recuperação.

Sobre os materiais originais, o conservador-restaurador apenas deverá proceder a qualquer remoção caso seja necessário para a conservação e se esse material não interferir com o valor histórico ou estético desse bem cultural (*E.C.C.O. Professional Guidelines (II)*, 2003). Quando se opta pela remoção de material do objeto em intervenção, este deve ser guardado e documentado.

Outro objetivo pretendido é o da intervenção mínima adequada às características e contexto do objeto, em consonância com a autenticidade do bem cultural, ou seja, optando por sujeitar, neste caso, a preguiceira apenas a tratamentos necessários, não esquecendo que se trata de uma obra em contexto museológico que não deverá despertar particular enfoque do espetador para detalhes do seu estado de conservação.

## 5.2. Proposta de intervenção de conservação e restauro

### 5.2.1. Estrutura geral do móvel de assento

Conhecidos os materiais e as técnicas empregues na preguiceira e analisado o seu estado de conservação, procede-se à reflexão metodológica da intervenção de conservação e restauro,



que deve ser ponderada nas suas variáveis. Devido à complexidade do móvel estofado, com estruturas ocultas, a proposta de tratamento foi concretizada enquanto decorriam alguns tratamentos iniciais.

A metodologia de intervenção proposta é, em seguida, colocada por tópicos fundamentados numa ordem que determinou os tratamentos a realizar.

- **Desmontagem parcial**

Sendo um objeto complexo com áreas do estofado não visíveis, é refletida a desmontagem parcial do móvel de assento, pelos danos constatados no barramento interior de apoio ao estofado e pelas fendas e fissuras distribuídas pelas áreas de fixação de tecidos e precintas.

Antes de mais, a desmontagem das pernas e pés da preguiceira é um processo necessário para o acesso ao fundo do móvel, onde as precintas em desagregação estão escondidas por um tecido bastante fragilizado.

A desmontagem das camadas de estofado, realizada pelo estofador, irá permitir o acesso à estrutura interior, não exposta, da preguiceira e, assim, ao tratamento da mesma e das suas madeiras constituintes. Antes disso, no assento, encontra-se ainda um tecido de forro sob uma camada de crina (animal), a remoção desta implicará a presença do conservador restaurador de materiais têxteis.

- **Remoção de tecido do fundo e precintas não originais**

A remoção do tecido de fundo é fundamental para facilitar o acesso às precintas e tratamento das traves laterais e das extremidades. Porém, por se encontrar bastante fragilizado, este tecido mesmo sendo intervencionado não teria coesão e capacidade de sustentação do estofado, assim, sugere-se a documentação e reserva do tecido.

Escondido pelo tecido, o segundo nível de precintas (descrito no ponto 3.4) constituirá um reforço às precintas originais em desagregação. O acrescento de precintas, também degradadas, apresenta pouca coesão das fibras e por isso deverão ser removidas, registadas e guardadas em bolsas de conservação.

O estado de conservação das precintas, implica ponderação quanto à eventual remoção de material do objeto, no entanto, esta hipótese foi debatida com o estofador e pelo conservador-restaurador de têxteis. Um tratamento de estabilização das fibras de juta poderá não ser eficiente o bastante na função estrutural que as precintas desempenham, razão pela qual se optou pela sua remoção e substituição das supostamente originais. Contudo, o processo de substituição das precintas unidas às molas, será apenas efetuado após, terminado, o tratamento das madeiras.

- **Remoção de pregos que não cumprem função**

Com a remoção das camadas de estofa, é espectável a presença de inúmeros pregos que deixarão de cumprir função e por isso deverão ser removidos, até porque, muitos destes acessórios se encontram em mau estado, com cabeça partida, deformados ou corroídos.

- **Limpeza por via seca**

Durante os procedimentos, sempre que necessário proceder-se-á à limpeza da estrutura geral, por via seca. A limpeza promove a eficiência da intervenção, evitando que a sujidade (muita por efeito dos materiais de enchimento) e partículas de pó acumuladas interfiram em tratamentos da estrutura, como colagens ou preenchimentos.

- **Colagem de fendas e fissuras**

A desmontagem parcial e remoção da pregaria facilita o tratamento seguinte, a colagem de fendas e fissuras. Nos procedimentos de colagem, propôs-se a aplicação de um adesivo sintético utilizado por conservadores-restauradores, o acetato polivinilo (PVA) em dispersão aquosa. Este tipo de adesivo, após presa, apresenta boa estabilidade ao envelhecimento, é impermeável à água e solúvel em vários solventes (como propanona, metanol ou tolueno). Em dispersão aquosa é utilizado como adesivo para madeira, também conhecido como cola branca (Rivers & Umney, 2003, pp. 179-180).

- **Correção de desvio do barramento interior de apoio do estofa**

A correção do empeno ou desvio de uma das barras interiores de apoio ao estofa, neste caso do verso da preguiceira junto ao anteparo dos pés, apenas foi devidamente refletida após a remoção dos materiais que a ocultavam (camadas de estofa). No entanto, após a

desmontagem observou-se que também a barra interior de apoio ao estofado, na frente da preguiceira, se encontrava ligeiramente desviada, na área do encosto maior.

- **Remoção de respigas fragmentadas e adesivos envelhecidos**

Os vestígios de travessas observados em algumas caixas de encaixe de respiga não conferem qualquer significado estético e a sua remoção não influencia o significado artístico da obra. Mais uma vez, a remoção de material aparentemente original foi bastante discutida. Os fragmentos de respiga indicam a existência, no passado, de três travessas que possivelmente auxiliavam na sustentação do estofado e este facto caracteriza o percurso histórico e técnico da preguiceira. No entanto, a presença destes elementos fragmentados e partidos, com cavidades entre fragmentos onde é depositada sujidade, não se justifica uma vez que está oculta no interior da estrutura e porque não cumpre qualquer função atual.

Contudo, os fragmentos de respiga deverão ser documentados e guardados, visto que são elementos indicadores de materiais e técnicas em prática possivelmente no século XIX. Na preguiceira, propôs-se também a remoção dos adesivos que fixam as respigas às respetivas caixas.

- **Substituição de madeiras estruturais deterioradas**

Na área do anteparo dos pés, devido aos danos provocados pela presença de água, algumas peças de fixação do estofado estão bastante deterioradas, com imensas fendas, fissuras e orifícios. Um tratamento de consolidação destas peças estruturais não seria completamente eficaz para a função que desempenham, pois ficariam novamente sujeitas a elementos de fixação e a alguma força de tensão.

Posto isto, a solução que nos parece mais adequada é a substituição das duas peças de madeira que sustentam o estofado, no anteparo dos pés. Para a substituição destes elementos propôs-se a sua reprodução numa espécie de madeira de características semelhantes às originais, folhosa.

- **Preenchimento de lacunas da estrutura de madeira**

Com a remoção dos pregos de fixação dos têxteis, ficaram expostos inúmeros orifícios nas áreas de fixação do estofado e também algumas pequenas lacunas. Estas áreas, embora ocultas,

requerem preenchimento pois irão continuar a exercer funções estruturais no apoio do estofo, logo necessitam de coesão.

Para o preenchimento optou-se por uma mistura epóxida, em pasta, com compostos termoendurecíveis. A pasta consiste em dois componentes, uma resina e um endurecedor que, quando misturados, resultam num polímero rígido com excelente resistência adesiva e coesão, utilizado na conservação de materiais lenhosos. Isentos de solventes, os adesivos epóxidos retraem muito pouco e não libertam compostos tóxicos ou reativos após a cura (Rivers & Umney, 2003, p. 185-186). Apesar das limitações na sua removibilidade, estas resinas são estáveis ao envelhecimento, resistentes ao contacto com água e possibilitam um eficaz preenchimento nos orifícios mais estreitos.

#### ▪ **Limpeza das molas e remoção de produtos de corrosão**

Assim que facilitado o acesso às molas helicoidais, é realizada a limpeza mecânica, por via húmida, com etanol (por ser mais volátil), evitando a utilização de água para não sujeitar o metal à presença de humidade. Muito pontualmente é observada oxidação/corrosão das molas em aço macio (óxido férrico) e óxidos de coloração verde em algumas áreas do revestimento em cobre. Os produtos de oxidação/corrosão dos metais serão removidos e nessas mesmas áreas será aplicado conversor de ferrugem, revertendo o estado de corrosão.

#### ▪ **Limpeza e desengorduramento de superfícies exteriores**

Após os tratamentos na estrutura, segue-se a remoção de sujidade depositada à superfície, material não original à preguiceira e que se foi acumulando com o passar do tempo. Por sujidade devem entender-se as partículas de pó e gordura, como suor das mãos, que possam estar sobre a superfície polida, muito possivelmente um acabamento de cera sobre polimento francês. A limpeza deve ser realizada após testes de solvência e cuidada de forma a não remover qualquer material de acabamento da superfície (velatura ou polimento original), evitando, dessa maneira, qualquer alteração do valor histórico e estético do objeto.

A limpeza mecânica, superficial, por via húmida, tem também a finalidade de preparar as áreas onde se verifica o desgaste da tonalização da madeira, para posteriormente ser realizada a reintegração dessas áreas. Além da reintegração, a superfície também deve estar limpa para

permitir a aplicação de uma camada de proteção da mesma, conservando, assim, o polimento original.

O procedimento de limpeza tem um carácter conservativo ou de estabilização, irreversível, por isso é fundamental definir os níveis de limpeza pretendidos e ponderar a escolha do solvente adequado à superfície.

- **Reintegração de desgastes da superfície tonalizada**

Nas áreas onde é perceptível a tonalidade da madeira crua, mais clara, propõe-se a reintegração pontual da superfície tonalizada. Com a reintegração pretende-se devolver a dimensão estética anterior, respeitando a estética da época, neste caso, a simulação de uma espécie de madeira mais escura.

Este tratamento será restringido às áreas de lacuna e desgaste da tonalização, pois não se pretende restituir toda a superfície, apenas reduzir o impacto e peso visual da ausência do tom da superfície fingida, que se verifica principalmente nos remates das extremidades.

Para a reintegração propôs-se a aplicação de velaturas naturais para madeiras, solúveis em água, compatíveis com a superfície, pois, tal como o revestimento original, não se forma uma película intacta (Barclay, 2002).

- **Reintegração do polimento e camada final de proteção**

A tipologia do acabamento, como revestimento de proteção que altera a aparência da superfície, deve ser respeitado pelo seu valor histórico e estético e, como tal, deve ser preservado e conservado. Considerando que o móvel apresenta características de um meio polimento, sugere-se a aplicação de uma resina natural nas áreas reintegradas, com a finalidade de revestir a velatura com um filme isolante e protetor da madeira.

Para proteção do acabamento da superfície de madeira será aplicada uma mistura de ceras, com materiais tradicionais, utilizada e adaptada por conservadores (Rivers & Umney, 2003, pp. 669-630).

### 5.2.2. *Materiais têxteis – tecidos decorativos e forro*

O tratamento dos tecidos decorativos e do forro envolvem tratamentos delicados que requerem os conhecimentos de um conservador-restaurador com formação em materiais têxteis. Assim sendo, a intervenção aos tecidos é da responsabilidade do conservador restaurador de têxteis designado para o trabalho, pelo MCG, numa colaboração partilhada de informações sobre a preguiceira.

Contudo, a incorporação dos tratamentos dos tecidos neste relatório é fundamental para a compreensão da intervenção no móvel estofado, na sua totalidade, até porque, este trabalho foi realizado em colaboração com os vários profissionais que constituíram uma equipa. Assim, neste capítulo, são sumarizados os tratamentos propostos pelo conservador-restaurador de têxteis para os tecidos de forro e tecidos decorativos (consultar proposta de intervenção no Anexo VI).

- Desmontagem e acondicionamento dos tecidos

Consiste na identificação de cada tecido e no seu acondicionamento. Esta fase conta ainda com a desmontagem do tecido de forro ainda presente no assento da preguiceira.

- Limpeza mecânica

Na remoção de sujidade superficial, o conservador propõe a utilização de aspirador de sucção controlada, contando com proteção envolvente ao tecido.

- Limpeza por via húmida

Insistindo na limpeza mecânica, desta vez por via húmida, pretende-se a remoção de manchas e sujidade introduzida na teia e trama dos tecidos. Para isso, foi proposto uma limpeza com água corrente e detergente neutro, com recurso a esponjas de coral e rolos de policloreto de vinilo (PVC).

- Planificação e secagem

Após a limpeza húmida dos tecidos é fundamental a planificação destes para secagem, evitando qualquer alteração ou deformação que possa alterar as dimensões antes da limpeza.

- Tingimento de materiais novos

No tingimento pretende-se a tonalização aproximada dos tecidos decorativos, nas áreas a intervir, a realizar em todos os materiais novos a aplicar na consolidação.

- Consolidação dos tecidos

Este ponto consiste na estabilização dos tecidos, com objetivo na restituição do equilíbrio estrutural, evitando perdas de material nas áreas mais danificadas, de lacerações e rasgões. Na intervenção pretende-se também realizar o preenchimento de lacunas e o reforço do suporte total ou parcial, dependendo da dimensão das áreas deterioradas.

- Proteção dos tecidos

Para que estejam ajustados ao revestimento do estofa da preguiceira, terá de ser feita a proteção dos tecidos com reforço nas dobras. Os limites dos tecidos, nas áreas a fixar, serão também reforçados com objetivo de proteção dessas mesmas áreas.

- Montagem dos tecidos

O conservador de têxteis indicou que cada tecido será colocado na posição inicial e sugere a fixação com agrafos em aço inoxidável.

Para complemento da intervenção dos tecidos, encontra-se em Apêndice III, uma descrição sumária dos tratamentos realizados, possibilitada pela observação de algumas fases do tratamento efetuado pelo conservador-restaurador de têxteis.

### *5.2.3. Metais – acessórios decorativos*

- **Remoção de produtos de corrosão do cobre e limpeza**

De acordo com as notas do Instituto Canadano da Conservação (CCI), os objetos com ligas cúpricas em exposição ou reserva de um museu precisam de manutenção e limpeza periódica (Barclay & Hett, 2007). Para isso propõe-se um tratamento de limpeza, excluindo qualquer operação abrasiva, como polimentos, pois pretende-se apenas a remoção de sujidade ou fontes (como impressões digitais ou sais corrosivos) e produtos de corrosão. A limpeza será

mecânica, por via húmida, com solventes ou detergentes neutros, determinados por testes prévios e ocasionalmente, por via química na remoção dos produtos de corrosão.

#### ▪ Colagem de fragmentos

A união dos acessórios decorativos metálicos, por ser um procedimento delicado e desconhecido, levantou várias questões sobre o tipo de soldadura a utilizar, a quente (com metal derretido) ou a frio (com recurso a adesivos). Facilmente se descartou uma soldadura a quente, dada a pequena dimensão dos fragmentos a unir e por ser altamente intrusiva, podendo ainda danificar a pátina da liga metálica (Boissonnas, 2006). Segundo o projeto *Coremans (Proyecto COREMANS. Criterios de intervención en materiales metálicos, 2015, p. 37)* o material utilizado numa adesão entre fragmentos metálicos deverá ser compatível, inerte e inalterável, não devendo ser mais resistente que o próprio objeto. Optando por uma colagem de fragmentos, as resinas normalmente utilizadas em metais podem ser do tipo cianoacrilatos ou resinas epóxicas. Analisando as opções, os cianoacrilatos foram considerados reativos com superfícies de latão (Horie, 2010, p. 166), enquanto que, as epóxicas têm vindo a ser utilizadas em ligas de cobre, podendo ser utilizadas com pigmentos naturais, com carga inerte, na adesão de fragmentos e reforço de fissuras (Sancha, 2011).

De entre os adesivos epóxidos há uma grande variedade de produtos com aplicação em diversos materiais orgânicos e inorgânicos. Tratando-se de um estágio cuja especialização é dedicada aos materiais orgânicos e atendendo a alguma limitação de conhecimentos técnicos na especialidade de conservação e restauro de metais, foi consultada uma especialista. Foram então sugeridas duas marcas de adesivos epóxidos, transparentes e sem cor, com utilização recorrente em vidro, mas com eficácia na colagem de pequenas peças em metal e com capacidade para preencher áreas com falta de material.

As resinas sugeridas, *Hxtal NYL-1*<sup>®</sup> e *Araldite 2020*<sup>®</sup>, quando comparadas em testes de envelhecimento acelerado, a *Araldite*<sup>®</sup> amarelece consideravelmente, num tempo equivalente a sete anos, enquanto que a *Hxtal*<sup>®</sup> apresenta alteração de cor quase impercetível no dobro do tempo, em ambiente de museu (Coutinho, et al., 2009). Estes resultados favorecem a resina *Hxtal NY-1*<sup>®</sup>, contudo os adesivos deverão ser previamente testados para se conhecer o comportamento e aplicação dos mesmos.



Por fim, na colagem dos acessórios serão considerados os furos já existentes nas traves laterais da preguiceira, por isso, a colagem deverá ser orientada respeitando os orifícios de destino e a remontagem de cada uma das peças.

- **Tratamento de balmazes**

No reaproveitamento dos balmazes da preguiceira, serão selecionados os que se apresentam completos, com calote e espigão. Para serem posteriormente aplicados, o espigão terá de ser endireitado, perpendicularmente à calote, os produtos de corrosão removidos do interior e a superfície da calote por limpeza mecânica, por via húmida, restabelecendo algum do brilho dourado. Para reforço do espigão, evitando quebra, poderá ser pontualmente fixado no interior da calote pela aplicação de adesivo epóxico, o mesmo optado na colagem dos acessórios decorativos.

- **Proteção**

A proteção da superfície metálica dos vários acessórios decorativos, incluindo os balmazes, será com cera microcristalina, regularmente utilizada em latão, por ser inerte e de fácil remoção e aplicação (Deck, 2016, p. 8).

- **Montagem**

Completados os tratamentos acima descritos, os acessórios serão colocados nos locais correspondentes, tendo em conta não só as marcas de produção, mas também a etiquetagem realizada aquando da desmontagem ocorrida em 2010. A reposição de parafusos será efetuada por comparação com as fotografias obtidas na primeira desmontagem, no MCG.

Os acessórios apenas serão recolocados na estrutura da preguiceira após a aplicação das camadas de estofos e tecidos, facilitando o trabalho do estofador e aliviando o peso do objeto.

#### *5.2.4. Estofamento*

A conservação de estofos é uma área interligada à conservação do mobiliário, porém, neste trabalho é necessária a colaboração de alguém mais experiente nos materiais e técnicas de estofar, o técnico estofador. Numa revisão sobre o desenvolvimento da conservação de estofos (Gill, 2004) são estabelecidos os princípios básicos a seguir: documentar, preservar

e conservar materiais e técnicas; evitar outros danos; e restabelecer a aparência do móvel o mais próximo possível ao aspeto original.

Na conservação de móveis estofados, objetivamente, é prioridade manter e estabilizar qualquer material original e a estrutura de madeira sempre que possível, uma vez que, a continuidade dos estofos originais é bastante rara. No entanto, as práticas de re-estofamento tradicionais causam danos de conexão às estruturas de madeira, como é o caso das tachas ou dos balmazes, cujo processo de fixação dos pregos danifica a estrutura de suporte. Posto isto, a subtil adaptação e integração dos tratamentos normalmente resulta nas melhores práticas em conservação de estofos (Gill, 2004).

A par do estofador e também com o conservador de têxteis, pretende-se precintar novamente o fundo da estrutura da preguiceira, ou seja, substituir as precintas ainda presentes por material novo, reproduzindo tanto quanto possível os pontos que fixam as tiras de juta às molas, com fio de cânhamo. A decisão de remoção das precintas é considerada fundamental, visto que, não seria eficaz a sua limpeza e consolidação, havendo possivelmente alguma perda de material. As precintas serão aplicadas na madeira com agrafos em aço inoxidável, de forma a minimizar a ação de pregos ou tachas tradicionalmente utilizadas por estofadores.

Sobre as molas será reposta uma nova linhagem (tecido de juta), material que também será adicionado em torno da crina vegetal para serem formados os vincos nesta fase e assim moldar o perfil o mais próximo do original. Sobre estes materiais e respeitando a ordem de camadas registada na desmontagem, serão repostos os materiais existentes, que, após desmontagem são separados para extração das partículas de pó.

A altura original do estofado será replicada e se necessário serão acrescentados materiais diferenciados e compatíveis com os existentes.

O tecido de forro será aplicado através de agrafos, com vista na redução de danos causados nos tecidos e na estrutura de madeira, além de que, uma pistola de agrafos provoca menos vibrações (dependendo da regulação da força mecânica a exercer) do que um martelo (Rivers & Umney, 2003, p. 729). Sendo os balmazes elementos de fixação com função decorativa, é inevitável a presença destes na aplicação do tecido decorativo, desta vez protegido com tule na área de fixação.

Desta forma, pretende-se a utilização de técnicas que minimizam os danos na estrutura e nos materiais de estofamento existentes, re-estofando com base na documentação existente,

prévia à desmontagem. Neste processo será documentada a condição dos materiais da estrutura e os tratamentos, em texto e em imagens, pois é um requisito da conservação de móveis estofados (Gill, 2004) e da conservação e restauro em geral.

## 6. TRATAMENTOS EFETUADOS

### 6.1. Desmontagem da preguiceira

A intervenção iniciou-se com a desmontagem das pernas e pés da preguiceira, através da remoção dos parafusos com chaves de parafusos de fendas. Retirados os parafusos, foi desmontada a perna de madeira dos acessórios decorativos de latão (Fig. 71). Convém recordar que a maior parte dos acessórios decorativos (Fig. 72) já havia sido removida na desmontagem efetuada em 2010. A informação presente nas etiquetas que identificavam cada peça foi confrontada com as marcas de produção, cravadas no metal e na madeira, e com a fotografia que representa a peça completa (Fig. 1). Esta comparação permitiu identificar algumas contrariedades na etiquetagem das peças, como é o caso das cabeças de cisne cujas marcas de produção não correspondem às etiquetas. Os acessórios das extremidades, quando recolocados de acordo com as etiquetas, ficam com alguns bicos de cisne levantados, o que não se verifica na imagem de referência. Posto isto, adverte-se para uma redobrada atenção no momento de montagem dos elementos decorativos, após tratamento, tendo em consideração as marcas de produção e a etiquetagem realizada na desmontagem de 2010.



Figura 71 – Desmontagem de perna da estrutura.



Figura 72 – Acessórios decorativos metálicos desmontados.

Na remoção de materiais de estofa contou-se com a presença do estofador e do conservador-restaurador de têxteis. Enquanto o estofador retirava a primeira camada de crina animal (Fig.

73), o conservador de têxteis procedia ao levantamento dos pregos corroídos do suporte de madeira, para a remoção do tecido floral de forro (Fig. 74), com recurso a uma alavanca arranca-pregos.



Figura 73 – Remoção da crina animal sobreposta ao tecido de forro.



Figura 74 – Remoção do tecido de forro.

Transferido o tecido a interencionar, o estofador removeu as camadas de enchimento em três blocos únicos, ou seja, do anteparo dos pés, espaldar (Fig. 75) e assento (Fig. 76), tendo deixado apenas a linhagem sobre as molas e no espaço do anteparo, um vazio.



Figura 75 - Remoção de camadas de enchimento do espaldar.



Figura 76 – Remoção de camadas de enchimento do assento, num bloco único.

Posteriormente, a linhagem foi também removida permitindo o acesso às molas, porém, este material foi posto de parte por estar bastante deteriorado.

## 6.2. Remoção de tecido do fundo e precintas não originais

Ainda em colaboração com o estofador, procedeu-se à remoção do tecido de fundo e do nível de precintas exteriores. O tecido encontrava-se de tal forma fragilizado que facilmente se soltava dos pregos, tal como as precintas. Com este procedimento foi comprovada a necessidade de remoção das precintas que se decompõem em partículas, ou se desintegram.

Todos os materiais removidos até então, foram registados e guardados individualmente.

### 6.3. Remoção de elementos de fixação – pregos

A remoção de pregos foi efetuada nas barras de apoio interior e nas peças de fixação do estofado através da utilização de ferramentas como alavanca arranca-pregos (Fig. 77), alicate de pontas finas e em último recurso, com perfuração de uma broca muito fina. A remoção dos pregos permitiria o processo de colagem de fissuras com maior eficiência. O mesmo processo foi realizado na base das traves onde se fixavam as precintas (Fig. 78).



Figura 77 – Remoção de tachas de estofador no barramento de apoio ao estofado



Figura 78 – Remoção de precintas degradadas.

Para a realização da colagem de fissuras e fendas na base do móvel de assento, foi necessário proceder à remoção dos pregos que fixavam ainda as precintas que sustentam as molas, bem como no anteparo. No entanto, sem a sustentação principal por parte das precintas é exigido um maior esforço aos fios de cânhamo fixos às madeiras interiores. Para contrariar essas forças, as molas foram suspensas com fios de nylon.

### 6.4. Limpeza mecânica

Com a desmontagem das camadas de estofado e remoção de precintas verificou-se a presença de imensa sujidade em forma de detritos e partículas o que obrigou a uma limpeza regular conforme a movimentação da estrutura da preguiceira. A limpeza da sujidade acumulada (Fig. 79) foi realizada por aspiração (Fig. 80), pois de outra forma as normas de segurança e higiene seriam comprometidas.





Figura 79 - Precintas antes da limpeza mecânica.



Figura 80 - Precintas após limpeza por aspiração.

## 6.5. Colagem de fissuras e fendas

As fissuras, fendas e fraturas da estrutura de madeira, sobretudo, localizadas nas peças de sustentação do estofado, foram coladas com dispersão aquosa de PVA. No caso de fissuras e fendas o adesivo foi injetado nas respectivas aberturas (Fig. 81 e 82), quando e necessário foi feita a aplicação através de pincel. Após a aplicação de adesivo nas fissuras e fendas foi exercida uma pressão perpendicular à linha de fissuração ou fendimento, com grampos ou molas (Fig. 83 e 84), para garantir uma união eficaz, protegendo a superfície da pressão dos utensílios de aperto. Em áreas arredondadas como no topo das extremidades, as forças de pressão para colagens foram adaptadas ao local, tendo sido utilizadas cintas de aperto. Com a pressão exercida durante a colagem é comum que excessos de cola se depositem à superfície, no entanto são imediatamente removidos, com pano absorvente humedecido, pois, quando secos, torna-se mais difícil a remoção do adesivo. Esta fase de tratamento tornou-se mais demorada em função do tempo de cura do adesivo, pelo que, os grampos de aperto se mantinham de um dia para o outro.



Figura 81 - Injeção de adesivo para colagem de fissuras.



Figura 82 - Colagem de fissuras e material destacado.



Figura 83 - Uso de utensílios de aperto nos tratamentos de colagem.



Figura 84 - Tratamento de colagem de fendas e fissuras na base de trave lateral.

## 6.6. Correção de desvios do barramento interior

Previamente à correção dos desvios do barramento interior foram removidos os detritos caídos na abertura, entre cada barra interior e trave exterior, por aspiração e com espátulas para retirar vestígios de pregos entalados. No barramento do verso, próximo ao anteparo, foi ainda retirado um prego comprido de fixação da barra por apresentar produtos de corrosão na área de exposição, observável pela abertura (Fig. 85). Para facilitar a remoção do prego cuja cabeça se encontra cravada na madeira, começou-se pelo aperto através de grampos pressionando a barra interior contra a trave exterior e assim que possível foi retirado o prego para tratamento. Os produtos de corrosão do prego foram removidos mecanicamente e foi aplicado um conversor de ferrugem.



Figura 85 - Desvio do barramento interior, próximo ao anteparo dos pés.

A correção de desvios foi pontualmente realizada por apertos prolongados e faseados das barras interiores (Fig. 86), permitindo à madeira um ajuste natural. Este foi um processo lento de adaptação da própria madeira, sob observação atenta de reações mecânicas que pudessem ocorrer, tratamento que durou até o barramento ficar unido à trave lateral



correspondente sem a força exercida pelos grampos (Fig. 87). Por fim, o prego tratado foi reposto no local de onde foi retirado, colocado com um maço de borracha.

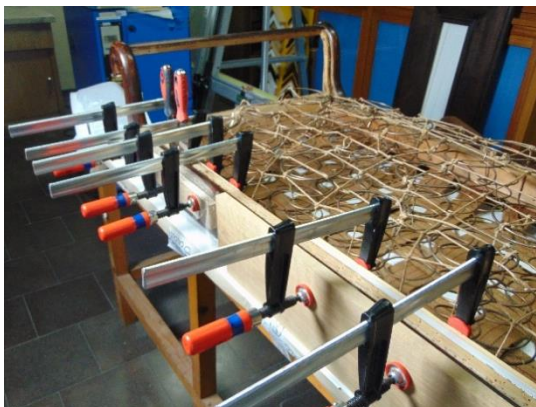


Figura 86 - Correção de desvio do barramento interior por apertos mecânicos.



Figura 87 - Barramento interior após correção de desvio (e de preenchimentos de orifícios).

## 6.7. Remoção de respigas fragmentadas e adesivos envelhecidos

Na respiga onde se encontravam pregos compridos e encurvados foi necessária a remoção dos acessórios metálicos com um alicate (Fig. 88). O procedimento de remoção de respigas coladas foi iniciado com o amolecimento do adesivo. Tendo em conta que os adesivos de origem animal são sensíveis à água, foram aplicados pachos de água morna, localmente, na tentativa de amolecer o adesivo envolvente à respiga (Fig. 89) e removendo-o posteriormente com cotonete também humedecido em água quente.



Figura 88 - Remoção de pregos dos vestígios de travessa.

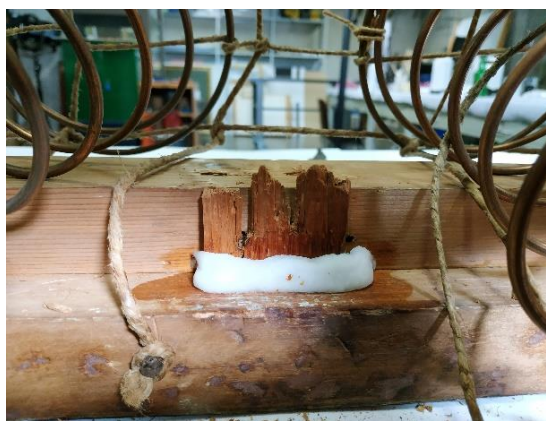


Figura 89 - Amolecimento de adesivo com pacho de água morna.

Enquanto eram aplicados pachos de água, procedeu-se à remoção das respigas com recurso a um alicate de pontas quando possível (Fig. 90). Pontualmente, o processo de remoção da respiga foi dificultado pelo adesivo presente no interior da caixa, pelo que, foram utilizados um formão e maço para descolar os elementos (Fig. 91). Por fim, efetuou-se a limpeza das



caixas deixando-as em vazio, sem adesivos nem fragmentos. Os fragmentos retirados foram registados e guardados para qualquer eventualidade.



Figura 90 - Remoção de fragmentos de respiga.



Figura 91 - Remoção de fragmentos de respiga no interior da caixa.

## 6.8. Substituição de peças de madeiras estruturais deterioradas

Para a substituição de peças de madeira bastante deterioradas, do anteparo dos pés, foi feita a reprodução das mesmas em madeira de cerejeira, utilizando: serra de fita, para desfiar as pranchas, ou efetuar corte axial ou longitudinal; a garlopa desengrossadeira, para aparelhar e desengrossar as peças; a serra circular de bancada, para certar os topos das peças, dando o comprimento definido; e para finalizar, a lixadeira de cinta, para polir a superfície. Nas duas peças procedeu-se também à perfuração com berbequim utilizando brocas de tamanho inferior e igual ao diâmetro dos parafusos originais, faseadamente.

Neste processo foram consideradas as medidas das peças originais (Fig. 92), que foram retiradas da estrutura principal, sendo guardados os parafusos que as fixavam. Antes da aplicação das peças reproduzidas na estrutura foi feita a imunização das mesmas aplicando o erradicador/imunizador para madeiras, com ação inseticida, fungicida e bactericida, da marca Cuprinol®, aplicado diretamente sob a superfície com uma trincha. Estando o produto já na madeira, as peças foram temporariamente seladas dentro de uma manga de plástico, atrasando a evaporação, promovendo a eficiência da imunização. Preparado o material novo, foi aplicado na preguiceira por aparafusamento dos elementos metálicos previamente recuperados (Fig. 93).



Figura 92 - Peça de fixação do estofado bastante fragilizada.



Figura 93 - Reconstituição das peças de fixação do estofado no anteparado dos pés.

## 6.9. Preenchimento de orifícios e lacunas

As lacunas das madeiras que suportam o estofado, sobretudo os pequenos orifícios, foram preenchidos com uma pasta epóxida bicomponente, para madeiras, a *Araldite SV 427*<sup>17</sup>, uma mistura inerte com ótimas características mecânicas. A resistência desta resina epóxida adapta-a a reconstituições de peças sujeitas a stress mecânico (Cremonesi & Borgioli, 2014), como poderá ser o caso do barramento que irá suportar o estofado. Desta forma, o preenchimento dos orifícios distribuídos pelas peças que fixam o estofado, foi realizado com uma mistura de resina epóxida e endurecedor na proporção de 1:1. A pasta de preenchimento foi aplicada com espátula (Fig. 94) e qualquer excesso à superfície foi removido com cotonete impregnado com água destilada. Após o tempo de cura, os preenchimentos foram nivelados com bisturi e papel abrasivo, evitando o uso do papel nos orifícios preenchidos mais pequenos e consequentemente na área em redor, de madeira (Fig. 95 e 96).



Figura 94 - Aplicação de pasta de preenchimento com espátula.

<sup>17</sup> A Araldite SV 427<sup>®</sup> é formada por duas partes: *Araldit SV 427-2* e endurecedor *HV 427-1*.



Figura 95 - Preenchimentos de lacunas e orifícios de peça de fixação do estofado no espaldar.



Figura 96 - Preenchimentos de orifícios e lacunas em peças de fixação do estofado no topo do espaldar.

### 6.10. Limpeza das molas e remoção de produtos de corrosão

No tratamento das molas, *in situ*, foi feita a remoção mecânica dos produtos de corrosão, de natureza ferrosa, com recurso ao mini berbequim com escova de arames em aço macio (Fig. 97). Esta remoção pontual foi terminada com a aplicação de conversor de ferrugem, certificando a estabilização do metal. A limpeza das molas foi efetuada com etanol, um solvente volátil, evitando humidade no metal.



Figura 97 - Remoção de produtos de corrosão com escova de arames em mini berbequim.

### 6.11. Limpeza e desgorduramento de superfícies exteriores

Objetivamente a limpeza da superfície teria de remover sujidade compreendida entre partículas e material gorduroso, promovendo a adesão do tratamento seguinte (reintegração). Para isso foi testada uma solução de água desionizada e etanol, em proporção de 1:1, que teve resultados eficazes da remoção de sujidade pretendida, sem alterar a superfície tonalizada e o polimento. A mistura de etanol a um agente de limpeza como a água, não



inflamável nem tóxico, confere maior volatilidade à solução, evitando a absorção em materiais higroscópicos como a madeira. A solução foi utilizada com cotonetes humedecidos em movimentos circulares sobre a superfície (Fig. 98), de forma a remover a sujeira.



Figura 98 - Limpeza por via húmida.

### 6.12. Reintegração de desgastes da superfície fingida

Previamente à aplicação das velaturas ou mordentes para madeiras sobre a superfície tonalizada, foi realizado um teste de cor para seleção dos tons semelhantes aos observados na preguiceira. As velaturas ou mordentes para madeiras diluídos em solução aquosa, com base em corantes ácidos naturais, foram aplicados em duas ou três camadas de velaturas sobre madeira para comparação. Neste teste foram aplicadas cinco tonalidades diferentes: carvalho velho (tradicionalmente conhecido como *vieux chêne*), mogno, ébano, nogueira e pau santo (Fig. 99).



Figura 99 - Teste de cor e comparação de tonalidade com a superfície do objeto.

Das cores testadas, optou-se para a aplicação sucessiva de nogueira, pau santo e ébano, dos tons mais claros para os mais escuros, adaptando a aplicação à área a reintegrar (Fig. 100 e 101), aplicando normalmente duas a três passagens com o pincel.



Figura 100 - Área de desgaste da superfície tonalizada, em remate do anteparo dos pés.



Figura 101 - Área reintegrada com velaturas aquosas, em remate do anteparo dos pés.

### 6.13. Tratamento de balmazes

Os balmazes reservados na desmontagem dos tecidos em 2010, encontravam-se com muita sujidade, produtos de corrosão e com o espigão torto ou partido. Para o reaproveitamento de balmazes decorativos existentes, foram selecionados os que estavam em melhor estado, ou seja, os que ainda tinha o espigão fixo na calote e que não apresentavam corrosão na calote.

Nos balmazes selecionados, começou-se por endireitar cada espigão com alicates (Fig. 102). Do espigão em ferro foram removidos os produtos de corrosão com escova de arame e papel abrasivo. A calote foi limpa com etanol, verificando-se a limpeza de sujidade sem afetar o envelhecimento natural da liga metálica (Fig. 103).



Figura 102 - Tratamento de balmazes, correção de espigão.



Figura 103 - Limpeza do exterior das calotes.

#### 6.14. Teste de aplicação de resinas epóxicas em metal

Para conhecer o comportamento dos adesivos na aplicação e no tempo de cura, foram experimentadas as duas resinas epóxicas, sugeridas para a colagem de metais (rever ponto 5.2.3). A resina Araldite 2020<sup>®</sup> foi misturada na proporção de 100 partes do componente A para 30 do componente B (em peso). Por sua vez, a resina Hxtal NYL-1<sup>®</sup> foi misturada na proporção de 3:1 dos componentes A e B, respetivamente.

Após a preparação, cada resina foi aplicada em dois pregos de latão para criar uma união entre os elementos, tendo sido utilizado plástico e fita-cola para promover a adesão (Fig. 104). Além de terem sido experimentadas as resinas sem adição de carga, numa segunda experiência foi adicionado a cada resina epóxida uma mistura de pigmentos naturais, micas iridescentes, em dois tons diferentes (Fig. 105).

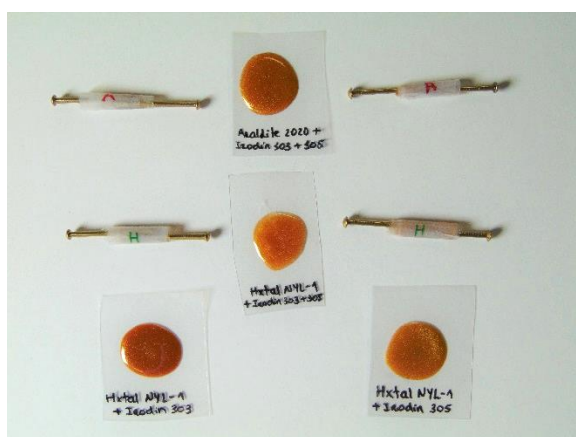


Figura 104 - Teste de resinas epoxídicas, após aplicação.



Figura 105 - Teste de resinas epoxídicas sem carga e com adição de micas iridescentes.

Após uma semana da aplicação dos adesivos (Fig. 106), os pregos colados apenas com a resina *Araldite* separaram-se sem grande esforço, este resultado pode ter derivado de erros durante a mistura ou aplicação do produto. Numa outra perspetiva dos materiais testados, a tonalidade conferida pelas micas iridescentes aos adesivos ganha grande realce, o que não é pretendido. Portanto, a quantidade de pigmento deverá ser reduzida em novas experiências focadas em testar a cor, para a tonalidade do adesivo ser ajustada aos fragmentos de metal a unir, não excluindo, para já, a aplicação do adesivo sem qualquer carga visto que é incolor e transparente.



Figura 106 - Teste de aplicação de resinas epóxicas, após semanas de cura.

## 7. RECOMENDAÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO DA PREGUICEIRA

Mau grado não terem sido, ainda, concluídos os tratamentos de conservação e restauro previstos na preguiceira da coleção de mobiliário do MCG, são sugeridas neste capítulo algumas recomendações para a preservação do objeto após intervenção.

A primeira recomendação refere-se ao inventário do bem cultural, que deverá ser atualizado no sistema informático *In Arte*, com a inserção dos novos dados apresentados neste relatório, completando a ficha técnica do objeto, com o estado de conservação e o registo fotográfico.

A movimentação ou manuseamento do objeto deve ser feito pelo menos por duas pessoas, utilizando luvas de algodão, segurando pela base das traves das extremidades. O transporte em distâncias maiores, interiores, deve ser feito numa zorra (plataforma de transporte com rodas multidirecionais), adaptada às dimensões do objeto, que deverá assentar pelos pés na plataforma; e em movimentações externas, pouco aconselhadas a não ser que sejam cumpridos os requisitos técnicos de empréstimo, o objeto deve ser devidamente acondicionado e embalado. Considerando o bem cultural como um objeto de mobiliário, não deve ser feita qualquer utilização como tal, desaprovando a colocação de qualquer corpo ou volume sobre o assento ou superfície da preguiceira.

Conhecendo o cuidado do MCG com a preservação das suas coleções e objetos, é definido no Protocolo Interno, de referência P-M-02, que a *conservação preventiva ou passiva/indireta* é o “conjunto de ações dirigidas à verificação das condições de ambiente conducentes à salvaguarda e preservação de uma obra ou de uma coleção” (Apêndice I).



Estando já presente a consciência sobre a verificação das condições de ambiente, nas práticas do Museu, o conservador-restaurador tem responsabilidade nas seguintes funções: a análise de risco; o estabelecimento e monitorização das condições ambientais; o despiste e monitorização de pragas e pestes; e a gestão de informação.

Posto isto, a preguiceira deve ser inserida no plano de gestão de riscos do Museu, considerando que é um objeto com diferentes materiais, orgânicos e inorgânicos, e, por isso, necessita de cuidados específicos. O plano de gestão de riscos, de manutenção e monitorização, pode ser adaptado com base no *Método ABC* desenvolvido pelo CCI, para preservação do património cultural (Michalski & Pedersoli, 2016).

Independentemente do espaço de destino da preguiceira, seja em reserva ou exposição, deverá ser feito o controlo da temperatura e humidade relativa<sup>18</sup> (HR), mantendo estes dois parâmetros constantes, sem oscilações bruscas de valores. O controlo dos valores de temperatura e HR evitará alterações de degradação da madeira, material bastante higroscópico e anisotrópico, evitando também alterações nos materiais têxteis e nos metais. Os valores de HR recomendados para os metais estabelecem-se abaixo dos 30 %, no entanto, os valores para diversos materiais fixam-se entre 40 e 65 % (Camacho, 2007, p. 60). Não conseguindo, idealmente, corresponder aos requisitos para estes materiais, sugere-se que os valores de temperatura ambiente se mantenham entre 15 a 20 °C e os valores de HR se mantenham próximos dos 45 %. Na monitorização destes valores, devem ser utilizados equipamentos de medição devidamente calibrados.

Outro fator que deve ser considerado e controlado, é a radiação por fontes luminosas, que promovem a alteração sobretudo dos tecidos, provocando o desvanecimento das cores das fibras e a alteração da camada de proteção da madeira. Numa escala de sensibilidade dos materiais, os tecidos são considerados muito sensíveis, sendo que os valores de exposição à luz devem ser inferiores a 50 lux e, também, inferiores a 30 lumens (Camacho, 2007, p. 98). Posto isto, e sabendo que o espaço de reserva não tem qualquer entrada de luz solar, deve ser eliminada qualquer fonte de radiação ultravioleta, seja através de luz solar (em salas de exposição) ou por algumas lâmpadas sem filtros, impondo esta condição a qualquer empréstimo do objeto que possa surgir.

---

<sup>18</sup> Humidade Relativa - quantidade de vapor de água presente no ar, expressa em percentagem.



Considerados como poluentes, os compostos químicos reativos presentes no meio ambiente, podem acelerar a deterioração dos materiais, como é exemplo, os fios de prata presentes nos tecidos decorativos, que enegrecem com a presença de sulfuretos no meio envolvente. Para evitar alterações por poluentes, deve ser feita a monitorização periódica da qualidade do ar, mantendo portas e janelas fechadas e renovando os filtros de poluentes nos sistemas de ventilação (Camacho, 2007, p. 63).

Sobre a questão de futuros empréstimos ou deslocações do objeto para exposições internas ou externas à Fundação, as recomendações feitas anteriormente devem também entrar em vigor. A vigilância e segurança do objeto deve ser exigida ao espaço onde esteja inserido. Preferencialmente, a preguiceira quando exposta, deve estar no seu estado de integridade e singularidade cultural. Porém, no caso de voltar a incorporar a instalação de Ana Vieira, na qual esteve por duas vezes inserida (“ocultação/desocultação”), deverá ser feita regularmente uma monitorização atenta. A supervisão na condição de exposição em que o objeto fica oculto por um lençol, deve ser diária, visto que, no passado a preguiceira foi danificada na referida instalação contemporânea.

Por fim, nos cuidados de manutenção (além dos cuidados de manuseamento já referidos) deverá evitar-se a limpeza da preguiceira sem ser consultado um técnico ou especialista.



### **III. OUTROS TRABALHOS DESENVOLVIDOS NO ÂMBITO DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO**

Durante o período de estágio no MCG foram realizados outros trabalhos que foram surgindo, de objetos destinados a integrar exposições temporárias, algumas delas no contexto da Gulbenkian Itinerante. Os bens culturais selecionados, pelos curadores, para integrarem exposições temporárias nem sempre se encontram no estado de conservação ideal e em contexto de museu surge a necessidade da realização de pequenas intervenções.

Apesar dos esforços em manter o bom estado de conservação dos bens culturais, a revisão dos bens destinados a novas exposições, por vezes necessita de intervenção limitada ao tempo disponível para tal. O conservador-restaurador nestas situações procura gerir a intervenção necessária, com o prazo dado e ainda com os critérios básicos: intervenção mínima, autenticidade, removibilidade e compatibilidade dos materiais.

Além dos trabalhos de conservação e restauro, foi também possível a realização de um levantamento do estado de conservação dos objetos de mobiliário e outros bens culturais, expostos nas galerias de exposição permanente, no MCG.

#### **1. LIMPEZA MECÂNICA POR VIA HÚMIDA DE CADEIRA EM TALHA DOURADA**

A cadeira com o número de inventário 1554 H, da CF, encontrava-se em reserva e a pedido da FCG foi solicitada para a sessão de assinaturas de um acordo entre Portugal e a Bélgica, a propósito da visita de Estado dos monarcas belgas. A sessão decorreu na sede da FCG, para onde foi transportada.

O objeto de mobiliário do século XVIII (Fig. 107), em talha dourada, além de uma pequena lacuna ao nível da estrutura, tem também desgaste e pequenas lacunas nas camadas de douramento e camadas preparatórias (bolo arménio e preparação branca). Faltando poucos dias para a sessão de protocolo de Estado, optou-se apenas pela limpeza da superfície que continha partículas em depósito, sobretudo nos detalhes dos ornamentos.

Inicialmente, a limpeza mecânica foi efetuada por via seca, com um pincel de cerdas macias a fim de remover os aglomerados de pó à superfície, sempre com atenção na possibilidade de destacamento das camadas de douramento. Seguiu-se para a limpeza mecânica, por via

húmida (Fig. 108), a cotonete embebido em *white spirit* puro, para limpeza de sujidade agregada. Por fim, o revestimento dourado foi protegido com aplicação de cera microcristalina.



Figura 107 - Cadeira nº 1554 H do inventário da CF.



Figura 108 - Limpeza de cadeira entalhada e dourada.

## 2. LIMPEZA DE OBJETOS DE UM CONJUNTO DA ARTISTA PLÁSTICA CONTEMPORÂNEA ISABEL LAGINHAS

Os trabalhos de conservação e restauro não ficaram restringidos apenas à CF. No edifício da coleção moderna, três elementos de um conjunto de seis de Isabel Laginhas (1942-2018) foram deslocados da reserva para exposição ao público. O conjunto datado de 1983, é em cabedal pintado, suspenso num varão em ferro, que encaixa numa base de pedra.

Dois dos elementos encontravam-se com alterações que modificavam a visão de conjunto dos objetos e, por isso, foi necessário intervir. As alterações deveram-se ao peso do cabedal que acabou por ser perfurado pelo ferro de diferentes formas: através da abertura de uma costura interior, no objeto A (Fig. 109) e por rasgão no objeto B (Fig. 110)<sup>19</sup>. Dado que o descaimento do cabedal alterava a leitura do objeto, procurou restituir-se a configuração original e, para o fazer, foi necessária a observação de imagens do objeto no seu estado de conservação inicial (Fig. 111). Através de uma imagem de um catálogo de 1985 e de

---

<sup>19</sup> As fichas de inventário dos objetos deste conjunto, apenas indicam números de inventário entre 83E1177 e 83E1182, não estando identificados com o respetivo número. Para facilitar a leitura e exclusivamente neste relatório, os objetos intervencionados são distinguidos por A e B.

observação do restante conjunto, entendeu-se que o cabedal preenchido apenas poderia estar no topo do ferro, pendurado.



Figura 109 – Objeto “A”.



Figura 110 - Objeto "B".

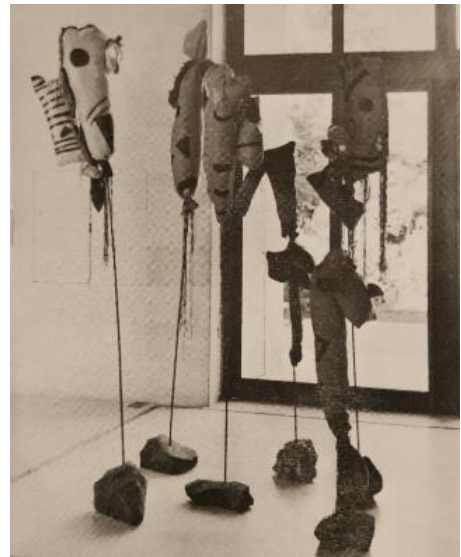


Figura 111 - Conjunto de objetos da autoria de Isabel Laginhas. Em Roteiro do Museu do Centro de Arte Moderna, 1985.

No caso do objeto A, a solução optada foi fechar a abertura descosida utilizando os mesmos orifícios de passagem da agulha, mantendo a costura interna (Fig. 112). Antes disso, a área a fechar foi consolidada com Cellugel<sup>®20</sup> para melhorar as características de resistência, visto que irá estar novamente submetida a forças de gravidade. Outra medida para evitar uma nova abertura, ou perfuração, foi colocar uma ponta arredondada no limite do varão (Fig. 113) e uma abraçadeira de *nylon* oculta sob o volume de cabedal, de forma a sustentar parte do seu peso.



Figura 112 - Aplicação de ponta de borracha no varão de ferro.

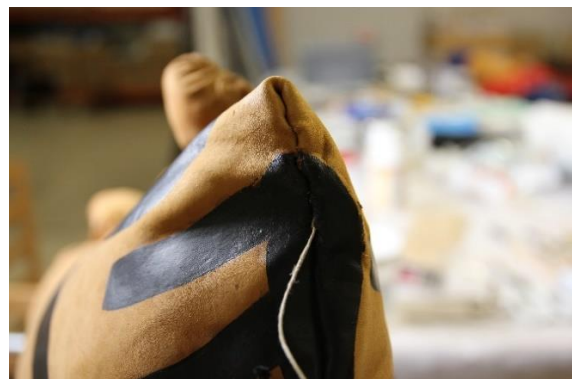


Figura 113 – Costura interna.

<sup>20</sup> Cellugel<sup>®</sup> - Mistura de hidroxipropilcelulose e isopropanol, utilizado como consolidante em couro.

No objeto B, o rasgão apresentava uma forma quase circular e para reforço interior, além da borracha colocada na extremidade do varão, foi fixada uma rede (Fig. 114) para auxiliar a consolidação. A consolidação do cabedal foi realizada com acetato polivinílico, em dispersão aquosa, pela possibilidade de fácil remoção no futuro, tendo como base de suporte a rede colocada no interior (Fig. 115). Igualmente ao objeto A, foi também colocada uma abraçadeira de nylon, preta, para suporte de algum peso, de forma a evitar uma nova perfuração.

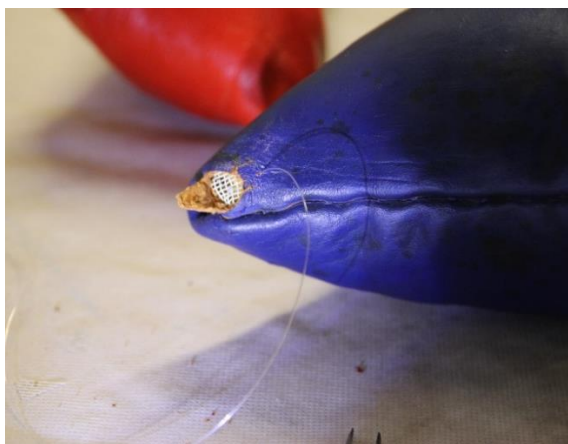


Figura 114 – Introdução de rede para reforço da área perfurada.



Figura 115 - Consolidação da área rasgada.

Em ambos os objetos foi ainda feita uma limpeza, primeiro com um pincel de cerdas macias, para remoção de partículas de pó e, posteriormente, foi utilizada uma solução à base de lanolina, também designada de sabão para couro, sobretudo nas áreas pintadas, para manter a flexibilidade do material.

Concluídos os tratamentos, os dois objetos foram colocados em exposição temporária, na CM, em posição aproximada à observada na fotografia do conjunto (Fig. 116).



Figura 116 - Objetos em exposição na galeria da CM.



### 3. LIMPEZA E MONTAGEM DE UM RELÓGIO EM MÁRMORE E BRONZE DOURADO

Da CF, no âmbito do estágio, foi sugerido o tratamento de um relógio (número de inventário 221) do século XVIII (Fig. 117), período Luís XVI, que se encontrava totalmente desmontado à exceção do mecanismo do relógio propriamente dito (Fig. 118). A base deste objeto é em pedra mármore e a decoração é em bronze dourado da autoria da oficina Turpin. Segundo a ficha de inventário, falta um elemento em bronze na base do relógio, que seria uma grinalda.



Figura 117 - Relógio em mármore e bronze, século XVIII (Arquivo MCG).



Figura 118 - Peças do relógio desmontado.

O estado de conservação dos materiais constituintes, no geral, apresenta-se com manchas escuras, em particular sobre o mármore. Os suportes de mármore continham ainda cavilhas de madeira dentro de orifícios destinados à fixação dos bronzes decorativos. Nos tratamentos efetuados ao relógio, foram removidas as cavilhas dos orifícios utilizando uma broca fina num mini berbequim e uma pinça (Fig. 119). No mármore, foi feita uma limpeza apenas com esponjas e água em toda a superfície incluindo os orifícios de fixação dos bronzes (Fig. 120).



Figura 119 - Remoção de cavilhas degradadas.

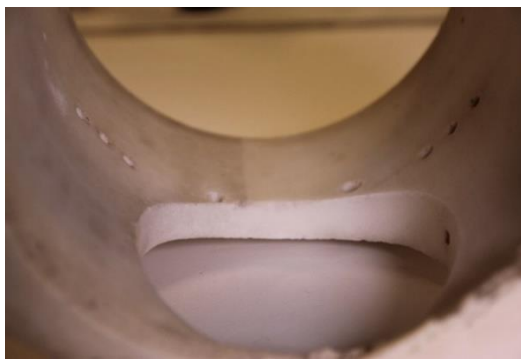


Figura 120 - Limpeza do suporte de mármore.

A limpeza dos bronzes foi iniciada com o uso de um detergente neutro *Teepol*<sup>®</sup> em água desionizada a 3%, efetuada por escovagem da superfície com escovas e pincel de cerdas semiduras (Fig. 121). Para remoção do detergente, os metais foram limpos com água morna. Por fim, foram efetuadas passagens com cotonete humedecido em propanona com o objetivo de quebrar qualquer indício de humidade ou detergente, acabando por remover manchas de sujidade que não foram solubilizadas no primeiro método de limpeza (Fig. 122). Todavia, a intervenção deste objeto não foi terminada, faltando ainda a limpeza dos elementos de bronze de maior dimensão. No entanto, foram já preparadas as novas cavilhas em faia, cortadas à medida, que irão fixar os bronzes decorativos no procedimento de montagem.



Figura 121 - Limpeza por via húmida de bronze.



Figura 122 - Ornamento após limpeza (esquerda) e elemento antes de limpeza (à direita).



#### 4. ACONDICIONAMENTO DE CADERNOS DE UM MANUSCRITO COM ILUMINURAS

Durante o período de estágio, no MCG, foram também decorrendo remodelações nas várias reservas, o que obrigou à mudança de local temporário de bens da coleção, dentro do museu. Numa das fases de mudança dos bens culturais, surgiu um pequeno trabalho que consistiu no acondicionamento de cadernos manuscritos com algumas iluminuras. Os cadernos manuscritos encontravam-se agrupados por clips sobre pedaços de papel (Fig. 123) numa caixa isenta de ácidos. Sendo os clips oxidáveis, mesmo estando sobre pedaços de papel comum, acabam por marcar os cadernos com a agravante possibilidade de manchas de corrosão ferrosa. Para evitar tais danos, foram retirados os clips dos vários cadernos, os quais foram separados com papel seda, com pH neutro, e novamente colocadas na caixa de acondicionamento (Fig. 124).



Figura 123 – Caderno de manuscrito, agrupado por clip.



Figura 124 - Acondicionamento de cadernos entre papel seda.

#### 5. LEVANTAMENTO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE OBJETOS DE EXPOSIÇÃO PERMANENTE

Durante o período de estágio, além das intervenções de conservação e restauro, foi também realizado um levantamento do estado de conservação dos objetos em exposição permanente na Sala das Artes Decorativas Europeias, na CF, onde pode ser visitada parte da coleção de mobiliário do MCG.

A verificação dos objetos em exposição foi efetuada durante os dias de encerramento semanal do MCG, sendo que, os objetos foram observados *in loco*, sem serem deslocados. Posto isto, deve ser tido em conta que, alguns dos objetos não foram observados nos planos

encostados e nos planos inferiores, tratando-se de uma avaliação preliminar e incompleta do estado de conservação, por isso mesmo, provisória. Nesta avaliação, convém ainda referir que as gavetas e estruturas mecânicas foram verificadas tanto quanto o possível, pois não foram testadas chaves nas respectivas fechaduras. Ainda que se trate de um levantamento do estado de conservação incompleto, considera-se essencial a revisão periódica dos objetos das coleções, preferencialmente por alguém entendedor dos materiais constituintes, para a atualização da ficha de inventário.

A atualização do estado de conservação torna-se um procedimento bastante útil quando é comparado com as informações anteriores, sendo possível conferir, passado algum tempo, se houve alterações ou agravamento de algum dano ou patologia.

Os bens culturais observados vão além dos objetos de mobiliário, tendo sido também revistos outros objetos decorativos, como relógios ou centros de mesa, em ligas de cobre. Os objetos de mobiliário, como se sabe, podem ser constituídos por diversos materiais além da estrutura de madeira ou técnicas de superfície com marchetados ou douramento a folha de ouro. Os materiais mais encontrados nos objetos de mobiliário revistos, são: acessórios metálicos, principalmente em ligas cúpricas e ferrosas; tecidos ou tapeçarias, em móveis de assento; tampos de mesas com veludo, couro, vidro, mármore ou pedras coloridas (técnica de incrustação – *pietra dura*); e revestimentos com lacas.

Acompanhando o levantamento do estado de conservação dos objetos, são sugeridas algumas recomendações de conservação. As recomendações apontam pequenas intervenções que podem ser realizadas para melhorar o estado de conservação de cada objeto, quando necessário.

O levantamento do estado de conservação pode ser consultado no Apêndice IV, com a identificação de cada objeto verificado, algumas recomendações e, ainda, observações sobre a atualização da respectiva ficha de inventário, consultada no sistema *In Arte*.

Existe ainda uma observação geral aos objetos de mobiliário com douramento sobre madeira, ou seja, estratos preparatórios e de folha de ouro, aos quais, é recomendada a fixação dos estratos em destacamento, evitando a perda de material. A utilização dos diversos pigmentos metálicos na reintegração de lacunas, só poderá, eventualmente, ser equacionada se forem aplicados sobre camadas de preparação ou de isolamento, visto que, diretamente sobre a

madeira, esta absorve os seus aglutinantes e também parte dos pigmentos empregados, o que dificultará uma futura remoção.

Para uma melhor conservação deste tipo de objetos, após a fixação dos estratos de douramento, deveria ainda ser realizada a reintegração de lacunas. Contudo, cada objeto deverá ter os tratamentos adaptados ao respetivo estado de conservação.

Por fim, é de referir que, o levantamento do estado de conservação não foi terminado, faltando ainda parte dos objetos expostos da coleção de mobiliário que, apesar de já terem sido observados e registados, não foi possível, em tempo útil, confrontar com a informação presente nas respetivas fichas de inventário.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão do estágio curricular e da elaboração deste relatório são feitas algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido ao longo dos últimos meses, quer no âmbito do museu, quer no tratamento de um objeto em específico, a preguiceira.

A par dos objetivos correspondentes à aplicação de uma aprendizagem contínua em conservação e restauro, foi igualmente enriquecedora a experiência de trabalho profissional dentro de uma grande instituição como o MCG. Com esta experiência, foi possível acompanhar a dinâmica diária dos colaboradores e colegas de profissão, participando em funções de preservação, além da vertente da conservação e restauro, conhecendo os processos de preparação à movimentação de bens culturais.

Foi também uma mais valia, a consulta de um sistema informático de apoio à gestão da coleção de bens culturais, neste caso, o *In Arte*, para aceder às fichas técnicas dos vários objetos referidos neste relatório. No entanto, foram notadas algumas lacunas de informação e nos registos fotográficos, na atualização das fichas dos objetos da coleção e nos respetivos processos informatizados.

Quanto ao estudo da preguiceira, considerou-se necessário aclarar a controvérsia relacionada com a nomenclatura, por se tratar de um objeto proveniente de França, país que faz uma distinção mais específica a diferentes móveis de assento alongado. Sobre o objeto, mau grado estar relativamente pouco estudado, com pouca informação em inventário, foi possível confirmar o palácio de proveniência com a descoberta do catálogo de venda. Catálogo este que continha uma imagem não conhecida, da preguiceira, complementando assim a informação existente. Também a fotografia da sala do Palacete de Paris, onde é visível a preguiceira, é um suplemento que deve ser anexado ao processo do objeto, por fazer parte da sua história.

No estudo artístico da preguiceira, as semelhanças entre os acessórios decorativos do objeto e os desenhos de época, da produção de mobiliário durante o período Império, reforçaram uma atribuição estilística à época de Napoleão, mesmo que tardia.

Apesar das dificuldades sentidas na identificação de materiais constituintes da preguiceira, sobretudo das espécies de madeira, considera-se, ainda assim, que o estudo material realizado contribuiu na identificação da liga metálica dos acessórios, outrora presumidos de

forma errónea, afastando a hipótese de douramento da liga metálica. Nos exames laboratoriais realizados surgiram alguns problemas relacionados com a execução dos métodos de  $\mu$ -FRX: pela utilização de uma ampola de prata na análise de amostras com o mesmo elemento químico na composição; e pela falta de espectros com o equipamento portátil. Por consequência foram sentidas algumas dificuldades na interpretação dos resultados, no que concerne à atribuição de alguns picos. No entanto, foi possível obter dados da composição material e do estado de alteração (dos fios de prata). Também a identificação de fibras têxteis e de enchimento permitiu a caracterização dos materiais existentes no estofado da preguiçeira.

Ainda sobre o historial do objeto de estágio, foram conhecidos os registos de restauros em arquivo da FCG, em que, num deles, foram utilizados materiais altamente perigosos e que, hoje em dia, não são de todo utilizados. Foram ainda tentados alguns contactos com a casa de restauros francesa, a *Maison André*, na expectativa de obter mais informações ou, mesmo, um relatório mais detalhado da intervenção feita na década de 60, no entanto não foi conseguido.

No desenvolvimento do estágio e do contacto diário com a preguiçeira, esta revelou-se um objeto complexo que exigiu o conhecimento de diversos materiais e técnicas, que vão além do mobiliário, tornando-se assim, num grande desafio profissional. Os grandes desafios da intervenção deste objeto cingiram-se, principalmente, à questão da conservação do polimento original, à escolha do tratamento para a união dos fragmentos em latão e, ainda, à problemática do re-estofamento. Contudo, nove meses não foram suficientes para concretizar as soluções propostas, pois, além do período dedicado ao trabalho descrito neste relatório e à redação do mesmo, houve ainda espera associada à seleção do técnico estofador.

Todavia, está prevista a conclusão da intervenção proposta e, preferencialmente, com a colaboração dos técnicos de diferentes especialidades e áreas: conservador-restaurador de têxteis, conservador-restaurador de metais e técnico estofador.

Numa opinião pessoal, considera-se que todo este projeto curricular foi bastante enriquecedor, num ambiente real de trabalho, distante do mundo académico, não só pela oportunidade de estar envolvida e a colaborar, em equipa multidisciplinar, na intervenção de um objeto complexo como a preguiçeira, mas, também, pelo envolvimento em algumas práticas do Museu.

De futuro, será apresentada uma comunicação oral no V Encontro Luso-Brasileiro de Conservação e Restauro, resultante do estágio orientado, com o título *Preguiceira Império do Museu Calouste Gulbenkian: desafios de conservação e restauro*, que abordará algumas das problemáticas da conservação deste objeto e as soluções adaptadas, a decorrer entre os dias 9 e 10 de dezembro de 2019. Subsequentemente a este Encontro, contamos ainda, poder vir a submeter um artigo para revisão científica, relacionado com este objeto a uma revista do domínio profissional.





## REFERÊNCIAS

- 846: Horse Hair (*Equus caballus*). (s.d.). Obtido a 13 de Abril de 2019, de: [http://www.mccroneatlas.com/viewer/index.asp?MODE=PA2&TECHNIQUE\\_ID=16&PARTICLE\\_ID=907&F\\_IS\\_BIREFRINGENT=\\_&F\\_KEYWORD=horse+hair&F\\_PARTICLE\\_NUMBER=&F\\_IS\\_HIGH\\_INDEX=\\_&F\\_SAMPLE\\_NAME=&F\\_TYPE\\_ID=&F\\_BINARY\\_CODE1=%3F%3F&F\\_BINARY\\_CODE2=%3F%3F%3F%3F&F\\_SHAPE=](http://www.mccroneatlas.com/viewer/index.asp?MODE=PA2&TECHNIQUE_ID=16&PARTICLE_ID=907&F_IS_BIREFRINGENT=_&F_KEYWORD=horse+hair&F_PARTICLE_NUMBER=&F_IS_HIGH_INDEX=_&F_SAMPLE_NAME=&F_TYPE_ID=&F_BINARY_CODE1=%3F%3F&F_BINARY_CODE2=%3F%3F%3F%3F&F_SHAPE=)
- Aronson, J. (1951). *The Encyclopedia of Furniture*. Nova Iorque: Crown Publishers.
- Barclay, B. & Hett, C. (2007). The Cleaning, Polishing and Protective Waxing of Brass and Copper – CCI Notes 9/3. *Canadian Conservation Institute*. Obtido de <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/conservation-preservation-publications/canadian-conservation-institute-notes/care--brass-copper.html>
- Barclay, R. L. (2002). Care of Furniture Finishes – CCI Notes 7/2. *Government of Canada, Canadian Conservation Institute*. Obtido de <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/conservation-preservation-publications/canadian-conservation-institute-notes/care-furniture-finishes.html>
- Barrielle, J.-F. (1986). *O Estilo Império*. Lisboa: Edições 70.
- Beunat, J. (1816). *Recueil des dessins d'ornements d'architecture de la manufacture*. Obtido de <https://archive.org/details/recueildesdessin00beun/page/n5>
- Boissonnas, V. (2006). An introduction to the history of metals conservation. *The Metals Conservation Summer Institute*. Worcester.
- Brass. (s.d.). Obtido a 3 de Junho de 2019, de: <http://worldheritage.org/article/WHEBN0000003292/Brass>
- Camacho, C. (coord.) (2007). *Plano de Conservação Preventiva: bases orientadoras, normas e procedimentos* (Coleção Temas de Museologia). Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação.
- Campbell, G. (2006). *The grove encyclopedia of decorative arts* (Vol. 1). Nova Iorque: Oxford University Press.

- Code of Ethics for Museums*. (2017). Obtido de <https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/ICOM-code-En-web.pdf>
- Conlin, J. (2019). *O homem mais rico do mundo: As muitas vidas de Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Objectiva.
- Coutinho, I.; et al. (2009). Studies of the degradation of epoxy resins used for the conservation of glass. Em *Holding it All Together, Ancient and Modern Approaches to Joining Repair and Consolidation* (pp. 127–133). Londres: Archetype Publications.
- Coutinho, M. I. P. (1999). *Mobiliário Francês do século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cremonesi, P. & Borgioli, L. (2014). *Las resinas sintéticas usadas para el tratamiento de obras policromas*. il prato.
- Davis, J. R. (2001). *Copper and Copper Alloys*. EUA: ASM International.
- Deck, C. (2016). *The Care and Preservation of Historical Brass and Bronze*. Obtido de <https://www.thehenryford.org/docs/default-source/default-document-library/the-henry-ford-brass-amp-bronze-conservation.pdf?sfvrsn=2>
- Decreto-Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto, do Ministério da Cultura. , I série-A Diário da República § (2004).
- Dias, J. C. (2006). *O Gosto do Coleccionador: Calouste S. Gulbenkian (1869-1955)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Documento do Mês - C. S. Gulbenkian par Marcelle Chanet. (Março de 2019). *Biblioteca de Arte e Arquivo Gulbenkian*.
- Duarte, A. et al. (2018). *Pós-Pop. Fora do Lugar-Comum*. Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian.
- E.C.C.O. Professional Guidelines*. (2003). Obtido de <http://www.ecco-eu.org/documents/>
- Edwards, C. (2000). *Encyclopedia of Furniture Materials, Trades and Techniques*. Cambridge: Ashgate.
- Flax fiber. (s.d.). Obtido de: [http://cameo.mfa.org/wiki/File:34\\_flax\\_200X.jpg](http://cameo.mfa.org/wiki/File:34_flax_200X.jpg)
- Gill, K. (2004). The development of upholstery conservation as a practice of investigation,

- interpretation and preservation. *Reviews in Conservation: The International Institute for Conservation of Historic and Artistic Works*, 5, 3–22.
- Guerra, M. et al. (2013). X-Ray Fluorescence Spectrometry as a Diagnostic Tool in Characterization and Conservation of Manueline Illuminated Manuscripts. *Cultural Heritage: Protection, Developments and International Perspectives*.
- Hoadley, R. B. (1990). *Identifying Wood: accurate results with simple tools*. EUA: The taunton press.
- Hope, T. (1807). *Household furniture and interior decoration*. Obtido de <https://archive.org/details/Householdfurnit00Hope/page/n79>
- Horie, C. V. (2010). *Materials for Conservation: Organic Consolidants, Adhesives and Coatings* (2ª ed.). Nova Iorque: Routledge.
- Ilvessalo-Pfäffli, M.-S. (1995). *Fiber Atlas: Identification of Papermaking Fibers*. Nova Iorque: Springer Science & Business Media.
- Landi, S. (1998). *The textile conservator's manual*. Londres: Butterworth-Heinemann.
- Leene, J. (1972). *Textile Conservation*. Londres: Butterworths.
- Lot 1355: Recamiere “aux cygnes.” (2016). Obtido a 20 de Janeiro de 2019, de <https://www.invaluable.com/auction-lot/recamiere-aux-cygnes-,-1355-c-a7a41c8913>
- Lovreglio, A. (2006). *Dictionnaire des Mobiliers & des Objets d'art, du moyen âge au XXIe siècle*. Londres: Le Robert.
- Mendonça, M. J. (1962). A Oficina de Conservação de Têxteis: organização, instalação e método de trabalho. *Boletim Do Museu Nacional de Arte Antiga*, IV N.3, 7–17.
- Michalski, S. & Pedersoli, J. (2016). *The ABC method - A risk management approach to the preservation of cultural heritage*. Obtido de [https://www.iccrom.org/sites/default/files/2017-12/risk\\_manual\\_2016-eng.pdf](https://www.iccrom.org/sites/default/files/2017-12/risk_manual_2016-eng.pdf)
- Nascimento, J. F. S. (1950). *Leitos e camilhas portuguesas: subsídios para o seu estudo*. Lisboa: ed. do autor.
- Payne, C. (1989). *19th Century European Furniture*. Woodbridge: Antique Collectors Club.
- Petit, G. G. (1927). *Important mobilier ancien principalement du XVIIIe siècle*. Obtido de

[http://primo.getty.edu/GRI:GETTY\\_ALMA21138768260001551](http://primo.getty.edu/GRI:GETTY_ALMA21138768260001551)

*Proyecto COREMANS. Criterios de intervención en materiales metálicos.* (2015). s.l.:  
Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.

Rivers, S. & Umney, N. (2003). *Conservation of Furniture*. Londres: Routledge.

Sancha, F. P. (2011). Estudio de las intervenciones de mantenimiento en un conjunto de bronce de época romana. *IV Congreso Latinoamericano de Conservación y Restauración de Metal*, 207–2019. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.

Sassone, A. B.; Disertori, A. & Cozzi, E. (2000). *Furniture: From Rococo to Art Deco*. Köln: Evergreen.

Sassone, A. B. (1985). *Le mobilier français du XIXe siècle*. Paris: Larousse.

Silva, R. H. (2009). *Anos 70 atravessar fronteiras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sousa, M. C. B. (2004). *Normas de Inventário de Mobiliário*. Lisboa: Instituto Português de Museus.

Stoner, J. H. & Rushfield, R. (2013). *Conservation of Easel Paintings*. Nova Iorque: Routledge.

Tchamkerten, A. (2010). *Calouste Sarkis Gulbenkian: o Homem e a Sua Obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Tissus d'ameublement. (s.d.). Obtido a 20 de Junho de 2019, de Mobilier National website:  
<http://www.mobiliernational.culture.gouv.fr/fr/collections-et-ressources/collection/tissus-dameublement>

Ward, G. W. R. (2008). *The Grove Encyclopedia Of Materials And Techniques In Art*. USA: Oxford University Press.

## **APÊNDICES**



## APÊNDICE I – LISTA DE PROCEDIMENTOS DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

Nº do Procedimento	Serviço / Atividade	Setor de conservação e restauro	
		Envolvimento	Responsabilidade
<b>P-M-01</b>	Empréstimo temporário de obras de arte à Fundação (importação);	Receção;	Instalação da obra.
		Controlo e Devolução da obra;	
<b>P-M-02</b>	Conservação Preventiva de obras de arte;	Análise de Poluentes; Manutenção preventiva;	Análise de risco em conservação;
			Estabelecimento e monitorização das condições de ambiente;
			Despiste/monitorização de pragas e pestes;
<b>P-M-03</b>	Conservação curativa e restauro de obras de arte;	Gestão da informação;	Gestão de informação.
			Identificação da necessidade de intervenção;
			Análise/Decisão de intervenção;
			Preparação, intervenção e pós-intervenção;



Nº do Procedimento	Serviço / Atividade	Setor de conservação e restauro	
		Envolvimento	Responsabilidade
<b>P-M-04</b>	Avaliação de pedidos de cedência temporária de obras da coleção (exportação);	Avaliação do pedido / elaboração do “parecer técnico”.	-
<b>P-M-05</b>	Movimentação de obras de arte;	Preparação do movimento;  Entrega, instalação, desinstalação, Regresso.  Encerramento do pedido.	-
<b>P-M-06</b>	Estudo da coleção;	-	-
<b>P-M-07</b>	Inspeções periódicas às obras de arte;	Planeamento anual das inspeções;  Realização da inspeção;  Pós inspeção;  Gestão da informação.	-

Nº do Procedimento	Serviço / Atividade	Setor de conservação e restauro	
		Envolvimento	Responsabilidade
<b>P-M-08</b>	Gestão de publicações e de materiais de divulgação	-	-
<b>P-M-09</b>	Conceção de exposições temporárias	-	-
<b>P-M-10</b>	Conceção museográfica de exposições;	Montagem da exposição;	Verificação do projeto museográfico.
<b>P-M-11</b>	Seleção e Aquisição de obras de arte;	Aquisição de obras; Receção de obras.	-
<b>P-M-12</b>	Integração de obras de arte por doação.	Receção de obras.	-



## APÊNDICE II – MÓVEIS DE REPOUSO SEMELHANTES

Móveis de repouso	Informação adicional	Dissemelhanças com a preguiceira MCG
 <p>Em <i>Istdibs</i> (disponível em: <a href="https://www.1stdibs.com/furniture/seating/day-beds/french-empire-style-bronze-ormolu-mounted-day-bed-recamier/id-f-3444942/">https://www.1stdibs.com/furniture/seating/day-beds/french-empire-style-bronze-ormolu-mounted-day-bed-recamier/id-f-3444942/</a>)</p>	<p>“<i>Day bed recamière</i>”</p> <p>Império francês, final do século XIX, produção cerca de 1890.</p>	<p>Possivelmente o tecido em veludo não é original.</p> <p>O espaldar e anteparo não têm volume de enchimento.</p>
 <p>Em <i>Istdibs</i> (disponível em: <a href="https://www.1stdibs.com/furniture/seating/chaise-longues/stunning-quality-french-empire-mahogany-ormolu-mounted-daybed/id-f-8982531/">https://www.1stdibs.com/furniture/seating/chaise-longues/stunning-quality-french-empire-mahogany-ormolu-mounted-daybed/id-f-8982531/</a>)</p>	<p>“<i>Day bed /chaise longue</i>”</p> <p>Império francês, cerca de 1880.</p> <p>Foi re-estofado recentemente.</p>	<p>O espaldar e anteparo não têm volume de enchimento.</p>
 <p>Em <i>Istdibs</i> (disponível em: <a href="https://www.1stdibs.com/furniture/seating/chaise-longues/wonderful-french-empire-ormolu-bronze-mounted-chaise-lounge-neoclassic-recamier/id-f-6162863/">https://www.1stdibs.com/furniture/seating/chaise-longues/wonderful-french-empire-ormolu-bronze-mounted-chaise-lounge-neoclassic-recamier/id-f-6162863/</a>)</p>	<p>“<i>Chaise longue neoclassic recamier</i>”</p> <p>Império francês, entre os anos 1920 – 1929.</p> <p>Estofamento não original.</p> <p>Avaliada entre 8000 e 12000 euros.</p>	<p>-</p>



*“Day bed”*  
Império  
francês,  
Século XIX.

Possivelmente o  
tecido não é  
original.  
O espaldar e  
anteparo não  
têm enchimento.

Em *French Style Authority* (disponível em:  
[http://frenchstyleauthority.com/?attachment\\_id=2998](http://frenchstyleauthority.com/?attachment_id=2998) )



*“Recamie  
aux cygnes”*  
Império  
francês,  
século XIX.  
Com  
assinatura de  
IACOB.

Possivelmente o  
tecido não é  
original.  
O espaldar e  
anteparo não  
têm enchimento.

Em *Invaluable* (disponível em: <https://www.invaluable.com/auction-lot/recamie-aux-cygnes-1355-c-a7a41c8913> )



*“Recamier  
Deuxième  
Empire”*  
Segundo  
império,  
Cerca de  
1870.

Possivelmente o  
tecido não é  
original.  
O espaldar e  
anteparo não  
têm enchimento.  
Tem encosto  
lateral.

Em *Sothebys* (disponível em:  
<http://www.sothebys.com/en/auctions/ecatalogue/2008/furniture-clocks-silver-ceramics-and-decorative-arts-am1059/lot.319A.html> 19/10 )

## APÊNDICE III - DESCRIÇÃO DOS TRATAMENTOS DOS TECIDOS EFETUADOS AOS TECIDOS A CARGO DO DR. LUÍS PEDRO

A intervenção realizada na matéria da preguiceira do MCG foi distribuída por alguns profissionais de áreas diferentes, como foi o caso dos tecidos de forro e decorativos.

Com permissão do conservador-restaurador responsável pelos tecidos da preguiceira, o Dr. Luís Pedro do Atelier de Conservação e Restauro de Têxteis, foi feito um acompanhamento em que pode ser observada algumas fases do tratamento.

Antes de qualquer tratamento foi feito o acondicionamento em embalagem, protegendo os tecidos para o transporte do MCG para o Atelier. Nesta fase foi inicialmente colocado tule sintético sobre o direito e avesso dos tecidos, separando-os do forro com os decorativos, depois sobrepôs-se papel de arroz, enrolando os tecidos num tubo de PVC. Por fim, os tecidos enrolados no tubo foram protegidos com plástico de bolha e identificados.



Figura 125 - Acondicionamento e embalagem dos tecidos, decorativos e de forro.

Após deslocação, já no atelier, foram decorrendo os tratamentos de conservação e restauro, alguns descritos neste apêndice conforme a observação de algumas fases da intervenção.

### ▪ Limpeza e lavagem dos tecidos

Na preparação antecipada aos tratamentos de limpeza, foram realizados testes de resistência de corantes aos tons existentes nos vários tecidos, sendo esta positiva, foi possível efetuar nos têxteis uma limpeza por via húmida. Posteriormente foram retiradas as medidas de cada

tecido, um procedimento essencial para a conforção na secagem após limpeza por via húmida evitando a contração das fibras. Cada tecido foi envolvido e cosido a tule, outra forma de proteção do material no processo de aspiração de sujidade desagregada.

Depois de aspirados, os tecidos foram lavados com água corrente e aplicação de um detergente natural, aplicado com um pincel e esponja coral calcando levemente. O detergente utilizado foi retirado das lascas da árvore do sabão (saponária), que sendo natural contribui para a hidratação das fibras de seda. Nesta fase da lavagem não se deve insistir, pois com o estado de fragilidade das fibras pode desencadear perda de material, o que foi evitado. Para lavagem do verso, o tecido foi novamente enrolado num tubo de PVC para trocar a superfície a limpar, tendo em conta que não deve ser movimentado com as mãos pelo risco de rasgo. Durante o procedimento, foi evidente a sujidade que alterava a transparência da água.

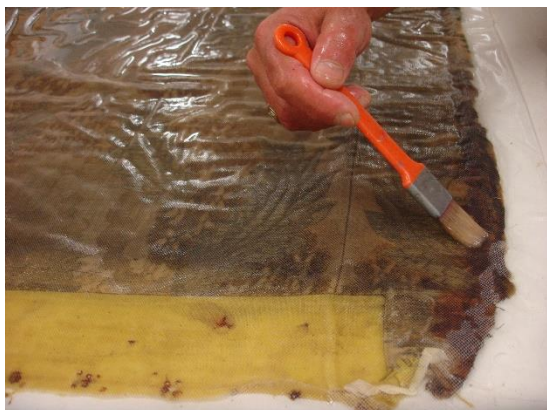


Figura 126 - Lavagem de tecido decorativo do espaldar (C.F. Luís Pedro).



Figura 127 - Lavagem de tecido decorativo do assento (C.F. Luís Pedro).



Figura 128 - Lavagem do tecido de forro do assento (C.F. Luís Pedro).



Figura 129 - Movimentação de tecido decorativo do anteparo dos pés, durante limpeza por via húmida.



Para a planificação e secagem, o tecido foi colocado entre toalha turca (recorrendo sempre ao tubo na movimentação) pela capacidade de absorção de grande parte da água, sendo que, a restante água vai secando naturalmente, ao abrigo de iluminação direta do sol. Para a secagem natural, o tecido foi planificado numa superfície lisa e foram colocados alfinetes nas extremidades conforme as medidas recolhidas antes da lavagem, contrariando a tendência para o encolhimento do tecido após lavagem.



Figura 130 - Absorção de água com toalha turca e movimentação.



Figura 131 – Remoção de tule de proteção do tecido decorativo do assento (C.F. Luís Pedro).



Figura 132 - Planificação com alfinetes durante secagem de tecido decorativo.

#### ▪ Tingimento de materiais novos

Para tonalização dos materiais novos a aplicar, no reforço dos tecidos, foi feito um tingimento de tecidos de seda. O procedimento foi sobretudo realizado numa tina com água em aquecimento, onde foi colocado o estabilizador de cor, flor de sal. Os pigmentos utilizados são da marca Dylon, cores nº 34 – *olive green* e nº 53 – *desert dust*, adicionados na tina de água. Estando a água bem quente, foram feitos testes de cor em pequenos pedaços de seda mergulhando-os na tina. Os tons pretendidos são os predominantes nos tecidos decorativos, já desvanecidos. A tonalização do material ocorre por imersão dos tecidos na

solução preparada em temperatura aquecida. Este processo depende da densidade da seda, do tempo de contacto com a solução e do tingimento da água, sendo que, os primeiros tecidos normalmente recebem mais pigmento devendo ser mergulhados por menos tempo que os seguintes. Logo após a submersão, o tecido foi colocado sob água fria para remoção de excesso do pigmento, seguindo para a secagem natural.



Figura 133 - Teste de tonalização de seda.



Figura 134 - Tingimento de materiais novos de suporte.

#### ▪ **Consolidação e estabilização dos tecidos decorativos**

Na fase de consolidação dos tecidos decorativos, o suporte previamente tingido foi aplicado no avesso do tecido original e fixo com o ponto de conservação de Bolonha, utilizando dois cabos de um fio de baba de seda previamente tingido. Nas extremidades dos tecidos, tanto de forro como decorativo, onde é presente marcas da corrosão dos metais de fixação, foi aplicado tule para reforço e proteção dos tecidos reaplicados no estofa da preguiceira.



Figura 135 - Consolidação de tecido de forro (C.F. Luís Pedro).



Figura 136 - Fios de baba de seda tingidos.



Figura 137 - Consolidação com ponto de conservação de Bolonha e suporte de reforço.

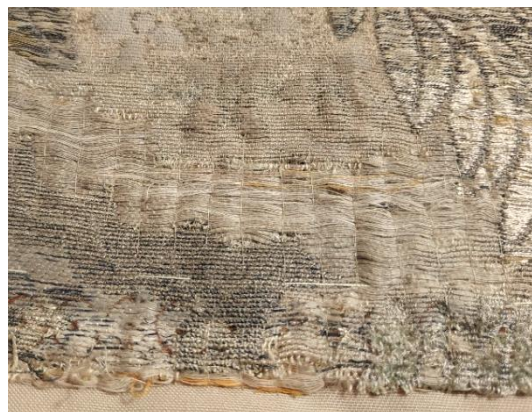


Figura 138 - Consolidação com ponto de conservação de Bolonha e suporte de reforço.

O tecido apresenta-se agora limpo com mais elasticidade e com as fibras hidratadas. As lacunas e perda de material foram interrompidas pela colocação do suporte total e consolidação com os pontos de agulha dados.





## APÊNDICE IV - LEVANTAMENTO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA COLEÇÃO DE MOBILIÁRIO EM EXPOSIÇÃO NA CF

Nº Inv.	Identificação do objeto	Levantamento do estado de conservação	Recomendações de Conservação
604	Relógio Parede (Bronze) 	Sujidade, manchas escuras, perda de brilho; Chapa/tampa que fecha o verso encontra-se semiaberta.	Limpeza e revisão de estrutura.
226	Cómoda 	<u>Madeira</u> : pequenas fissuras; desgaste pontual do acabamento. <u>Bronze</u> : frisos partidos; algumas manchas escuras. <u>Mármore</u> : algumas lacunas (amolgadelas).	-
579	Mesa Mecânica (aberta) 	<u>Vidro</u> : riscos profundos. <u>Madeira</u> : pequenos sulcos e orifícios de saída de xilófagos no plano inferior; interior das portas com pouco acabamento (possivelmente de origem). <u>Bronze</u> : perda de material; frisos partidos.	Monitorar para verificar se existe ação xilófaga ativa; se necessário, desinfestação/imunização. Preenchimento dos orifícios.

Nº Inv.	Identificação do objeto	Levantamento do estado de conservação	Recomendações de Conservação
749	Mesa Mecânica (fechada) 	Poeiras sob o vidro e riscos leves sobre este.  <u>Madeira:</u> Fissuras na técnica aplicada; acabamento insuficiente.	-
2082	Secretária de Cilindro 	<u>Bronze:</u> manchas escuras e desgaste do douramento.  Parafusos com falta de porcas.  <u>Madeira:</u> pequena(s) lacuna(s); acabamento insuficiente.  Manchas de fungos no interior de gavetas. Cilindro desliza com algum atrito, riscos à superfície.	-
6	Mesa Secretária 	<u>Madeira:</u> orifícios e fissuras com falta de preenchimento; falta pontual de acabamento.  <u>Veludo:</u> lacuna e desgaste.  <u>Bronze:</u> pé em falta; manchas escuras, das quais, falta de douramento, sujidades e óxidos.	Restabelecer alguma estabilidade à estrutura.  Limpeza de bronzes.  Preenchimentos no plano inferior.
2242	Relógio (Bronze) 	Sujidade, manchas escuras e perda de douramento.	-

Nº Inv.	Identificação do objeto	Levantamento do estado de conservação	Recomendações de Conservação
588	Cadeira de Braços estofados (par)	Objeto 588 A: -Fissuras no plano inferior -Desgaste e descoloração dos tecidos -Empolamento do tecido na lateral  Objetos 588 A e B: <u>Madeira</u> : Pequenas lacunas. <u>Douramento</u> : Risco de destacamento das camadas; lacunas em várias camadas (preparação, bolo arménio, folha de ouro); vestígios de purpurina metálica sobre madeira; desgaste da folha de ouro. Perda de douramento dos pregos decorativos.	Consolidação das camadas preparatórias e douramento.  Remoção de purpurinas.  Preenchimento de lacunas de superfície e douramento.
A			
B			
174	Cómoda 	<u>Mármore</u> : depressões. <u>Madeira</u> : Lacunas da estrutura e da superfície; fissuras; ligeiros destacamentos de marchetados. <u>Acabamento</u> : resíduos de pasta de preenchimento sobrepostos ao verniz.	Preenchimento de fissuras e lacunas. Restituição de leitura através da remoção pontual de resíduos de pasta de preenchimento.
602	Relógio (Bronze) 	Desgaste de douramento; manchas escuras sobre a superfície. O relógio encontra-se inoperacional.	Limpeza e remoção de manchas escuras da esfera armilar e de elementos decorativos.



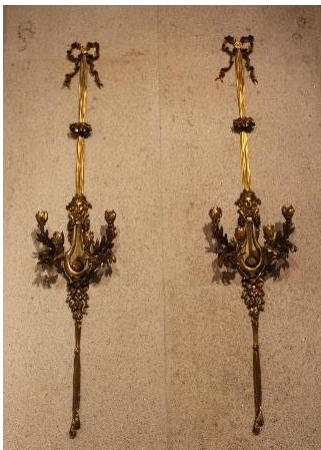



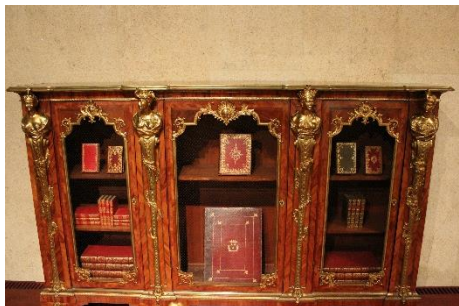
Nº Inv.	Identificação do objeto	Levantamento do estado de conservação	Recomendações de Conservação
	Cómoda		
126		<p><u>Madeira</u>: ilharga (esq.) com fissura e lacuna da superfície; junta/fenda aberta no plano inferior; alguns orifícios de saída de xilófagos.</p> <p><u>Bronzes</u>: friso deslocado.</p>	Monitorização e controlo de infestações por xilófagos.
	Relógio		
2264		Sujidade; desgaste do douramento.	-
	Mesa de Centro		
2266		<p><u>Mármore</u>: lacunas; resíduos de cola à superfície.</p> <p><u>Bronze</u>: manchas; desgaste de douramento; sujidade.</p> <p><u>Madeira</u>: fissuras.</p> <p><u>Laca</u>: pequenas lacunas e sulcos.</p>	(remoção dos resíduos de cola)
	Mesa de Trabalho		
582		<p><u>Madeira</u>: pequena lacuna e fissura estabilizadas; preenchimento de madeira numa ilharga sem acabamento.</p> <p><u>Couro</u>: fissura.</p> <p><u>Bronzes</u>: fissuras.</p>	-


Nº Inv.	Identificação do objeto	Levantamento do estado de conservação	Recomendações de Conservação
583	Mesa de Trabalho 	<u>Bronzes</u> : desgaste de douramento; falta de parafusos e frisos com folga num dos pés; sujidade.	Verificar aperto de parafusos.
2222	Mesa Secretária 	<u>Madeira</u> : pequenas fissuras. <u>Couro</u> : tampo desidratado com fissuras e lacunas nas áreas de juntas e fissuração/desgaste; desgaste localizado do douramento.	O couro deveria ser tratado/hidratado.
608	Centro de Mesa 	Elementos laterais: desgaste localizado do douramento. Centro: manchas escuras de sujidade superficial; manchas de óxidos (verdes) localizadas; desgaste de douramento.	Limpeza do elemento central.  Atualizar localização na ficha técnica.
376	Aparador 	<u>Madeira</u> : pequenas fissuras; orifícios nos pés. <u>Laca</u> : fissura; desgaste; lacunas reintegradas com auréolas.	-

Nº Inv.	Identificação do objeto	Levantamento do estado de conservação	Recomendações de Conservação
	Banqueta		
223 B (?)		<u>Douramento</u> : pequenas lacunas; sujidades; desgaste de folha metálica; fissuras; destacamento de camadas.	Fixação do douramento.
	Cadeira de Braços		
2326 ?		<u>Douramento</u> : desgaste da folha metálica; pequenas lacunas; fissuras; sujidade.	Consolidação e limpeza.  A descrição do objeto exposto pode estar incorreta, confundido com outro objeto do conjunto.
	Canapé		
222		<u>Douramento</u> : desgaste dos vários estratos de superfície (de preparação, bolo arménio e folha de ouro); pequenas lacunas; sujidade.	
	Secretária, Estante, Escritório		
37		<u>Madeira</u> : polimento esbranquiçado tanto sobre a estante como na secretária; orifícios de saída de insetos no verso da estante.  <u>Couro</u> : desgaste pontual de uso.  <u>Bronzes</u> : fenda no topo da estante; sujidade.  Estante instável com fissuras no topo.	Colar e preencher fissuras.  Assentamento da estante.  Limpeza de bronzes.  Limpeza e acerto do polimento.



Nº Inv.	Identificação do objeto	Levantamento do estado de conservação	Recomendações de Conservação
224	Cadeiras de braços		
A		<u>Douramento</u> : desgaste dos vários estratos de superfície (preparações branca e de cor e folha de ouro); pequenas lacunas; sujidade.	Atualizar localização na ficha técnica.
B		<u>Tapeçaria</u> : desgaste nos assentos.	
599	Par de Apliques		
A / B		Desgaste do douramento. Manchas negras nos planos horizontais – sujidade.	Limpeza.  Atualizar localização na ficha técnica.

Nº Inv.	Identificação do objeto	Levantamento do estado de conservação	Recomendações de Conservação
2221	Par de Bibliotecas	<p>- <u>Madeira (A)</u>: deformação da superfície (lateral esq.); depressões, por impacto, nas arestas; polimento localizadamente esbranquiçado/gasto; vestígios de pasta de preenchimento.</p> <p>- Interior com pó e lacuna da estrutura.</p>	
A			
B		<p><u>Bronzes (A e B)</u>: desgaste do ouro e manchas de sujidade.</p> <p>- <u>Madeira (B)</u>: Chapa de madeira em destacamento na base (esquerda).</p> <p>- Interior com sujidade e orifícios de saída de insetos xilófagos.</p>	Verificar o estado de (in)ação xilófaga.
2369	Mesa secretária	<p><u>Couro</u>: rasgão.</p> <p><u>Bronzes</u>: desgaste do estrato de dourado; manchas de sujidade.</p> <p><u>Madeira</u>: fissuras; manchas no polimento.</p>	Consolidação do rasgão do tampo em couro.
362	Pot-Pourri	<p>Desgaste localizado no estrato dourado.</p>	-

Nº Inv.	Identificação do objeto	Levantamento do estado de conservação	Recomendações de Conservação
2081	<p>Banqueta</p> 	<p><u>Madeira</u>: Fendas; lacunas de suporte; orifícios de insetos xilófagos; lacunas de superfície.</p> <p>Observação: objeto interessante de estudo. A coloração preta foi aplicada diretamente sobre a madeira. O douramento parece irregular, por vezes sobre preto ou aplicado sob este. Verifica-se também como proteção/tonalização do douramento com goma-laca.</p>	<p>Verificar (in)atividade de xilófagos.</p>
247	<p>Cómoda</p> 	<p>Muito bom estado. Fissuras/fendas consolidadas.</p>	-
601	<p>Relógio</p> 	<p>Bronze: manchas escuras; sujidade e desgaste do douramento.</p>	<p>Registo fotográfico no <i>In Arte</i> desatualizado (preto e branco)</p>





## **ANEXOS**



# ANEXO I – FICHA DE INVENTÁRIO DA PREGUICEIRA

Catalogação : Objectos

Page 1 of 3

## Catalogação : Objectos

11/01/2019 11:12:01

Fundação Calouste Gulbenkian

Marta Santos (Estagiário)

Nº inventário 98

Museu

Designação Preguiceira

Título

Descrição Preguiceira de linhas sóbias e elegantes. Apresenta decoração de bronze cinzelado e dourado com grifos, cisnes, estrelas e palmetas. Os pés são em forma de grifos com asas abertas. O estofo é de brocado de seda com motivos florais.

Área Arte do Ocidente

Categoria Mobiliário



## Informação específica

Autorias		
Autor	Tipo autoria	Precisão
Desconhecido	Marceneiro	

Épocas		
Época	Parte descrita	Justificação
Séc. XIX		

Estados										
Estado	Parte descrita	Descrição	Luminosidade	Montagem	Manuselo	Embal./Transp.	Guarda/Higieni.	Data estado	Data revisão	Colaborador
Bom								06/12/2004		
Insuficiente		Esta peça encontra-se desmontada para posterior intervenção de restauro.						10/10/2012	10/10/2017	

Notas: A peça sofreu um acidente (água) quando esteve exposta numa exposição no CAM.

Estilos		
Estilo	Parte descrita	Justificação
Império		

Incorporações					
Tipo incorp.	Local	Proveniência	Intermediário	Data incorp.	Data textual
Aquisição		Galeria Georges Petit	Duveen		7 de Dezembro de 1927

Inventariantes		Data
Inventariante		
Clara Serra		6-12-2004

Localizações			
Tipo localiz.	Local habitual	Data localização	Localização
Reservas do Museu\R4	Não	02/10/2018	

Notas: Movimento para restauro.

Galerias de Exposições Temporárias da FCG\Galerias de Exposições Temporárias da FCG\Centro Arte Moderna Não 14/03/2018 Galeria Piso 0

Notas: Incorporada na obra de Ana Vieira, Ocultação/Desocultação.

Reservas do Museu\R9B\_Mobiliário e Artes Decorativas

Sim

06/12/2004

Materiais	
Tipo material	Parte descrita
Madeira\Mogno	
Bronze	Elementos decorativos
Tecido	Estofa
Notas: Brocado de seda	

Medidas			
Tipo medida	Valor	Un. medida	Parte descrita
Altura	0,87	m.	
Largura	1,83	m.	
Profundidade	0,71	m.	

Origem					
País	Local admin.	Local	Latitude	Longitude	CODSIG
França					

Proveniência					
Tipo proven.	Entidade	Local	Data	Atribuição	Justificação
	Castelo de Fleury				

Notas: Adquirido na venda desta colecção

Técnicas		
Técnica	Parte descrita	Justificação
Marcenaria		
Brocado de seda	Estofa	
Cinzelagem	Bronzes	
Douramento	Bronzes	

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados inf. específica	Tipo relação
Autores	Desconhecido   [45]	Autorias	Desconhecido   Marceneiro   [1411]	

Notas: (directa)

Proprietários Duveen | [89]

Incorporações

Aquisição | [1249]

Notas: (directa)

Proprietários Galeria Georges Petit | [586]

Incorporações

Aquisição | [1249]

## Catalogação : Objectos

Page 3 of 3

Notas: (directa)

Proprietários Castelo de Fleury | [1089]

Proveniência [617]

Notas: (directa)

Todas  
Entidades Clara Serra | [981]Inventariantes Clara Serra | 6-12-2004 |  
[1324]

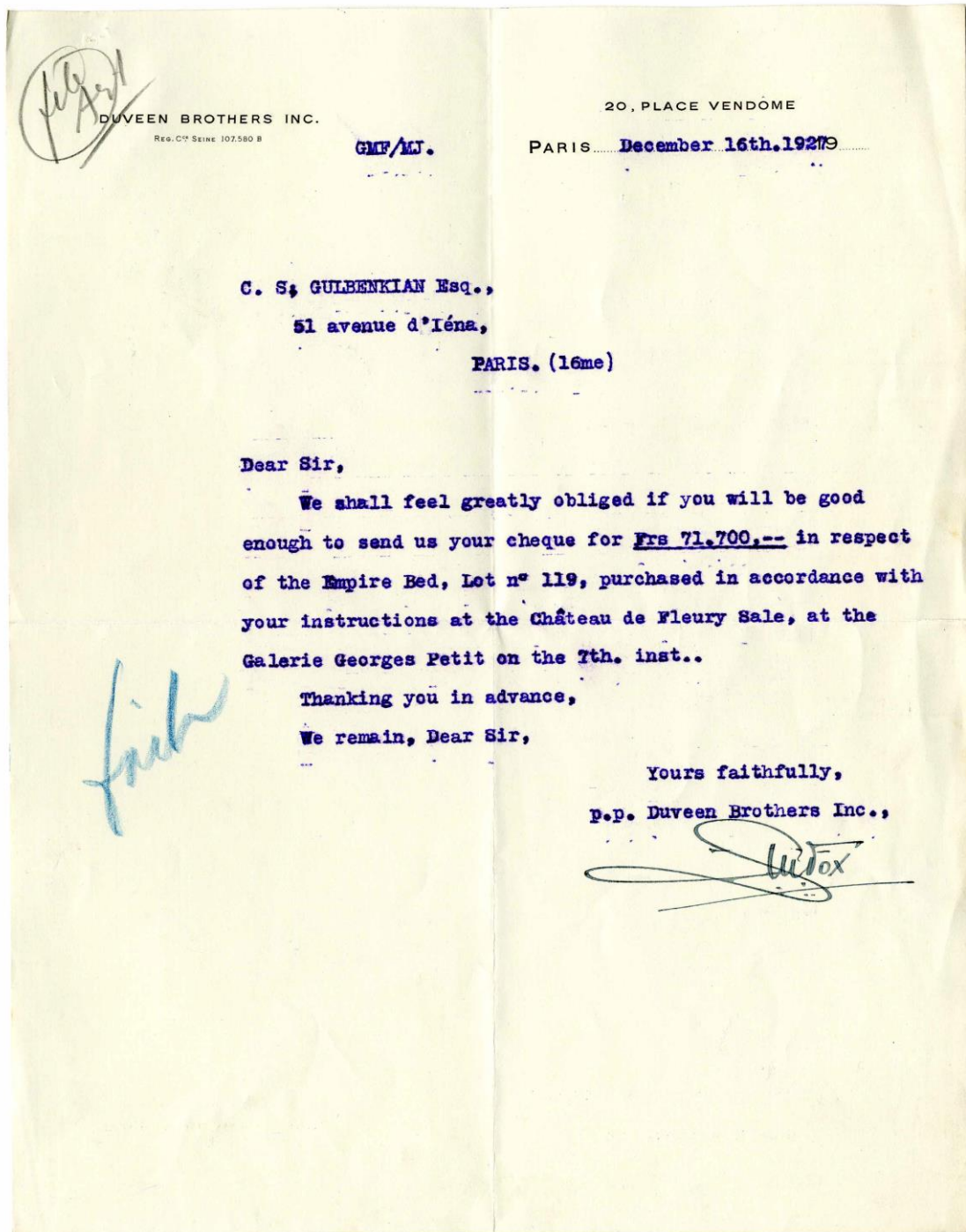
Notas: (directa)

Ficheiros Inv. 98 - N00286-75 | O:\Museu\04 - Documentos\07 - Material Fotográfico\01 -  
Inventário\MOBILIÁRIO\Inv. 98\Inv. 98 - N002 | [23383]



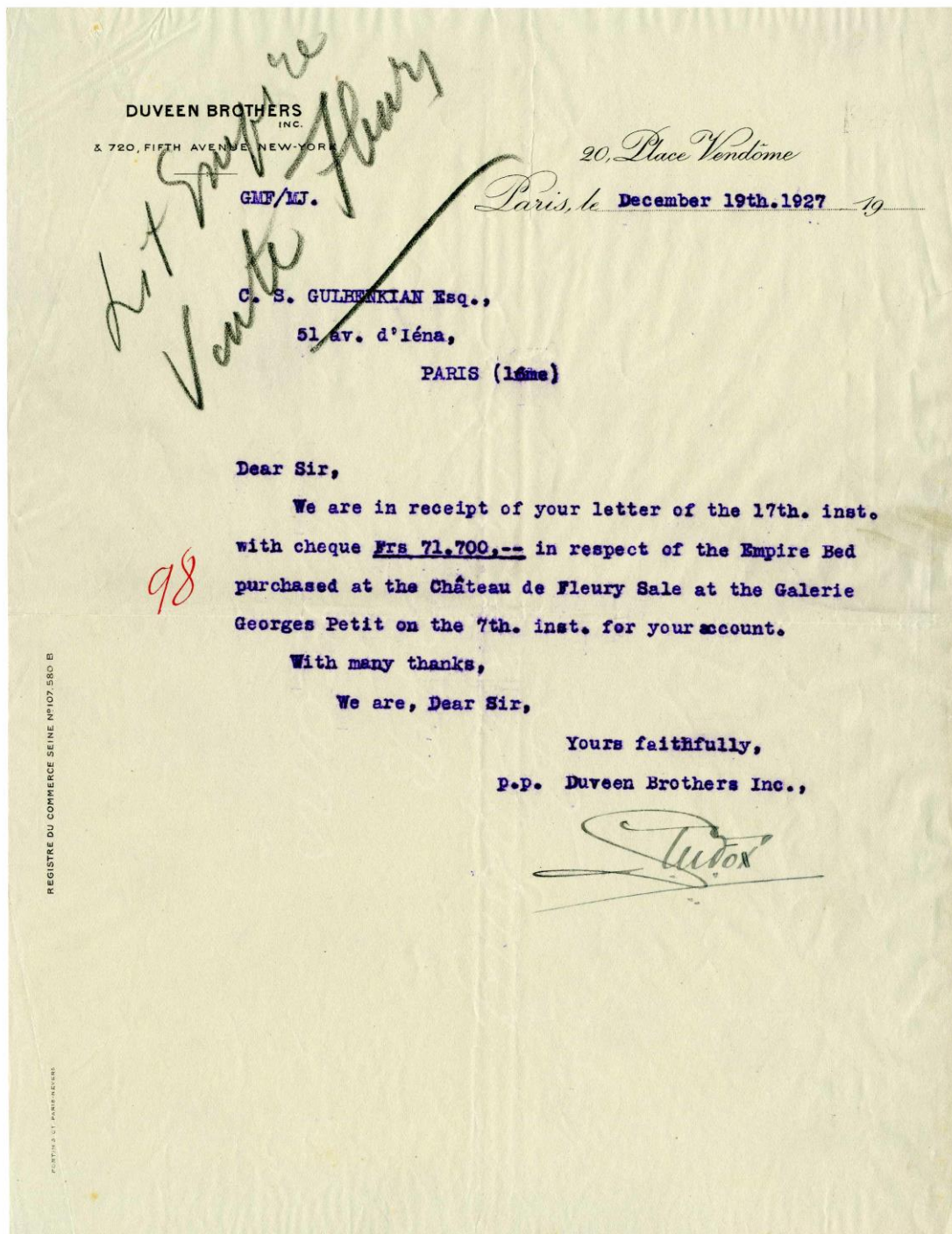
## ANEXO II – DOCUMENTAÇÃO REFERENTE À PROVENIÊNCIA DA PREGUICEIRA

- Correspondência enviada a Calouste Gulbenkian pelo intermediário da aquisição da preguiceira.



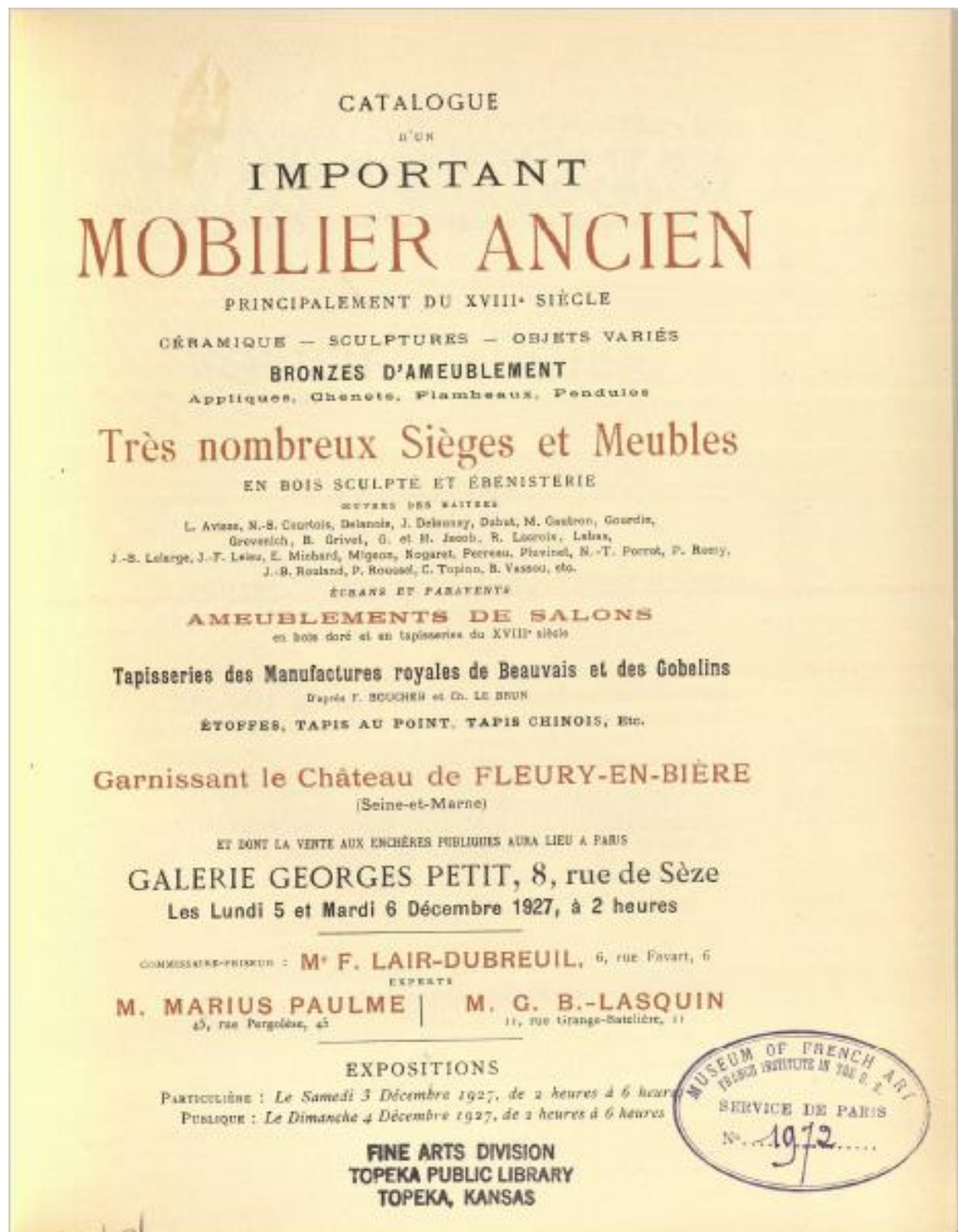


- Correspondência enviada a Calouste Gulbenkian pelo intermediário da aquisição da preguiceira.

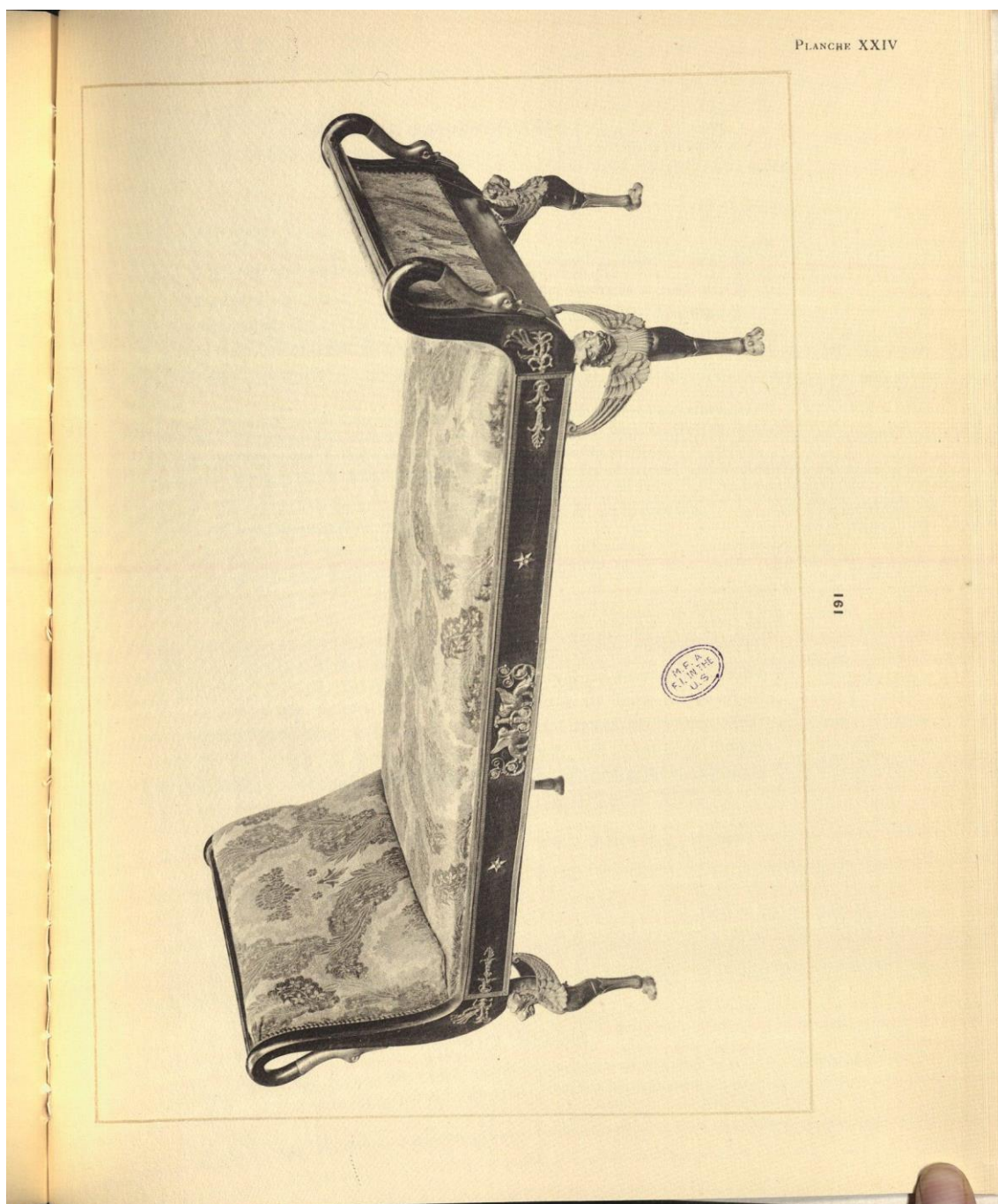




- “*Catalogue d'un important mobilier ancien*”, catálogo de 1927 (digitalizações cedidas pelo Getty Research Institute para fins de estudo).



- “*Catalogue d'un important mobilier ancien*”, catálogo de 1927 (digitalizações cedidas pelo Getty Research Institute para fins de estudo).



## ANEXO III – exames e análises laboratoriais

### ■ Espectros da análise de $\mu$ -FRX

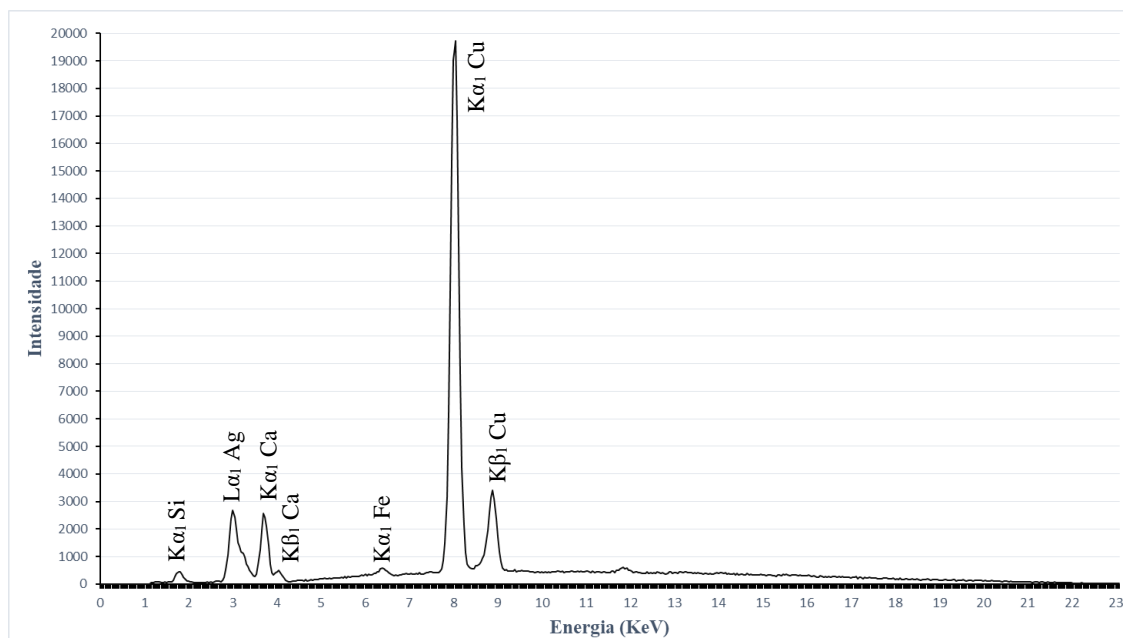


Figura 139 - Espectro  $\mu$ -FRX da amostra A1, onde são visíveis os picos característicos das energias de transição dos elementos cobre e ferro.

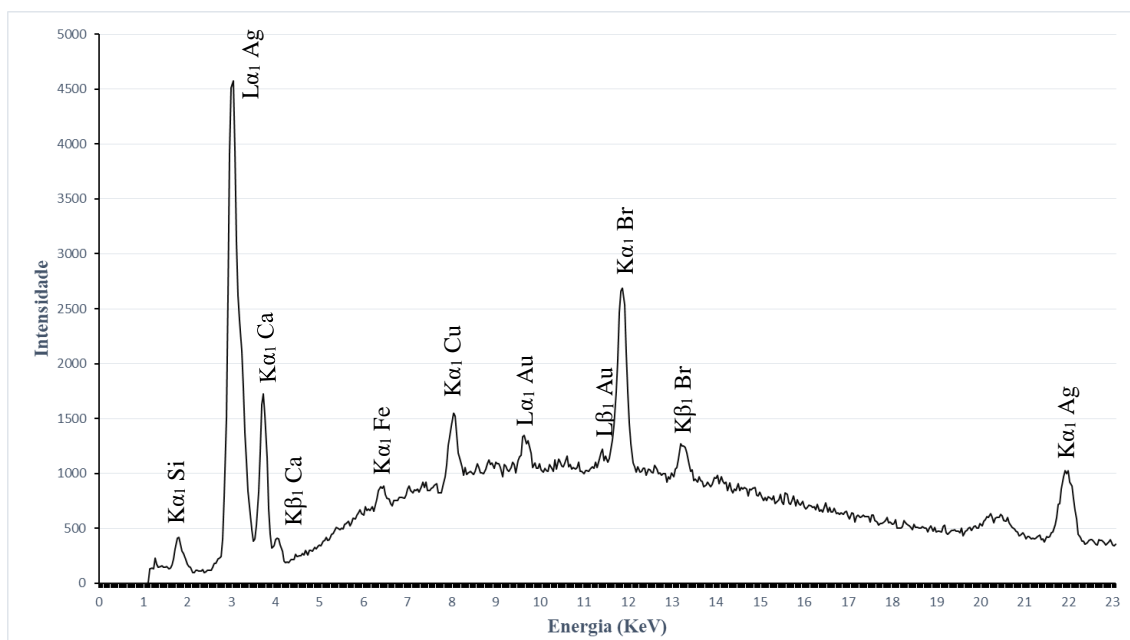


Figura 140 - Espectro  $\mu$ -FRX da amostra A3. Os picos das energias de transição com maior intensidade são atribuídos à prata, cobre, ouro, bromo (?) e cálcio (associado à lamina de vidro).

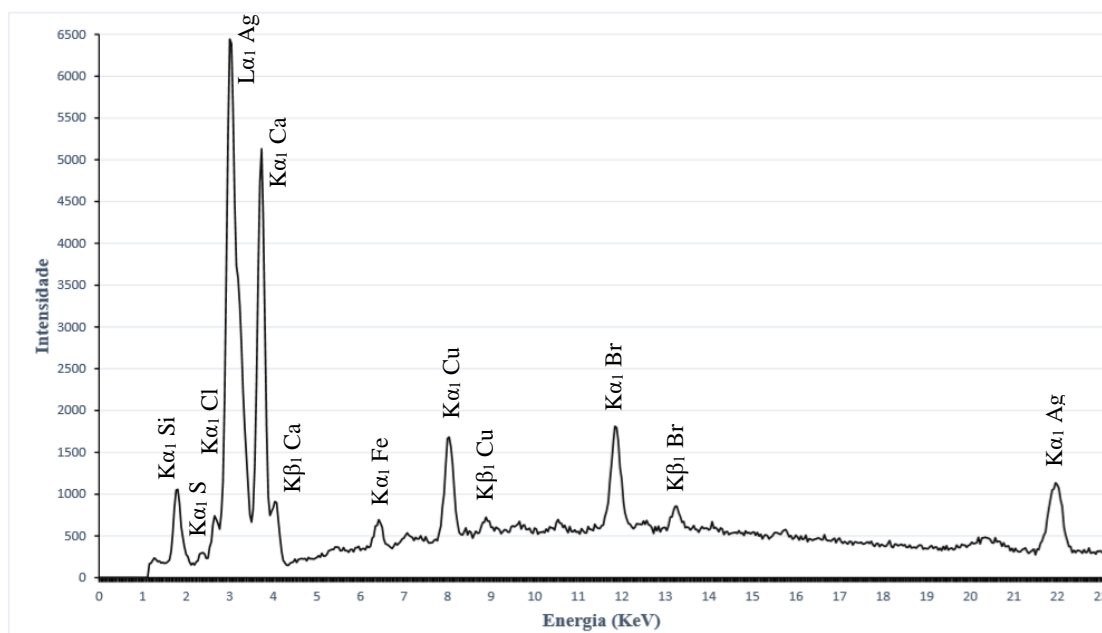


Figura 141 - Espectro  $\mu$ -FRX da amostra A4. Os picos das energias de transição com maior intensidade são atribuídos à prata, cobre, bromo (?) e ao cálcio (associado à lamina de vidro).

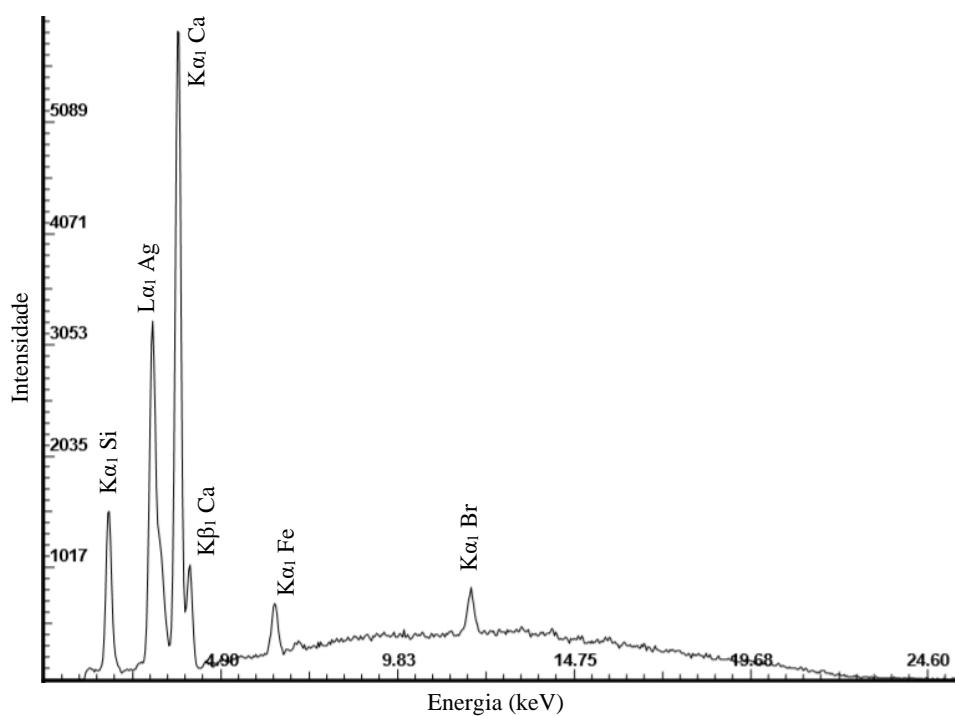


Figura 142 - Espectro  $\mu$ -FRX de lâmina de vidro, onde são visíveis os picos de silício, prata (da ampola fonte de raios X), cálcio, ferro e bromo (?).



- Análise de fibras vegetais e animais – locais de recolha



Figura 143 – Local de recolha da amostra A1.



Figura 144 - Local de recolha da amostra A2.



Figura 145 - Local de recolha amostra A3.



Figura 146 - Local de recolha das amostras A4 (fio metálico e fibra têxtil).



Figura 147 - Local de recolha amostra B.



Figura 148 - Local de recolha amostra C.



Figura 149 - Local de recolha amostra D.



Figura 150 - Local de recolha amostra D1.



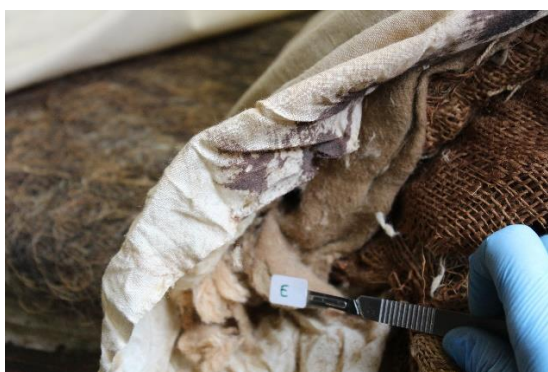


Figura 151 - Local de recolha amostra E.



Figura 152 - Local de recolha amostra F.



Figura 153 - Local de recolha amostra G.



Figura 154 - Local de recolha amostra H.



Figura 155 - Local de recolha amostra I.



Figura 156 - Local de recolha amostra J.











Figura 157 - Local de recolha amostra K.






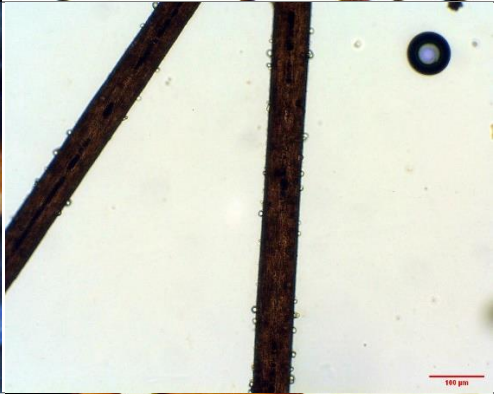

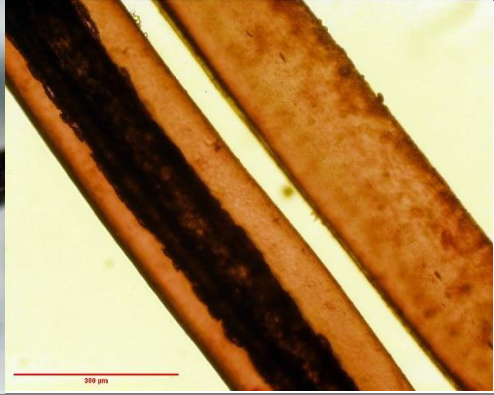





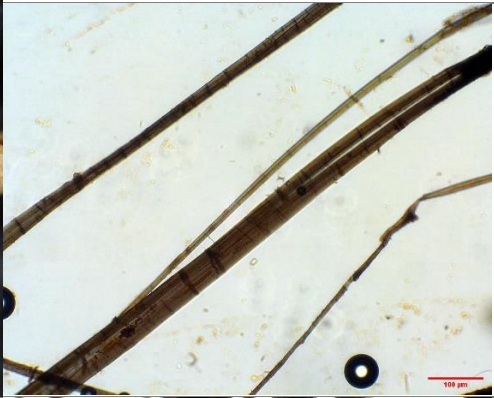




Figura 158 - Local de recolha amostra L.

▪ Análise de fibras vegetais e animais – observação por MO




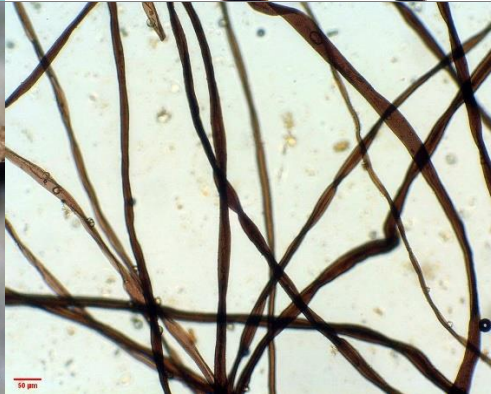

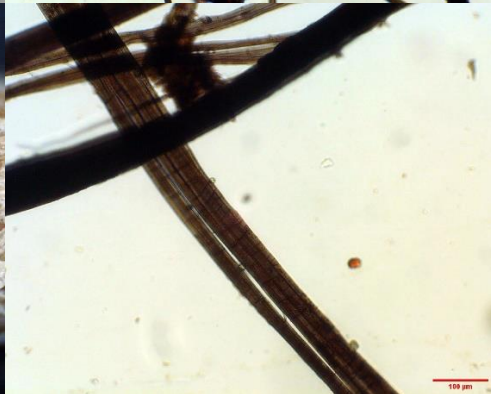

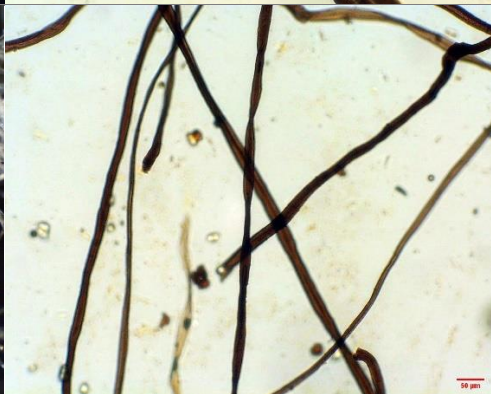
Amostra/ Material	Fotografia em MO com luz refletida – ampliação 40 x	Análise com reagente de Herzberg: Fotografia em MO com luz transmitida – ampliação de 100 x *
A1 Algodão		
A2 Seda		
A3 Seda		
A4 Algodão		



Amostra/ Material	Fotografia em MO com luz reletida – ampliação 40 x	Análise com reagente de Herzberg: Fotografia em MO com luz transmitida – ampliação de 100 x *
B Algodão		
C Algodão		
D Crina de cavalo		
D1 Crina de cavalo		

Amostra/ Material	Fotografia em MO com luz reletida – ampliação 40 x	Análise com reagente de Herzberg Fotografia em MO com luz transmitida – ampliação de 100 x *
E Algodão		
F Linho		
G Juta		
H Sisal		



Amostra/ Material	Fotografia em MO com luz refletida – ampliação 40 x	Análise com reagente de Herzberg: Fotografia em MO com luz transmitida – ampliação de 100 x *
I Juta		
J Algodão		
K Cânhamo		
L Algodão		

## ANEXO IV – REGISTO DE RESTAUROS

### ▪ Oficina de restauro de tecidos – 1959

Orçamento para a limpeza e desinfeção de 68 peças de mobiliário, forrado com tapeçaria, existentes no palácio de Oeiras.

=====

Exm<sup>o</sup>. Snr. Presidente da  
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

SERVIÇO  
DE BELAS-ARTES E MUSEU  
Recebido 12/6/59  
Reg.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 542

Depois do exame feito às peças, verifiquei ser necessário um tratamento preventivo de limpeza por se encontrarem excessivamente sujas de pó acumulado durante anos. O pó é muito prejudicial aos estofos porque seca as fibras dos textéis e provoca a sua desagregação.

A tapeçaria do mobiliário está excessivamente seca, tem de ser cuidadosamente escovada com escovas de cerdas, desinfectada com "Globol" directamente na tapeçaria e pulverizada com D.D.T. nos forros.

O tratamento é preventivo e de emergencia indicado para arrecadação das peças.

Devido ao estado de secura e sujidade em que se encontram, os estofos de tapeçaria necessitam ser lavados e reparados.

Durante a execução do trabalho de limpeza colher-se-ão elementos para o tratamento a fazer a cada peça quando estas entrarem em reparação.

O orçamento do trabalho será de Esc. 1.250\$00 (mil duzentos e cinquenta escudos) devendo a Fundação Gulbenkian adquirir para a execução do trabalho os objectos e ingredientes abaixo indicados.

Estes objectos ficarão propriedade da Fundação.

1 - 4 escovas de cerdas.....	180\$00
1 - 2 pinceis.....	8\$80
1 - 2 batedores.....	26\$00
2 pás de plastico.....	35\$00
1 - 1 pulverizador.....	22\$50
2 - 2 latas D.D.T.....	45\$00
1 - 1 Kg. de Globol.....	40\$00
1 - 4 panos de pó.....	20\$00
	<u>374\$30</u>

Apm.  
Facs.<sup>2</sup>  
LH 15/6/59 Maria José Tapinha  
11-6-59



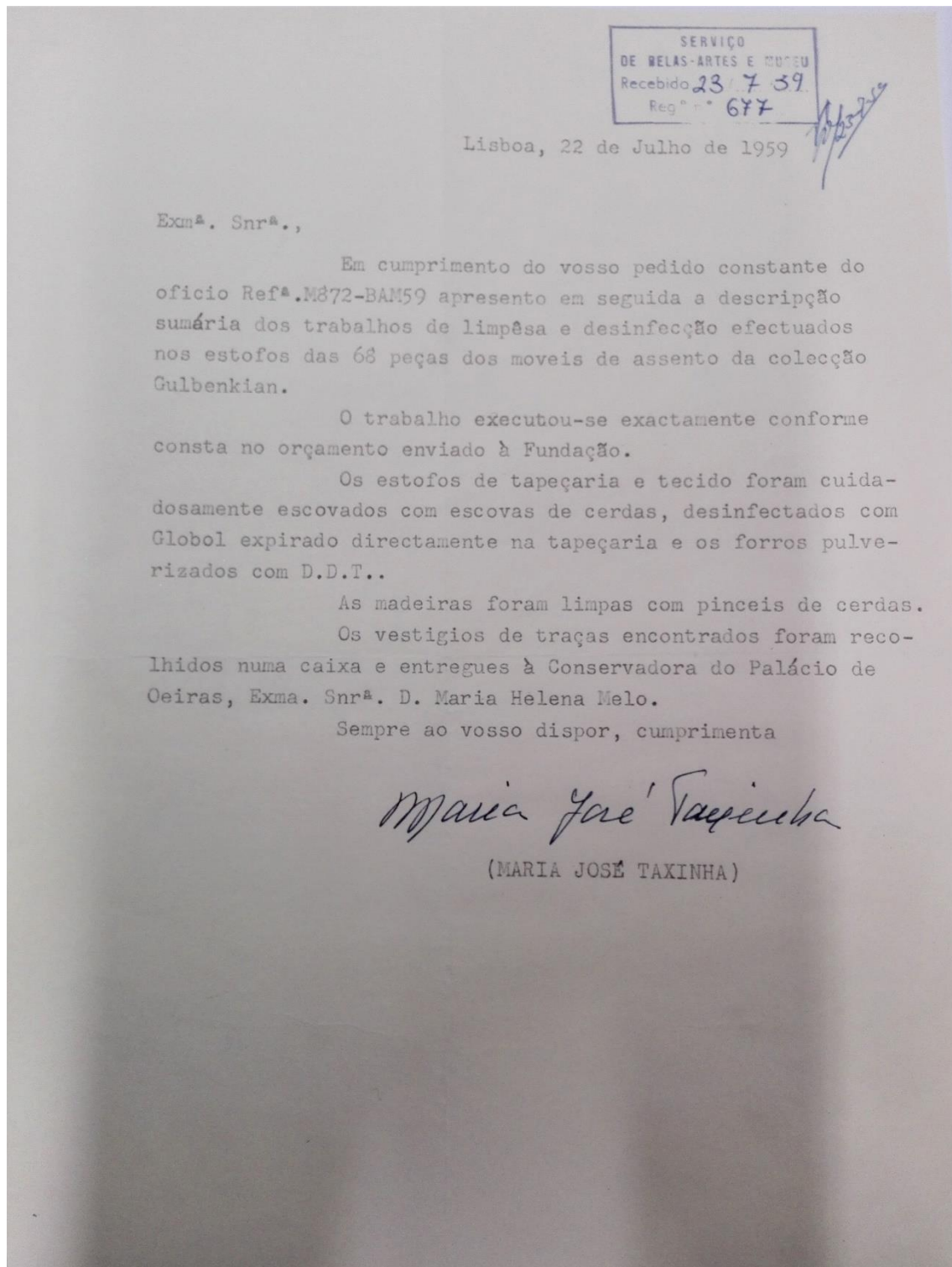
▪ Oficina de restauro de tecidos – 1959

4.

Inv. 1536	-	Cadeira com assento e costas de palha.-	Almofada de coiró.	Bom estado.
Inv. 98	-	Chaise longue.-	Brocado necessita reparação.	
Inv. 618	-	Cadeira - Setim amarelo,	Bom estado.	
Inv. 618	-	"	"	"
Inv. 618	-	"	"	"
Inv. 618	-	"	"	"
Inv. 618	-	"	Setim bege, necessita reparação.	
Inv. 618	-	"	"	"
Inv. 618	-	Cadeira de braços.-	Setim e veludo. Almofada necessita reparação. Está suja nas costas.	
Inv. 618	-	Cadeira de braços.-	Setim amarelo. Bom estado.	
Inv. 1527 A e 1527 B	-	Necessitam reparação.		
Inv. 1525	-	Cadeira de braços -	Brocado. Pequena reparação nos braços. Bom estado.	
Inv. 1528	-	Cadeira de braços -	Damasco. Pequena reparação nos braços.	
Os forros das costas das duas cadeiras estão estragados.				
Inv. 1531	-	Cadeira de braços -	Setim e veludo. Um dos <u>braços</u> a reparar. Bom estado.	
Inv. 1529	-	Cadeirão de braços -	Brocado. Um dos <u>braços</u> a reparar. Bom estado.	
Inv. 1539	-	Cadeirão.	Bom estado.	
Inv. 1526	-	Cadeirão -	Brocado. Reparação do assento e costas. Mau estado.	
Inv. 1540	-	Cadeira.	Bom estado.	
Inv. 1537	-	Cadeirão de braços -	Damasco. Bom estado.	
Inv. 586	-	Cadeirão de braços.	O veludo vermelho está muito gasto. Pequena reparação. Nódoas no assento.	
Inv. 47	-	Damasco verde.-	Muito estragado nas costas, assento e braços. Mau estado.	
Inv. 57	-	Chaise longue.-	Seda verde bordada a branco. Muito estragada nas almofadas. Mau estado.	
Inv. 587	-	Sofá -	Setim bege. Seda estragada na almofada do assento.	
6 peças estilo IMPÉRIO				
Inv. 6170	-	Cadeira -	Seda. Nódoas na almofada. Bom estado.	
Inv. 6170	-	Cadeira -	Seda. Nódoas na almofada. Bom estado.	
Inv. 6170	-	Cadeirão -	Seda. Nódoas no assento, galão gasto.	
Inv. 6170	-	"	"	A reparar no assento, várias nódoas.
Inv. 6170	-	"	"	Muito estragada no assento. Várias nódoas.
Inv. 6170	-	"	"	A reparar no assento, galões gastos.

*Maria José Taguicha* 17/1/59

▪ Oficina de restauro de tecidos – 1959





■ Maison André – 1962

<p style="text-align: center;"><b>MAISON ANDRÉ</b>  <i>Fondée en 1859</i>          S. A. R. L. au Capital de 16 250 NF</p> <p style="text-align: center;">RESTAURATION D'ŒUVRES D'ART          AGRÉÉE DES MUSÉES DE FRANCE          ET DES MONUMENTS HISTORIQUES</p> <p style="text-align: center;">Compte Chèque Postal PARIS 3203-89</p>	<p>15, RUE DUFRÉNOY          PARIS 16<sup>e</sup></p> <p>TROcadéro 33-61          R. C. SEINE 297-365</p>
--	---

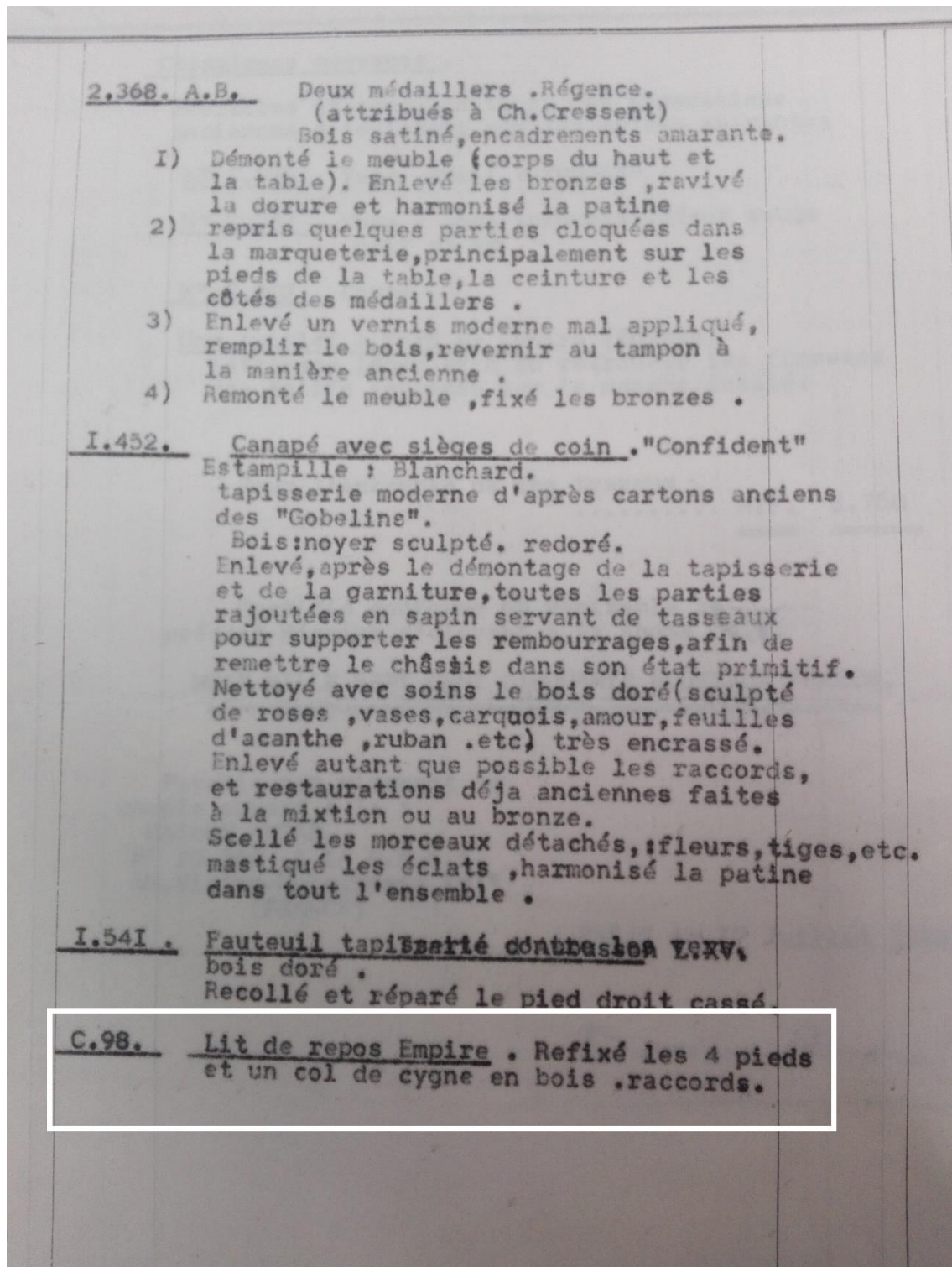
  

<p><b>M</b></p>	<p>Fondation CALOUSTE GULBENKIAN . LISBOA .</p> <p>PARIS, le <u>17 Juillet</u> 19<u>62</u></p>
-----------------	--

<p><u>Mémoire</u>          sel<sup>on</sup> devis du:  <u>27/1/1962.</u></p>	<p>Concernant les travaux exécutés sur les          meubles et les objets de la Collection:</p> <p style="text-align: center;"><u>CALOUSTE GULBENKIAN</u>          =====          au Palacio Marques de Pombal à OEIRAS .  <u>du 4 juin au 4 juillet 1962.</u></p> <p>✕ <u>N°. 2.221.</u> <u>Une grande bibliothèque, époque</u>  <u>Régence. (attr. à Cressent)</u>          Bois satine et amarante .</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Traité contre les vers .</li> <li>2) Démonté les bronzes ,nettoyé ceux-ci          et harmonisé la patine de l'or .</li> <li>3) Démonté entièrement le meuble ,          Refixé les parties cloquées ou décol-          lées sur chacun des éléments du meuble,          principalement sur le dessus assez abîmé .          et remplacé des morceaux manquants dans          le plaquage. (dessus et <u>Bas</u>)</li> <li>4) Nettoyé et ravivé le vernis .</li> <li>5) Remonté le meuble et refixé les bronzes.</li> </ol> <p><u>N°. 2.082.</u> <u>Bureau à cylindre .estampille:RIESNER.</u>          marqueterie bois de couleur et plaquage          amarante .</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Démonté le meuble :corps du haut,          cylindre,table,Enlevé les bronzes:          galerie,bras de lumière,chutes .          Nettoyé les bronzes très encrassés          afin de retrouver la patine ancienne          de la dorure .</li> <li>2) Révisé tout l'ensemble de la marqueterie.          (parties soulevées dans le dos du meuble          et le bas du côté gauche )</li> <li>3) Nettoyé et ravivé le vernis .</li> <li>4) Remonté le meuble et refixé les bronzes.</li> </ol>
--	---

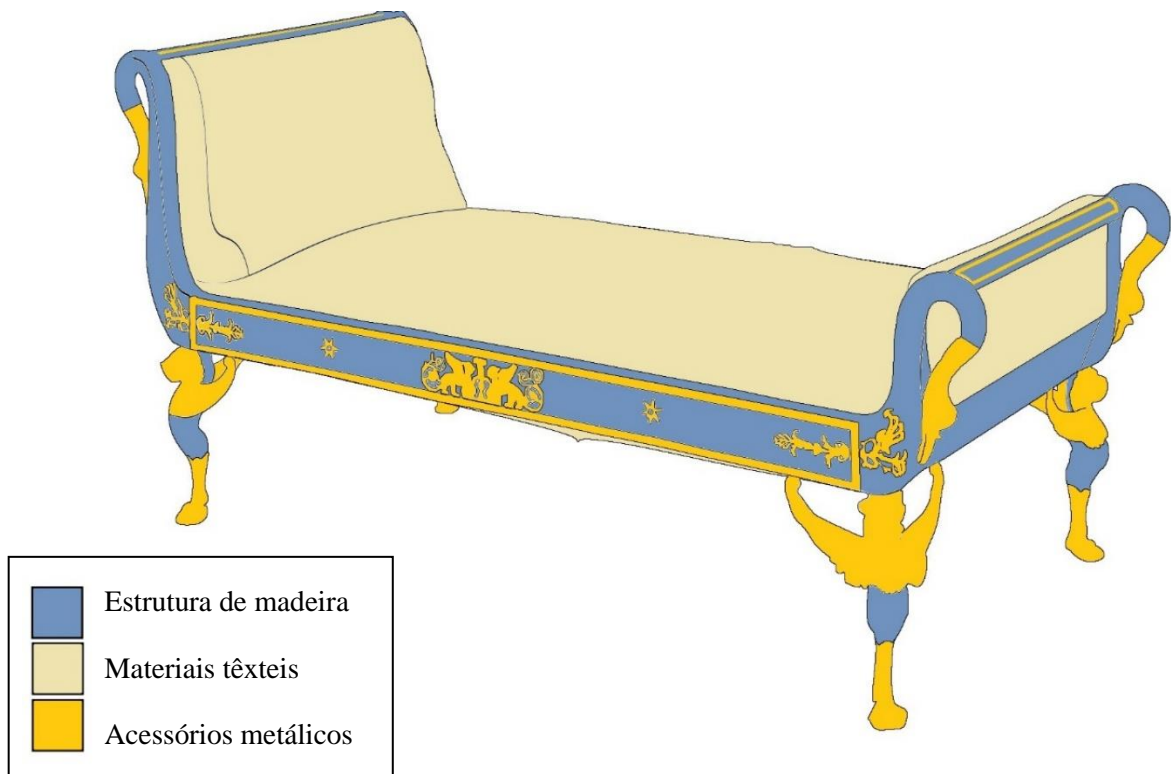
▪ Maison André – 1962



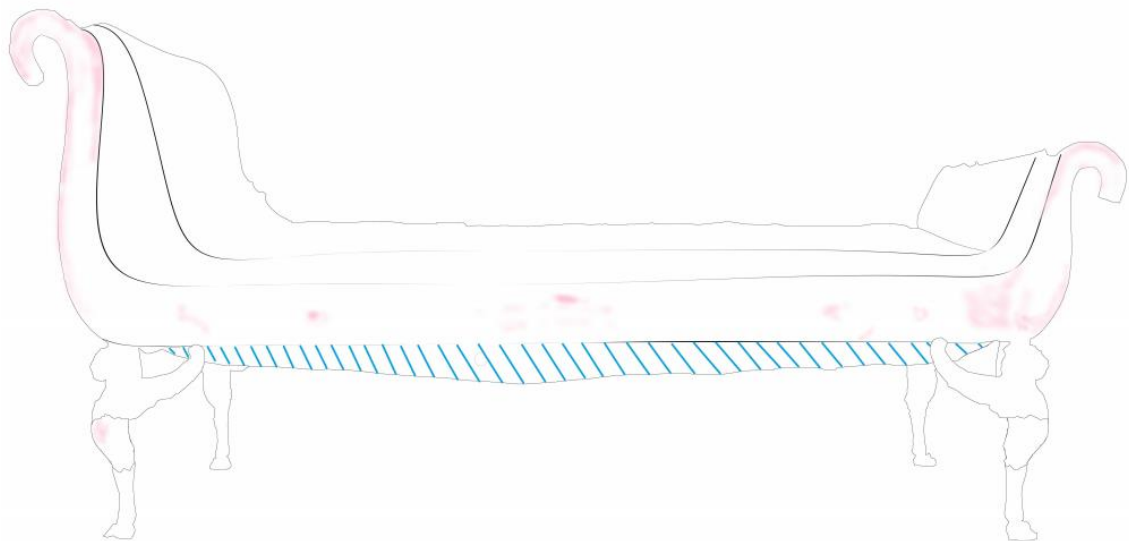


## ANEXO V – REGISTOS GRÁFICOS DA PREGUICEIRA

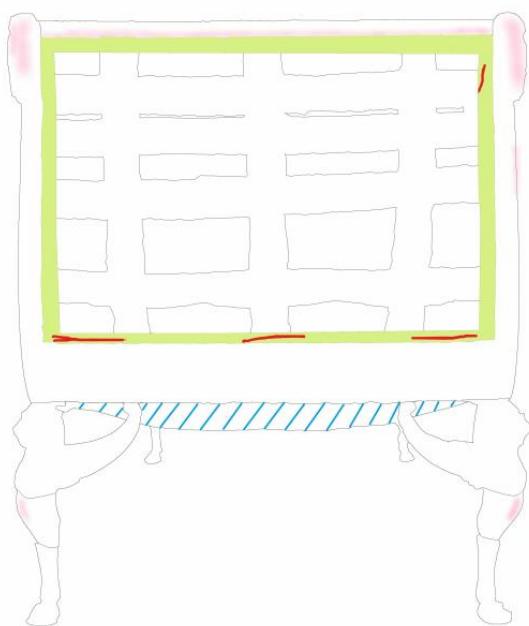
- Desenho técnico e mapa de materiais







- Mapeamento de danos e alterações

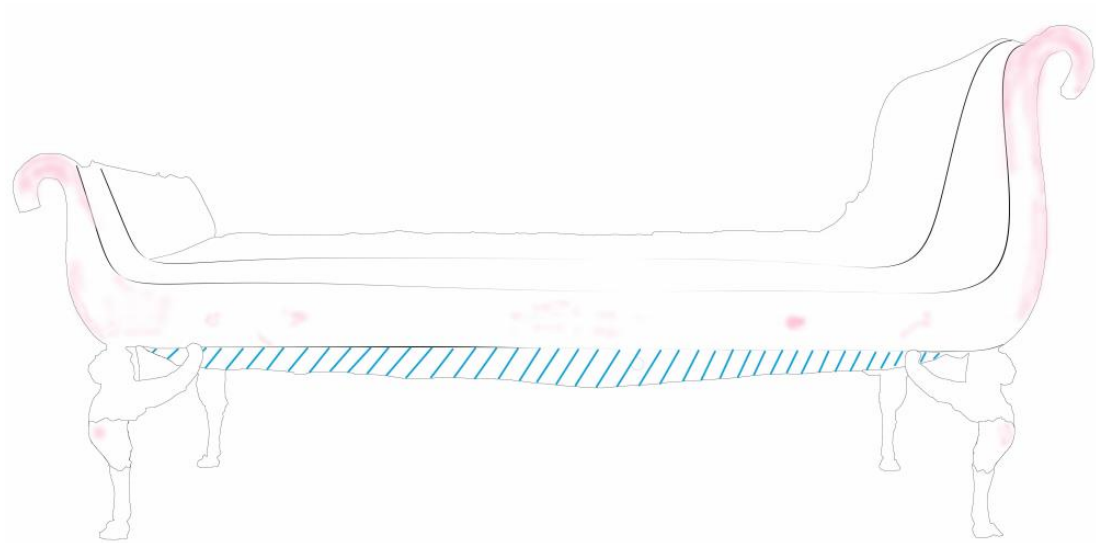


Vista anterior (frontal)

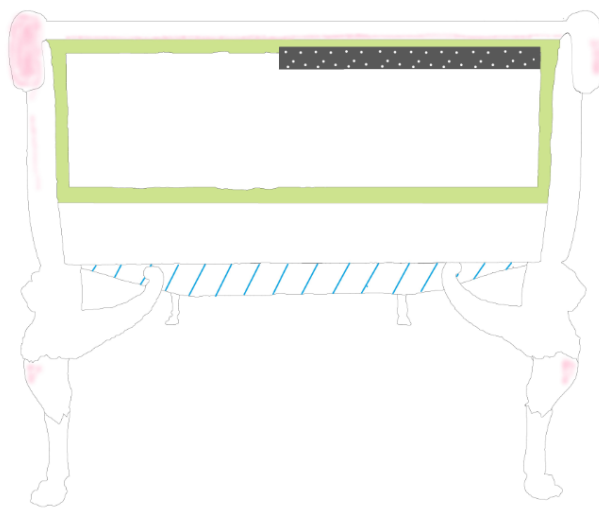


Vista lateral direita  
(espaldar)

	Fissuras, fendas e fraturas.
	Áreas de lacunas – orifícios de pregos.
	Desgaste de superfície
	Decaimento do estofó.



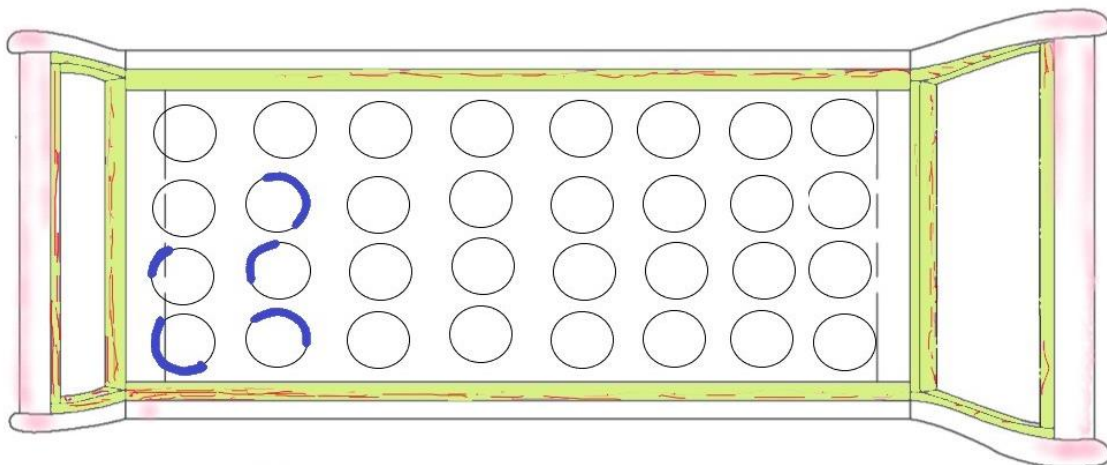
Vista posterior (verso)



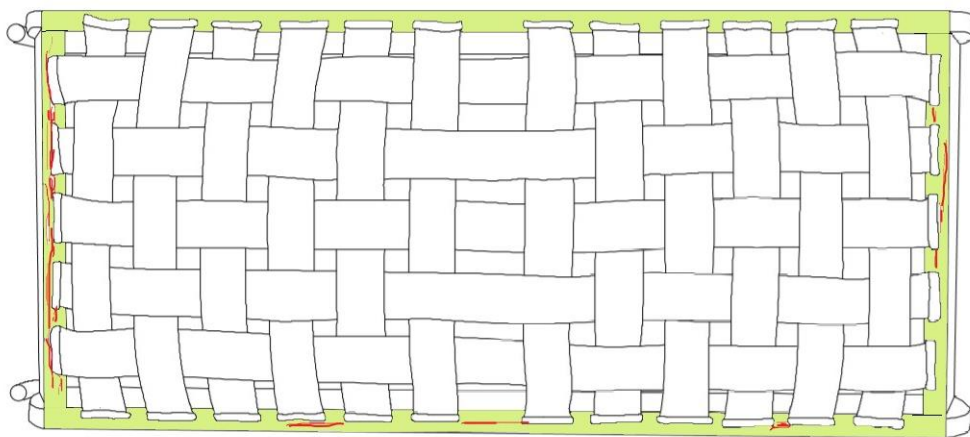
	Decaimento do estofado.
	Áreas de lacunas – orifícios de pregos.
	Desgaste de superfície.
	Restauro -remendo.

Vista lateral esquerda  
(anteparo dos pés)





Vista superior



Vista inferior

	Fissuras, fendas e fraturas.
	Áreas de lacunas – orifícios de pregos.
	Desgaste de superfície.
	Corrosão das molas em aço macio.

## ANEXO VI – PROPOSTA DE TRATAMENTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE TÊXTEIS

Atelier de Conservação e Restauro de Têxteis

Rua 4 de Infantaria n.º 100 4º Dtº 1359-270 Lisboa

Contactos: 213646735 – 963531796 - E-mail: [filipempedro@gmail.com](mailto:filipempedro@gmail.com)

### Proposta de Tratamento de Conservação e Restauro de Têxteis para os Tecidos de Revestimento de uma *Chaise-Longue, Pertencentes à Fundação Calouste Gulbenkian*

#### Objetivo da intervenção

A presente proposta visa estabilizar materialmente a *Chaise-Longue* pertencente à Fundação Calouste Gulbenkian, com objetivo principal de recuperar a ligação entre os materiais constituintes, madeira, têxteis e metais. A intervenção deverá ser articulada com conservadores-restauradores de madeira. Como objetivo final pretende-se que a *Chaise-Longue* possa ser colocada em exposição, sendo manuseada com a devida cautela, considerando a fragilidade dos têxteis e a dimensão do objeto

**Descrição sumária:** Trata-se de tecidos de revestimento exterior em tecido lavrado e interiores em tecido com motivos florais pertencentes a uma *Chaise-Longue*.



Foto 1 – Aspeto geral dos tecidos

#### 1. Estado de conservação dos têxteis

**Apreciação geral:** tecidos em mau estado de conservação;

**Alteração de cor:** desvanecimento generalizado dos tons;

**Alteração das fibras:** perda parcial da resistência das fibras;

**Sujidade:** depósitos de sujidade superficial e intensa na forma de poeiras;

**Alterações estruturais:** inúmeras lacerações, lacunas de matéria, de remate e de ligação entre panos teias e tramas com fios soltos.

## 2. Proposta de tratamento

- **Desmontagem dos elementos têxteis:** identificação cada um dos tecidos acondicionados em *tyvek* e enrolados em rolos de PVC para transporte;
- **Limpeza mecânica:** para remoção da sujidade superficial, com aspirador de sucção controlada e bastidor de proteção da superfície. Se necessário, utilização de estilete e pinça para remoção de eventuais depósitos de sujidade;
- **Limpeza por via húmida:** todos os tecidos serão limpos por via húmida com água corrente e utilização de um detergente neutro (saponária). Como meios auxiliares utilização de esponjas de coral, pinceis e rolos de PVC;
- **Planificação e secagem:** A planificação e secagem dos tecidos será efetuada sobre uma superfície lisa;
- **Tingimento de todos os materiais novos:** a aplicar na consolidação, com corantes sintéticos da *Dylon®*, nos tons das áreas a intervir.
- **Estabilização dos tecidos:** por ponto de agulha, de forma a restituir um equilíbrio estrutural que mantenha as superfícies homogeneamente estáveis, evitando perdas de material nos limites das zonas de diferente resistência, como áreas de lacerações e rasgões, e colmatando lacunas. Serão colocados suportes de seda totais ou parciais, dependendo da extensão das áreas degradadas e a fixação será realizada com fios de seda e ponto de bolonha.
- **Proteção dos tecidos:** nas dobras com tule de nylon e fio de seda.
- **Montagem dos tecidos:** cada tecido será colocado na posição inicial; os limites dos tecidos serão protegidos com fita de algodão para poderem ser fixos com recurso a agrafos em metal estabilizado;
- **Relatório sobre a intervenção:** relatório escrito e fotográfico às várias fases do tratamento.

## 3. Considerações gerais:

- **Todos os materiais novos** introduzidos serão lavados de forma a remover produtos de acabamento e produtos introduzidos durante o seu fabrico, que poderão provocar alterações no tecido original. Cada material novo será tingido ao tom da zona onde será aplicado, com uma marca de corantes sintéticos – *Dylon®*; a utilização de corantes sintéticos deve ser sempre preferida em detrimento dos naturais, uma vez que os primeiros são mais estáveis e permitem a repetição de um tingimento para uma mesma cor.
- **Na escolha dos materiais para usar na consolidação** (suportes e linhas), será tida em conta a semelhança com o material original, para que as alterações que possam ocorrer sejam idênticas em ambos.
- **No que respeita a suportes**, irá considerar-se a semelhança entre as características dos dois tecidos, a resistência física e química dos materiais, a flexibilidade e o tipo de tecelagem (densidade de fios e textura). Quanto à colocação do suporte, a direção das teias e das tramas do suporte irão ser colocadas na mesma direção que as teias e as tramas do tecido original, respectivamente, para que eventuais variações no material ocorram e forma idêntica
- **Quanto às linhas a usar**, se por um lado elas devem suportar o material original e manter-se íntegras, realizando a função para a qual foram introduzidas, por outro lado, se forem demasiado fortes poderão quebrar as linhas originais pela introdução de tensões excessivas.

- **Na consolidação dos tecidos**, irá optar-se pela utilização de fio de seda, uma vez que além de compatível com o material original, é bastante resistente à ruptura, consegue ser bastante fino, por isso é imperceptível e quando degrada não liberta produtos nocivos.
- **A montagem dos vários elementos**, será realizada conforme a técnica original, utilizando o mesmo tipo de pontos e fio de costura.

**TÉCNICOS RESPONSÁVEIS PELA INTERVENÇÃO**

- Luís Filipe Monteiro Pedro
- Teresa Segarra Marques

**Orçamento:**

O orçamento com materiais incluídos é de:  com 25 % de retenção na fonte e acrescidos de IVA à taxa legal.

**O tempo previsto para o tratamento é de 3 meses.**

Lisboa, 5 de Dezembro de 2018

Atenciosamente,

Luís Filipe Monteiro Pedro

Nota 1: Qualquer alteração à proposta acima indicada será discutida à priori com o proprietário.